



**UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA**

---

**ANA CRISTINA SILVA SANTOS**

**VIDA COTIDIANA NO JARDIM UNIÃO DA VITÓRIA:  
SOBREVIVÊNCIA E SOCIABILIDADE**

---

**Londrina  
2003**

**ANA CRISTINA SILVA SANTOS**

**VIDA COTIDIANA NO JARDIM UNIÃO DA VITÓRIA:  
SOBREVIVÊNCIA E SOCIABILIDADE**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Profª Drª Ana Maria Chiarotti de Almeida

**Londrina  
2003**

SANTOS, Ana Cristina Silva. *Vida cotidiana no Jardim União da Vitória: sobrevivência e sociabilidade*. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

## RESUMO

O presente trabalho visa compreender como vivem e sobrevivem grupos sociais que habitam as periferias da cidade, mais especificamente, o bairro Jardim União da Vitória, localizado na zona sul do município de Londrina, através de uma discussão sobre o cotidiano. A partir da noção de “inclusão precária”, procuro demonstrar como os moradores desse bairro vivenciam experiências que evidenciam o pragmatismo próprio que envolve o cotidiano, numa luta diária pela sobrevivência. Neste sentido, análises sobre o cotidiano, sob uma perspectiva crítica, contribuem para a compreensão de um processo que acaba por definir a produção e a reprodução da segregação social e espacial nas cidades.

**Palavras-chave:** cotidiano; cidade; periferia; exclusão social.

SANTOS, Ana Cristina Silva. *Daily life in Jardim União da Vitória: survival and sociability*. 2003. Dissertation (Master's Degree in Social Sciences). State University of Londrina, Londrina.

## ABSTRACT

The present paper aims at understanding the living and survival of social groups by discussing daily life. More specifically, the social group investigated resides in Jardim União da Vitória district, on the outskirts of Londrina – PR, Brazil. Based on the notion of 'precarious inclusion', I try to demonstrate the way in which the residents of this district live experiences that show the very pragmatism concerning daily life in the struggle for survival. In this sense, analysis of daily life on a critical perspective contributes to the comprehension of a process which defines the production and reproduction of social and geographical segregation in cities.

**Key-words:** daily life; city; outskirts; social exclusion.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	05
<b>2 A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE CONHECIMENTO E OS DILEMAS DA PESQUISA DE CAMPO</b> .....	19
<b>3 LONDRINA – NOTAS SOBRE A HISTÓRIA DO MUNICÍPIO E A FORMAÇÃO DE BAIROS PERIFÉRICOS: O CASO DO JARDIM UNIÃO DA VITÓRIA</b> .....	31
<b>4 COTIDIANO E PERIFERIA: UM DEBATE E MUITAS SIGNIFICAÇÕES</b> .....	42
<b>5 COTIDIANO E SOBREVIVÊNCIA NO UNIÃO DA VITÓRIA</b> .....	61
5.1 AS TRAJETÓRIAS DE VICENTINA, NEUSA, EDGAR E JOSÉ – A CONSTRUÇÃO DA VIDA .....	68
5.2 TRABALHO E EXCLUSÃO: A LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA ALÉM DA FORMALIDADE E INFORMALIDADE .....	93
5.2.1 O tempo do capital e o tempo da vida – a coexistência de diferentes temporalidades .....	98
5.3 A VIDA “DENTRO” E “FORA” DO UNIÃO DA VITÓRIA: A ROTINA DO DIA-A-DIA E O CONTROLE DA VIDA .....	104
5.4 A PERSPECTIVA DE FUTURO – ENTRE A ESPERANÇA E A IMPOSSIBILIDADE DE MUDANÇAS .....	121
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	127
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	133
<b>ANEXOS</b> .....	139
ANEXO 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA .....	140
ANEXO 2 – DADOS PESSOAIS E TRAJETÓRIAS DOS ENTREVISTADOS .....	143

## 1 INTRODUÇÃO

Análises sobre a vida cotidiana têm atualmente despertado interesse entre diversos estudiosos não só da área de Sociologia e Antropologia, como também da História e Filosofia.

Como exemplo temos a corrente conhecida como “Nova História”, a qual aponta para a necessidade de dirigir os estudos para o homem comum e seu contexto, dando espaço para a história do cotidiano e das mentalidades. Em termos gerais, essa corrente enfatiza a vida privada, ou seja, os usos e costumes dos povos numa perspectiva da rotina diária<sup>1</sup>. Na Filosofia verificamos, entre outras, as análises de Georg Lukács<sup>2</sup>, Henri Lefebvre e Ágnes Heller<sup>3</sup>, enfatizando a importância de estudos sobre a vida cotidiana com a finalidade de compreender a reprodução da vida social. São análises que, em geral, se voltam para a existência do homem comum, aos ambientes de pequena escala (grupos de parentesco, vizinhança, família, entre outros), aos sistemas de interação, enfim, a um cotidiano compartilhado<sup>4</sup>.

Na Sociologia, estudos sobre a vida cotidiana, muitas vezes, acabam por estabelecer fronteiras tênues com a Antropologia, ao realizarem um trabalho etnográfico privilegiando grupos de pequena escala, transitando, desse modo, tanto entre as circunstâncias mais específicas e particulares quanto entre as mais gerais

---

<sup>1</sup>Entre alguns expoentes dessa corrente, estão Marc Bloch, Lucien Febvre e Jacques Le Goff. Mas, desde já, é importante chamar a atenção para o fato de se tratar de uma abordagem diversa daquela proposta pela Sociologia da Vida Cotidiana, como será mostrado adiante.

<sup>2</sup> A obra *Estética I* (1966), desse autor, serve de parâmetro para muitos estudos sobre a vida cotidiana, a exemplo de Ágnes Heller.

<sup>3</sup> A partir de 1978, Ágnes Heller se afasta das influências recebidas tanto de Lukács como do próprio Marx (GRANJO, 1996). No presente estudo serão destacadas ambas as fases, ou seja, aquela em que a autora ainda se pauta fundamentalmente nos pressupostos do materialismo histórico e materialismo dialético e, também, a que se aproxima da corrente de pensamento existencialista, ao rediscutir a “Teoria das Necessidades Radicais” (inicialmente formulada por Karl Marx).

<sup>4</sup> Cabe ressaltar que na Literatura escritos como os de Joyce, Balzac e Flaubert, por exemplo, já se voltam para as facetas da cotidianidade (LEFEBVRE, 1991). Há, também, entre alguns autores contemporâneos, os escritos

da reprodução da vida social. São estudos que, também, privilegiam os espaços intersticiais e as redes de relações sociais, tornando-se, portanto, preciosas pistas para um entendimento de como grupos sociais se organizam através da vivência do dia-a-dia. Como afirma PAIS,

/.../ o cotidiano pode constituir um lugar privilegiado da análise sociológica na medida em que é um lugar revelador, por excelência, de determinados processos do funcionamento e da transformação das sociedades e de determinados conflitos que opõem os agentes sociais (PAIS, 1986, p.8).

Independentemente das diferentes orientações teóricas, há um esforço para que a Sociologia da vida cotidiana consiga adquirir um estatuto de ciência ao procurar se legitimar em torno de três dimensões que lhe servem de base: o paradigma do sujeito como agente histórico, o papel da intersubjetividade (como elemento fundamental do conhecimento do *mundo da vida*<sup>5</sup> em sua ligação com o universo de compreensão da Sociologia do conhecimento) e, também, a dialética. Torna-se, portanto, imprescindível, que a Sociologia da vida cotidiana se baseie na elaboração de proposições epistemológicas (PAIS, 1986; TEDESCO, 1999).

Enquanto muitas dessas discussões buscam apoio em uma perspectiva crítico-dialética, considerando o espaço dos homens históricos reais, outras conferem ênfase ao mundo da vida, abrindo espaço para análises de atividades de tipo relacional aproximando-se, portanto, da fenomenologia e do método compreensivo.

É possível, entretanto, afirmar que, apesar das diferentes formas de entendimento e interpretações teóricas acerca da dimensão cotidiana, há o

---

de Italo Calvino, para quem /.../ a grande literatura desautomatiza a visão das coisas cotidianas (CALVINO 2000, p.07).

<sup>5</sup> Expressão utilizada por Alfred Schutz inspirada na fenomenologia social do pensamento de Edmund Husserl (CAPALBO, 1996).

reconhecimento de que não existe qualquer atividade humana que não esteja ligada, de alguma maneira, à realidade do concreto humano ou inserida numa cotidianidade, como diria Ágnes Heller, inspirada em Lukács (HELLER, 1989). O que significa aceitar, tal como LEFEBVRE (1991), que o cotidiano é uma soma de insignificâncias, mas não de insignificantes. Mais ainda, segundo KOSIK (1976), é o lugar do homem concreto, do imediato, do pragmático; conforme HELLER (1989), é o lugar da reprodução individual e, dessa forma, da reprodução social, ou como afirma ARENDT (1987), é a dimensão fundamental da condição humana.

O cotidiano, neste trabalho, é tratado conforme a perspectiva crítico-dialética (NETTO, 1996), o que significa aceitar que a vida cotidiana é um produto histórico e, para compreendê-la, torna-se necessário estabelecer relações dialéticas recíprocas e de implicações entre fatos, ou seja, entender que */.../ a cotidianidade tem uma relação estreita (encadeamento) com as formas de organização e de existência da sociedade* (TEDESCO, 1999, p.28). Segundo HELLER, */.../ a vida cotidiana não está 'fora' da história, mas no 'centro' do acontecer histórico: é a verdadeira 'essência' da substância social* (HELLER, 1989, p.20).

Neste sentido, a crítica da vida cotidiana implica abrir a cotidianidade ao histórico, político e social, a fim de promover uma transformação radical do cotidiano. É importante destacar que nem todas as abordagens que tratam desse tema enfatizam a dimensão crítica e os processos sócio-históricos e estruturais que constituem e se constroem no cotidiano. Isso porque, conforme já foi citado anteriormente, há aquelas abordagens que privilegiam os estudos fenomenológicos. Independente disso, a origem deste campo de análise – cotidiano – sempre gerou polêmica devido aos seus métodos de apreensão do real, suas epistemologias e sua importância para o conjunto do campo sociológico (TEDESCO, 1999).

Estudar o cotidiano implica, também, aceitar alguns pressupostos pouco ortodoxos aos argumentos da cientificidade, por ter que trabalhar com ações efêmeras e elementos da subjetividade. Por isso, a necessidade de se evitar generalizações objetivas, continuidades desconexas e descontextualizadas, priorizando a pesquisa empírica, a fim de se perceber os movimentos e as transformações por que passam e que constituem as práticas cotidianas. Somente através da pesquisa empírica é possível

/.../ desvelar o implícito e o oculto nas estruturas das relações cotidianas, relacioná-las de modo analítico-teórico às articulações e relações mais amplas, inseridas nas transformações histórico-sócio-econômico e cultural em curso (TEDESCO, 1999, p.194).

BALANDIER (apud TEDESCO, 1999) afirma que a ligação existente entre comunidade e cotidiano delimita as ligações sociais, representações e simbolizações e, também, delimita as negociações e imaginários. Alerta, ainda, para a importância da observação direta e participante, do estudo de situações e de interações, do método de história de vida etc., além do intercâmbio entre os campos antropológico e sociológico, resultando, assim, o que denomina de *Antropologia da Sociologia do cotidiano* (BALANDIER apud TEDESCO, 1999, p.206).

Trata-se, enfim, do desafio de se pautar em paradigmas que permitam ao pesquisador transitar entre os planos da micro e da macroanálise sociológica, ou seja, entre o âmbito dos comportamentos dos indivíduos e os planos que resultam do entrelaçamento de variáveis macrossociológicas, tais como poder, ideologia, autoridade, desigualdades sociais, entre outros (PAIS, 1986). Ou, ainda, como afirma LUKÁCS

/.../ a sociedade só pode ser compreendida em sua totalidade, em sua dinâmica evolutiva, quando se está em condições de entender a vida cotidiana em sua heterogeneidade universal. A vida cotidiana constitui a mediação objetivo-ontológica entre a simples reprodução espontânea da existência física e as formas mais altas de genericidade agora já existentes /.../, conseqüentemente, um estudo apropriado desta esfera da vida pode também lançar luzes sobre a dinâmica interna do desenvolvimento da genericidade do homem, precisamente por tornar compreensíveis aqueles processos heterogêneos que, na realidade social dão vida às realizações de genericidade (LUKÁCS, 1966, p.23).

Nesse sentido, torna-se necessário tomar como ponto de partida o sujeito que, mesmo enquanto um ser particular, individual, com relações próximas, regulares, intensivas, fixas ou mutáveis etc., tem os grandes dispositivos sociais presentes em sua vida. Isso significa considerar o lado sensível e prático das relações sociais, do que é vivido e concebido, a subjetividade, as representações e as imagens, mas sem deixar de lado uma perspectiva crítica, ou seja, a historicidade e o contexto mais amplo (TEDESCO, 1999).

Por isso, a importância de, ao se estudar a vida cotidiana, analisar as situações, os fragmentos e fatos que a caracterizam, visando apreender nestes a expressividade de elementos que sejam totalizantes, pois como diz HELLER, /.../ *a vida cotidiana é a vida do homem inteiro* (HELLER, 1989, p.17), no sentido de que no cotidiano o homem está presente com todos os aspectos de sua individualidade e personalidade. É onde se coloca “em funcionamento” todos os seus sentidos, seus sentimentos, suas capacidades intelectuais, paixões, idéias e ideologias. Em outras palavras, na vida cotidiana o indivíduo é sempre, ao mesmo tempo, um *ser particular* e *ser genérico* (HELLER, 1989, p.20).

Ao mesmo tempo em que os indivíduos estão, cotidianamente, se identificando através de um sistema de interação construído em ambientes de pequena escala (grupos de parentesco, vizinhança, família, entre outros) estão,

também, construindo sua existência social. Pensando, portanto, tanto nas circunstâncias mais específicas quanto nas mais gerais da reprodução da vida social, podemos considerar, tal como HELLER, que o cotidiano implica um */.../ conjunto de atividades que caracterizam a reprodução dos homens particulares, os quais, por sua vez, criam a possibilidade da reprodução social* (HELLER, 1989, p.19).

Análises da vida cotidiana na contemporaneidade surgem, portanto, como maneiras de interpretar o mundo moderno sob nova ótica, diversa daquela que privilegia somente as questões estruturais ou institucionais, pois a construção das relações sociais pode e deve também ser verificada a partir do conhecimento do dia-a-dia e em grupos menores. Se existem limitações relativas ao estudo de alguns aspectos de uma estrutura social no âmbito de uma pequena escala, há, também, vantagens, pois

*/.../ o uso de uma pequena unidade social como foco de investigação de problemas igualmente encontráveis numa grande variedade de unidades sociais, maiores e mais diferenciadas, possibilita a exploração desses problemas com uma minúcia considerável – microscopicamente, por assim dizer (ELIAS, 2000, p.20).*

De acordo com a perspectiva que busco destacar neste estudo, o interesse pela vida cotidiana se encontra entre os elementos que compõem o ceticismo e a desilusão diante da capacidade que o capitalismo possui para auto-regenerar-se, bem como de uma História bloqueada pelo capital e pelo poder, enfim, de um futuro improvável (MARTINS, 1998). Tais elementos podem ser entendidos como as dificuldades encontradas para se prever, ou melhor, para programar a vida futura diante das incertezas que cercam os indivíduos em sua rotina diária quanto às

possibilidades de obterem os recursos materiais mínimos para sua sobrevivência e para sua família e/ou dependentes. ,

Para MARTINS (1998), mesmo a vida cotidiana tendo-se tornado um refúgio para tal desencanto, transformou-se, também, em ponto de referência das novas esperanças desses indivíduos oprimidos. Dessa maneira, pode-se considerar o homem comum, imerso no cotidiano, como o “novo herói” da vida, pois */.../ é que no pequeno mundo de todos os dias está também o tempo e o lugar da eficácia das vontades individuais, daquilo que faz a força da sociedade civil, dos movimentos sociais* (MARTINS, 1998, p.2).

Apesar disso, é necessário ter em vista que esse homem é ainda um ser fragmentado, em desencontro com sua obra, mas que, ao mesmo tempo, é obstinado no seu propósito de mudar a vida. Ainda segundo o autor,

*/.../ nosso enigma é hoje o enigma de captura desse homem comum pelos mecanismos de estranhamento de uma cotidianidade que exarceba a mutilação de nosso relacionamento com nossas possibilidades históricas e mutila a compreensão dos limites que cada momento histórico nos propõe* (MARTINS, 2000, p.12).

A ênfase, portanto, está na participação do “homem comum”, portador de um “senso comum” e considerado enquanto agente da dinâmica social, apesar de imerso numa cotidianidade. Mas este senso não é comum porque é banal, destituído de verdade ou repleto de equívocos, mas sim porque se trata de um conhecimento compartilhado entre os sujeitos da relação social<sup>6</sup>. Tal conjunto de anônimos forma a base da sociabilidade moderna (MARTINS, 1998). Como bem salienta o autor,

É nos limites, nos extremos da realidade social que a indagação do cientista se torna fecunda. A explicação sociológica é incompleta e pobre se não passa pela mediação das insignificâncias. É nessas situações de protagonismo oculto e mutilado dos simples, do homem sem qualidade, que a sociedade propõe ao sociólogo suas indagações mais complexas, seus problemas mais ricos, sua diversidade teoricamente mais desafiadora. São os simples que nos libertam dos simplismo. O relevante está também no ínfimo, na vida cotidiana fragmentária e aparentemente sem sentido (MARTINS, 2000, p.9).

Conforme MARTINS (2000), na realidade, todos nós somos esse homem comum que está lutando para viver essa vida diária, mas, também, para compreender um viver que escapa porque acaba se apresentando como absurdo, destituído de sentido. Justamente nos meandros do repetitivo, daquilo que é ordinário e aparentemente banal da vida social é que podemos encontrar os enigmas que nos exigem uma ação transformadora e libertadora, além de nos apontar as saídas possíveis do labirinto de todo dia.

No presente estudo, a preocupação de natureza teórico-metodológica sobre o tema cotidiano, cuja abordagem parte de uma análise crítico-dialética, se dirige para os indivíduos que estão à margem dos cenários e dos processos dominantes (MARTINS, 1997a), mais precisamente sobre como vivem esses indivíduos e como suprem suas necessidades. Cabe ressaltar que, neste estudo, a sobrevivência é entendida não apenas como a maneira pela qual os indivíduos buscam se reproduzir física e biologicamente, ou seja, pautada somente em questões materiais, tais como: moradia, alimentação e vestimenta. Essa sobrevivência diz respeito, também, à reprodução subjetiva, ou seja: valores, normas e regras de comportamento que os indivíduos carregam consigo.

O interesse, portanto, se volta para aqueles que vivem nas periferias das cidades, mais especificamente no bairro Jardim União da Vitória, localizado na

---

<sup>6</sup> Para MARTINS, o significado precede a relação social, pois *./.../ é condição de seu estabelecimento e*

zona sul do município de Londrina – Norte do Paraná, em uma das áreas mais afastadas da região sul e considerado um dos bairros mais violentos e pobres da cidade. Esse bairro foi formado há 17 anos, a partir de uma invasão de alguns moradores de favelas da própria cidade e trabalhadores rurais que perderam seus empregos na região. Em poucos anos a população desse bairro atingiu um contingente de cerca de 15 mil habitantes ocupando uma área de 45 alqueires, boa parte já regularizada pela Prefeitura Municipal.

A história da formação do Jardim União da Vitória é marcada por inúmeras dificuldades enfrentadas por famílias inteiras, que para ali se deslocaram com a crença de que conseguiriam um lugar para se fixarem e terem uma nova vida. A ênfase desta pesquisa recai sobre o sistema de relações existentes no bairro. Uma das questões consiste em verificar como os diferentes grupos se organizam e sobrevivem para atenderem suas carências materiais e necessidades subjetivas (como as citadas anteriormente), tendo em vista, especificamente, o cotidiano do bairro, porém, não descolado da dinâmica mais ampla da sociedade.

Penso que esses grupos, ao se organizarem para sobreviverem, estruturam um tipo específico de sociabilidade, baseada na solidariedade e ajuda mútua, sobretudo entre parentes e vizinhos. No entanto, pressuponho que se trata de uma sociabilidade que não se remete somente à satisfação de carências materiais, mas está relacionada também ao processo de reprodução das desigualdades sociais impostas pelo próprio modo de produção capitalista.

Nesse sentido, pretendo compreender como esses moradores do Jardim União da Vitória (que não constituem, de forma alguma, uma população homogênea) entendem essas questões. Como explicam suas existências sociais?

Quais são suas prioridades no dia-a-dia e quais suas expectativas em relação ao futuro?

Através da história da formação desse bairro, bem como das observações realizadas diretamente, pressuponho também que, assim como em diversas outras periferias de médias e grandes cidades, os moradores desse local enfrentam, entre outros, problemas inerentes ao próprio modo de produção capitalista, tais como: segregação social e segregação espacial. Assim, no interior destas questões, discussões sobre exclusão tornam-se pertinentes na medida em que possibilitam desvendar contradições e os meios de inserção que os indivíduos encontram, mesmo que precariamente, à sociedade.

De acordo com MARTINS (1997), existem fenômenos que não significam exatamente “exclusão” porque não ocorrem fora dos sistemas econômicos e de poder. Há, assim, a partir das políticas econômicas adotadas no Brasil e em diversos outros países, processos que esse autor denomina de “inclusão precária”. São políticas de inclusão de indivíduos nos processos produtivos, econômicos, na circulação de bens e serviços, ou seja, algo estritamente ligado a uma racionalidade conveniente e mais eficiente (devido aos baixos custos) de reprodução do capital. Além disso, são mecanismos que favorecem aos que permanecem no poder. Portanto, a chamada “exclusão” não se explica por si mesma, pois depende da lógica mais ampla de reprodução econômica e social.

Nas palavras de MARTINS, */.../ não podemos imaginar uma sociedade constituída de bons e maus, de algozes e vítimas, destituída de contradições, de tensões, de conflitos, de diferenças, de violências* (MARTINS, 1997, p. 31).

Trata-se, portanto, de adotar no presente estudo, como proposta teórico-metodológica,

/.../ observar a sociedade a partir da margem, do mundo cinzento daqueles aos quais as contradições da vida social deram a aparência de insignificantes e que como insignificantes são tratados pela ciência. E, no entanto, se movem (MARTINS, 2000, p.135).

Conforme MARTINS (1997), existe na sociedade moderna a emergência de um grande contingente de “população sobranete”, ou seja, aqueles indivíduos que possuem grandes dificuldades e, até mesmo, poucas chances de serem reincluídos nos atuais padrões de desenvolvimento econômico. A partir dessa idéia, o objetivo central deste trabalho consiste justamente em compreender esse modo de vida que acabou se constituindo no processo de “reinclusão” social dos moradores do Jardim União da Vitória. Melhor dizendo e utilizando a própria expressão de MARTINS (1997), pretendo demonstrar como se apresenta essa “inclusão precária”. Para esse autor, a inclusão faz parte da própria lógica da exclusão, pois a sociedade capitalista exclui para, posteriormente, incluir. *A sociedade capitalista desenraíza, exclui, para incluir, incluir de outro modo, segundo suas próprias regras, segundo sua própria lógica. O problema está justamente nessa inclusão* (MARTINS, 1997, p.32).

O que se verifica, na atualidade, é que a maneira de a sociedade absorver essa “população sobranete” está se alterando. Se antes, tal absorção ocorria em curto prazo, no presente passou a ser de forma mais lenta e, mesmo quando esse processo de absorção se dá, é somente no plano econômico – de forma cada vez mais precarizada -, e não no plano social. Configura-se, portanto, o que MARTINS (1997) chama de “sub-humanidade”, que existe em paralelo com a “humanidade” nesta sociedade claramente dividida entre classes. Uma “sub-

humanidade” baseada em inúmeras privações que extrapolam o âmbito econômico (MARTINS, 1997).

Com base nessas premissas, considero a princípio que, muitas vezes, esses indivíduos concebem as condições materiais sob as quais vivem e as estratégias que são obrigados a elaborar constantemente como sendo naturais, ou seja, suas existências sociais seriam, em geral, explicadas pela fatalidade ou pelo acaso. Parto do pressuposto que isso ocorre justamente porque tais grupos se encontram inseridos numa cotidianidade que recobre a realidade de sua existência social. Segundo KOSIK (1976, p.69), essa cotidianidade se manifesta como *mundo da familiaridade*. Além de esses grupos se encontrarem sob uma nova alienação, própria de uma cotidianidade instaurada no “mundo moderno”, é necessário considerar, também, a situação de fragmentação em que se encontram, conforme discute Henri Lefebvre ao abordar a questão da hierarquização espacial e social (SEABRA, 1996).

Por isso, a necessidade de se considerar as diversas interpretações acerca do cotidiano dos moradores da localidade para entender como ocorre esse processo de alheamento<sup>7</sup>, apontando, simultaneamente, os mecanismos estruturais da sociedade sob os quais se encontram muitos elementos explicativos dessa realidade. Isso significa dizer que, possivelmente, existem razões para a chamada hierarquização espacial (LEFEBVRE apud SEABRA, 1996) que se sobrepõem à hierarquização social, complementando as explicações sobre a formação de bairros periféricos em cidades de médio porte, como é o caso de Londrina.

Torna-se, portanto, fundamental apreender as representações que os indivíduos têm sobre o próprio local de moradia, a cidade em que vivem, bem como

---

<sup>7</sup> Conforme a abordagem de alguns pensadores acerca do cotidiano (sobretudo Ágnes Heller), este não significa total alienação.

as suas próprias condições materiais de vida, uma vez que, tanto as estruturas econômicas quanto as sociais são portadoras de uma realidade objetiva e subjetiva, incorporadas pelos indivíduos, que acabam proporcionando visibilidade e concretude à vida social (BRIOSCHI & TRIGO, 1989).

Nesse sentido, no presente estudo, vida cotidiana, sobrevivência, sociabilidade e periferia emergem enquanto dimensões interdependentes e indissociáveis, sendo que periferia é aqui entendida não somente como uma referência geográfica, ou seja, um local distante do centro da cidade, mas também como o lugar onde há precariedade de recursos (deficiência de transporte, de serviços públicos e de infra-estrutura), e, portanto, onde reside a população mais pobre. MARTINS esclarece que

*./.../ a sociedade contemporânea distribuiu espacialmente quem produz e quem consome. Foi o mundo industrial que criou a periferia em todas as partes, que fez da classe trabalhadora uma classe espacialmente residual, relegada aos espaços inferiores das terras baratas, dos territórios poluídos e pobres de infra-estrutura, de serviços, de bens públicos (MARTINS, 2000, p.161).*

Para uma melhor ordenação e exposição das idéias, o trabalho foi dividido em quatro partes principais. Na primeira parte, são apresentados os caminhos percorridos na pesquisa que permitiram um debate acerca da relação pesquisador e objeto empírico, bem como a delimitação do objeto de análise.

Na segunda parte, tem-se uma breve discussão sobre a história da cidade de Londrina, enfatizando a formação de bairros periféricos, especificamente, a formação do Jardim União da Vitória, como ocorreu a ocupação e os sucessivos conflitos dos moradores desse lugar com o poder público local até a sua conformação atual.

A discussão desenvolvida na terceira parte diz respeito à abordagem teórico-metodológica adotada neste trabalho, ou seja, a categoria analítica “cotidiano” sob uma perspectiva crítico-dialética articulada aos estudos sobre periferia. Para tanto, acentua-se o debate sociológico acerca da vida cotidiana enquanto esfera insuprimível e ineliminável da vida social.

Na quarta e última parte, tento, através de uma discussão sobre o desenvolvimento da pesquisa e de minha experiência em campo, articular as discussões teóricas com os dados e informações obtidos com base em observações diretas e entrevistas com quatro moradores do União da Vitória. Esta parte está subdividida em quatro itens e expressam as interpretações e análises efetuadas sobre a vida social do bairro, enfatizando o cotidiano e a sobrevivência de seus moradores.

## 2 A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE CONHECIMENTO E OS DILEMAS DA PESQUISA DE CAMPO

*Pelos arredores do alvorecer  
 No sonho inconcluso da cidade adormecida  
 Buscando o invisível  
 Que não está nem longe nem perto  
 Inventar novos olhos  
 Olhar mais além de todas as coisas  
 Uma nova dimensão, uma nova luz  
 Um sol, um sol mais flamífero  
 Um sol maior  
 Reinventar o amor, a noite, a morte  
 Educar nossos sentidos para compreender  
 O mundo espiritual*

**Manuel Cholango**  
**(Equador – etnia quechua)**

Estudos e pesquisas sobre “cidade” são oportunos no momento em que alguns estudiosos (a exemplo de Castells, Lefebvre, Gottineder, entre outros) começam a admitir que o processo das relações sociais vem ocorrendo, na contemporaneidade, fora das fronteiras específicas até há pouco vigentes. Ou seja, emergiram novas atividades, novos comportamentos e novos valores a partir da instauração de uma cotidianidade específica, tendo em vista inúmeros fatores que proporcionaram transformações no próprio processo produtivo do modo de produção capitalista (CARLOS, 1994 e1996).

A reprodução das relações sociais se realiza cada vez mais fora das fábricas, sendo transferida para a cidade. Esta passa a ser, também, o lugar onde se vislumbram os movimentos reivindicatórios e, por isso, se constitui como lugar das contradições, dos conflitos e das lutas de classe. A cidade é onde a normatização ocorre de forma mais difusa, através, entre outros, da ideologia do consumo; onde há a determinação de gostos, gestos, comportamentos, valores, modos de ser e de

viver, enfim, a forma eficaz de a cotidianidade se instaurar e se realizar no mundo moderno<sup>8</sup>.

A problemática apontada por esse debate diz respeito às conseqüências do processo de urbanização das cidades, bem como às características e decorrências de seu desenvolvimento. Os estudos sociológicos acerca dessas questões surgem de forma sistematizada na cidade de Chicago, EUA, na década de 1920. A chamada “Escola de Chicago” inaugura a reflexão acerca da cidade, porém, trata seu objeto como uma variável isolada, ou seja, independente de questões estruturais da sociedade, o que rende inúmeras críticas. Para Manuel Castells, por exemplo, trata-se de uma Sociologia que advoga a idéia da existência de um urbano *per se*, não se constituindo, portanto, uma ciência, como pretendiam seus idealistas, e sim uma ideologia (SANT’ANNA, 2002).

Apesar das controvérsias, podemos destacar alguns importantes pesquisadores da Escola de Chicago, tais como Robert Park, que estudou a “ecologia humana”, apreendendo a cidade tendo como referencial análises sobre ecologia animal. Desses estudos resulta uma vertente conhecida como “Escola Ecológica”. Há, também, Louis Wirth, responsável por teorias que tratam do urbanismo como modo de vida (VELHO, 1979).

Enfim, trata-se de uma corrente de pensamento que privilegia o empirismo, além de influenciar diversos pesquisadores que transformaram a cidade num “laboratório social”, com a finalidade de encontrar soluções concretas para os crescentes problemas urbanos.

A virada do século XIX para o século XX é marcada, entre outros, pela crescente industrialização combinada com a urbanização. Tais fenômenos

---

<sup>8</sup> Ver CARLOS, 1994, 1996 e 1996a; LEFEBVRE, 1985, 1991 e 2002; MARTINS, 1996.

provocaram, de imediato, um crescimento demográfico. Entre as conseqüências estão os inúmeros problemas urbanos visíveis em qualquer cidade de médio ou grande porte.

Na década de 1960, alguns pensadores neomarxistas, (Lefebvre, Ledrut, Castells, Lojkin e, na atualidade, Gottidener), cujas preocupações se voltavam às questões urbanas, propõem uma abordagem alternativa àquela apresentada pelos pesquisadores americanos. A cidade deveria ser, então, pensada como uma variável dependente e deveria ultrapassar o empirismo da descrição geográfica, já que a cidade não se auto-explica. Enfim, a cidade não deveria ser tratada como uma totalidade porque representa justamente uma das objetivações da totalidade maior (CARLOS, 1994).

Há, a partir desses novos estudos, o interesse pelos fatores históricos e, assim, a cidade passa a ser estudada como produto de diversas causas, tanto econômicas, quanto políticas e sociais. Estes estudos se apóiam no pressuposto de Karl Marx que caracteriza a cidade ocidental como um lugar de mercado, já que contém

*/.../ a população exigida pelo aparelho produtivo e o 'exército industrial de reserva' que a burguesia requer, a fim de comprimir os salários e dispor de um 'volante' de mão de obra. Mercado de bens e de dinheiro (dos capitais), a cidade também se torna o mercado de trabalho (da mão de obra) (MARX apud SANT'ANNA, 2002, p.3).*

A partir destas considerações, é possível compreender que a vida social nas cidades se encontra envolta num imenso paradoxo, ou seja, as cidades trazem em seu bojo tanto o germe da prosperidade quanto o da destruição. Trata-se, portanto, de uma contradição que se faz presente a todo momento. Nas palavras de CALVINO,

As cidades, como sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa /.../ (CALVINO, 2002, contracapa).

Através da obra *As Cidades Invisíveis*, de Ítalo Calvino (2002), podemos vislumbrar a fluidez de um mundo que se constitui através da audição, do odor, do paladar e de um olhar que não é necessariamente o ver, e sim o emergir da coisa. Isso significa dizer que uma cidade pode ser aquilo que dela se vê ou se entende. Cada cidade, nesta instigante obra literária, é uma revelação, já que nos são apresentados mundos utópicos que somente são revelados na medida em que dedicamos especial atenção aos ínfimos detalhes, aos “filigranas”, nas palavras do próprio escritor. O *Livro dos Conselhos* já alertava /.../ *se podes olhar, vê e se podes ver, repara*<sup>9</sup>. Porém, reconhecemos a dificuldade de se olhar a paisagem urbana e ser capaz de abstrair seu movimento intrínseco. Isso se justifica pelo fato de que o urbano, além de marcar o ritmo da vida, marca, também, o modo de vida e o pensar a vida (CARLOS, 1996).

Temos assim que a descrição espacial se encontra na esfera da ambigüidade. Isso porque a cidade deixa de ser um conceito meramente geográfico, cedendo lugar a uma complexa simbologia, bem como o inesgotável da existência humana (CALVINO, 2002). Tal descrição se apresenta nada mais do que algo representativo da condição humana, bem como das oscilações pelas quais o homem atravessa, sugere o escritor italiano, através dos relatos que o viajante veneziano Marco Pólo faz ao imperador Kublai Khan.

---

<sup>9</sup> Epígrafe da obra *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago (1995).

De acordo com GUATTARI (apud ALVA, 1997, p.67), */.../ as cidades são imensas máquinas produtoras de subjetividade individual e coletiva*. Ou como o próprio CALVINO afirma

*/.../ assim – dizem alguns – confirma-se a história de que cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, preenchida pelas cidades particulares (CALVINO, 2002, p.34).*

Por essas colocações, pode-se perceber que a visão da cidade é construída a partir de percepções pessoais, tendo como consequência o fato de que a cidade subjetiva acaba se conformando ou se confrontando ao entrar em contato com a cidade objetiva construída pelo conjunto da sociedade (ALVA, 1997). Encontramo-nos, então, numa delicada relação entre a objetividade e a subjetividade referente ao “sentimento de pertencimento” a uma cidade.

De acordo com LEFEBVRE,

No espaço se encontram a brecha objetiva (sócio-econômica) e a brecha subjetiva (poética). No espaço se inscrevem, e ainda mais, se ‘realizam’ as diferenças, da menor à extrema. Desigualmente iluminado, desigualmente acessível, cheio de obstáculos, obstáculo ele mesmo diante de iniciativas, modelado por elas, o espaço torna-se o lugar e o meio das diferenças */.../*. Obra e produto da espécie humana, o espaço sai da sombra, como um planeta de um eclipse (LEFEBVRE apud CARLOS, 1996, p.14).

Se, por um lado, a leitura e a interpretação da cidade é pessoal, por outro lado, está determinada por filtros culturais, ou seja, valores, costumes e tradições que acabam se diferenciando devido aos estilos de vida, decorrentes de fatores tais como o nível de renda, grau de escolaridade, tipo de trabalho, entre outros. São fatores variados não só dentro da cidade, como também, dentro dos diferentes bairros (ALVA, 1997).

Essas discussões tornam-se pertinentes para o presente trabalho na medida em que pretendo compreender o que é uma cidade e como esta é apreendida por seus habitantes, tendo em vista a heterogeneidade da população. Muitos estudos já foram realizados nesse sentido, por isso, opto por uma dentre as inúmeras leituras possíveis sobre a cidade.

Além disso, considero que apenas através de um olhar “estrangeiro” – que é a “estratégia do olhar” à qual CALVINO (2002) se refere – é que se torna possível a apreensão da cidade. Para o “estrangeiro”, as situações são efêmeras, já que nunca consegue se adaptar a cada local que chega. Então, existe, constantemente, a cada “viagem”, um estranhamento em relação ao lugar pelo qual passa. O contrário acontece com os moradores da cidade, aqueles que se fixaram em algum ponto do meio ambiente urbano. Estes captam aquilo que é aparente, o superficial, já que estão inseridos numa cotidianidade. Dessa forma, nada lhes deve parecer estranho, pois se vêm acostumados com o local em que vivem. A experiência do estranhamento, por sua vez, aquela vivenciada pelo “estrangeiro” – que poderia ser transferido para a figura do pesquisador - ilumina um conhecimento que não é possível se obter ao estar imerso no cotidiano.

As cidades, para CALVINO (2002) são, portanto, exemplos de fluir da vida, onde tudo muda incessantemente, o que significa pensar dialeticamente o cotidiano na medida em que se entende o ritmo da história e a própria realidade como resultantes de variações por contradições e não por sucessões de fatos. Enfim, considerar a historicidade e a transitoriedade da vida social nas cidades.

Se, de um lado, na atualidade, existe uma tendência para a homogeneização da vida social e dos espaços, com a presença de valores, de um modo de vida e de uma cultura universais, de outro lado, aumentam as contradições

na relação entre o habitante e a cidade. Ao mesmo tempo em que existe o estranhamento por serem, aos poucos, perdidas as referências específicas da vida em detrimento da criação de novos padrões universais, continuam presentes as identidades espaciais geradas no âmbito do vivido. Isso significa reconhecer a impossibilidade da total homogeneização, permitindo diferentes manobras diante do fenômeno da cotidianidade na modernidade (LEFEBVRE, 1991).

As cidades, ao serem fragmentadas, têm sua dimensão humana amputada, contribuindo com a fragmentação das relações sociais. Nesse sentido, a produção da hierarquização espacial acaba determinando a apropriação de espaços diferenciados e fechados pelos seus próprios habitantes (CARLOS, 1996; SEABRA, 1996).

A presente pesquisa, ao trazer à tona essas discussões, me fez deparar com inúmeras questões empíricas ainda pouco conhecidas para um iniciante em pesquisa de campo. Afinal, minha opção representava um desafio metodológico, ou seja, elaborar análises a partir de “interpretações”, tendo como fundamento e sob constante consulta as discussões teóricas sobre “cotidiano”. Como bem alerta TEDESCO (1999), este é um campo teórico em construção e, por isso, ainda movediço para as Ciências Sociais.

Conforme BRIOSCHI & TRIGO (1989), o trabalho do cientista social implica justamente analisar e interpretar os fatos e dar sentido às visões fragmentadas dos indivíduos que nos fornecem entrevistas, a partir de um determinado referencial teórico conhecido pelo pesquisador. Nas narrações dos entrevistados é onde estão contidas as possíveis informações de que o pesquisador necessita. Porém, estas, por si só, não respondem diretamente à questão da pesquisa, pois entendo que os discursos possuem várias direções, não sendo

possível, portanto, encerrar uma única análise, sobretudo se se considera que na vida cotidiana os indivíduos interpretam acontecimentos e não constroem, necessariamente, um sistema explicativo global e coerente a respeito de sua vida e de seu mundo (CALDEIRA, 1984).

Isso significa aceitar que as visões que os indivíduos possuem da sociedade são fragmentadas, assim como o próprio cotidiano na modernidade. A fragmentação, a heterogeneidade de papéis e de experiências de vida assim como a crescente divisão do trabalho, entre outros, são as características principais desse cotidiano (CALDEIRA, 1984).

Segundo CALDEIRA (1984), devido ao inquestionável dinamismo e movimento do mundo social, a interpretação dos discursos indica vários caminhos, várias entradas. Para essa autora, trata-se de pedaços que formam tais discursos, só que estes pedaços não são peças de um quebra-cabeças. Parecem mais um caleidoscópio que, dependendo do movimento, as figuras que se formam tornam-se diferentes. Nossa sociedade */.../ está sempre em movimento, produz o tempo todo novos discursos e práticas, novas articulações que repercutirão socialmente com menor ou maior intensidade* (CALDEIRA, 1984, p.286).

Durante o desenvolvimento da presente pesquisa percebi, portanto, a necessidade de obter informações a partir de diferentes fontes, além dos discursos dos próprios moradores do local, tais como: observação direta – que significa estar presente tanto quanto for possível no local onde se empreende a pesquisa -, dados estatísticos e informações oficiais coletadas em instituições, fontes documentais (arquivos, jornais, entre outros), que permitam conhecer as circunstâncias políticas, jurídicas, sociais e econômicas da formação do bairro, quem são seus moradores,

por quais processos passaram até obterem a regularização dos loteamentos e infraestrutura, quais as relações com o poder público local, etc.

Nesse sentido, assumo que a experiência de pesquisa supera aquele modelo que supõe a neutralidade do pesquisador perante seu objeto de estudo. Como diz CARDOSO (1986), a capacidade de se surpreender deve ser inerente ao trabalho do cientista. Em relação às entrevistas, particularmente, deve ser levado em conta o fato de que */.../ a situação de entrevista supera o distanciamento inerente à observação positivista substituindo-a pela relação de comunicação entre entrevistador e entrevistado* (BRIOSCHI & TRIGO, 1989, p.41).

Desde a coleta de dados existe um processo de comunicação e interação social que, segundo essas autoras, deve ser problematizado e questionado (o que pode superar a idéia de neutralidade científica). Assim, a “situação de entrevista” é uma relação social que varia segundo as circunstâncias, sendo determinada, de alguma maneira, pela interação estabelecida entre entrevistador e entrevistado. Esse processo */.../ é fundamental para a construção do objeto de conhecimento* (BRIOSCHI & TRIGO, 1989, p.41), objeto este que é ainda obscuro no início da investigação, devendo, por isso mesmo, fazer parte do trabalho que o pesquisador empreende.

As observações de CARDOSO (1986) também caminham nesse sentido. Para essa autora, a interpretação construída está relacionada às condições em que o entrevistador e o entrevistado se encontraram. Além disso, a coleta de dados não pode ser encarada como mera acumulação de informações, e sim uma combinação com a reformulação de hipóteses, que é quando se descobrem novas pistas que acabam sendo elaboradas em novas entrevistas. Ainda segundo essa autora, nas investigações */.../ o pesquisador é o mediador entre a análise e a*

*produção da informação, não apenas como transmissor, porque não são fases sucessivas, mas como elo necessário* (CARDOSO, 1986, p.140). São estes processos que precisam ser desvendados, bem como ter-se assumida a importância da subjetividade.

Sendo assim, o relato que o entrevistado faz de sua vida não é o que constitui o objeto de estudo sociológico, mas sim as relações nas quais este indivíduo se encontra inserido. Isso significa que examinar a “situação de entrevista” pode proporcionar preciosas pistas para a análise de todo o material coletado. Nesse sentido, a construção do objeto de conhecimento passa a ser uma constante no percurso da pesquisa, podendo sim ser desvelado pela interpretação e compreensão. Conforme BOURDIEU,

*/.../ a construção do objeto – pelo menos na minha experiência de investigador – não é uma coisa que se produza de uma assentada, por uma espécie de ato teórico inaugural /.../, é um trabalho de grande fôlego, que se realiza pouco a pouco, por retoques sucessivos, por toda uma série de correções, de emendas* (BOURDIEU, 1989, p.26).

Pierre Bourdieu, em *A Miséria do Mundo* (1998), chama a atenção para a importância do olhar compreensivo sobre depoimentos concedidos a pesquisadores que procuram investigar as existências e dificuldades de viver de pessoas comuns. Tal atitude não implica deixar de lado as exigências do método científico. Ainda, segundo esse autor, é impossível não se sentir inquieto ao recolher e divulgar confidências. Como tratá-las, como evitar qualquer intervenção por parte do pesquisador? Para esse autor, não devemos deplorar, nem rir e muito menos detestar, mas sim compreender, pois */.../ a intervenção do analista é tão difícil quanto necessária: ela deve ao mesmo tempo declarar-se sem a menor*

*dissimulação e trabalhar sem cessar para fazer-se esquecer* (BOURDIEU, 1998, p.10).

A partir dessas preocupações, torna-se importante relatar e discutir algumas questões que surgiram durante minha pesquisa de campo. Apesar de deparar-me com diferentes histórias de vida no Jardim União da Vitória, percebi que seus moradores acabam vivenciando uma experiência comum, no que se refere aos problemas com moradia, com a falta de infra-estrutura decorrente de novas invasões, desemprego, criminalidade, rendimentos bastante restritos, ou até mesmo a sua falta absoluta, entre outros.

Enfim, a pesquisa de campo sempre me colocava diante de inúmeras informações e detalhes que me surpreendiam, o que me levou a ter clareza de que toda a coleta de dados é sempre intensa, contínua, pois surgiam, a cada vez que comparecia ao local, novos e instigantes elementos que pensava serem úteis para a pesquisa. São informações, observações, impressões e intuições. Como lidar com todo esse “arsenal”? Como lidar com a presença marcante da subjetividade?

Estas questões, mesmo que eu já dispusesse de algum referencial teórico-metodológico, me levaram a perceber a necessidade de se ter o máximo de precaução em minhas análises. Pois não se tratava de realizar uma simples “tradução” da visão de mundo e das categorias dos informantes, como bem salientam BRIOSCHI & TRIGO (1989), tendo em vista que o perigo seria o de realizar a substituição de uma visão particular da sociedade por outra, sem atingir um conhecimento mais abrangente. Ou seja, não conseguir articular dados empíricos localizados com as formas mais gerais da vida social.

Finalmente, são estas as principais preocupações que norteiam minha pesquisa e reflexões. Por isso, além das entrevistas (a partir do roteiro em anexo)

com os moradores do Jardim União da Vitória, procurei vivenciar seus espaços e observar o cotidiano do local, além de consultar fontes documentais, assim como escutar outras “vozes” sobre esse local e a vida dos moradores. Mais ainda, foi necessário reportar-me à história da formação desse bairro para melhor subsidiar minhas análises, como se pode observar a seguir.

### 3 LONDRINA – NOTAS SOBRE A HISTÓRIA DO MUNICÍPIO E A FORMAÇÃO DE BAIROS PERIFÉRICOS: O CASO DO JARDIM UNIÃO DA VITÓRIA

O termo periferia geralmente é aplicado para denominar os lugares de difícil acesso e que se situam em áreas insalubres ou de topografia desfavorável<sup>10</sup>.

Para RAZENTE (1982, p.278) a origem do espaço periférico reside

/.../ na lógica social maior subjacente ao desenvolvimento capitalista brasileiro onde a exigência de aglomeração da força de trabalho, impôs novos padrões de produção e ocupação do espaço localizado nas franjas da cidade (RAZENTE, 1982, p.278).

As periferias são lugares “inóspitos e miseráveis” (CALDEIRA, 1982) onde se verifica, de forma muito clara, a segregação social e espacial, apesar de existirem populações pobres em muitos outros lugares. É na periferia que se concentram indivíduos que transformam o local onde moram em expressão mais clara de seu modo de vida. É por isso que a periferia é tomada, neste trabalho, como um espaço onde é estruturada a sobrevivência de seus moradores, o local da construção de significados e de uma sociabilidade, através de um cotidiano compartilhado.

Realmente, existe uma enorme diversidade entre a população residente em periferias, composta, geralmente, por operários, autônomos, empregadas domésticas e pequenos funcionários públicos sendo, portanto, grupos profissionais ligados a funções de pouco prestígio e baixa remuneração. Apesar

---

<sup>10</sup> Ao investigar a origem dos subúrbios em São Paulo, que datam do final do século XIX, MARTINS (2001) afirma que a concepção de periferia, elaborada durante os anos de 1960 substituiu, indevidamente, a noção de subúrbio. Para esse autor, trata-se de uma “distinção espacial” que existe entre os dois termos. Apesar do crescimento da industrialização e da destinação de diversos loteamentos a moradias para trabalhadores, no subúrbio têm-se, ainda, grandes terrenos com casas espaçosas que, para MARTINS, são /.../ *remanescentes do rural que permanecem no urbano* (MARTINS, 2001, p. 78). Além disso, são localidades que possuem grande tradição comunitária. Enquanto isso, a periferia se revelou um produto da especulação imobiliária, onde /.../ a

dessa diversidade, esses indivíduos vivenciam uma maneira específica de ser e viver, através da qual constroem uma visão mais ampla da sociedade<sup>11</sup>. Dessa maneira, supõe-se que exista uma identificação de valores, hábitos, gostos e aspirações entre as populações que habitam as periferias das cidades. Ou seja, estruturam um estilo de vida e uma sociabilidade próprios, com uma determinada rotina e um cotidiano específico. São */.../ elementos que conferem um caráter particular ao espaço do bairro e que /.../ estão intrinsecamente ligados ao tipo de sociabilidade e de comunicabilidade que aí existe entre as pessoas* (CALDEIRA, 1984, p.120).

Entre diversas explicações sobre a formação de bairros periféricos, há também aquela que justifica a existência da periferia como forma de solucionar o problema de habitação para os trabalhadores de baixa renda, em razão da deteriorização das condições de vida, ocasionada por um modo de produção que faz com que sejam perpetuadas as desigualdades sociais e a acumulação do capital<sup>12</sup>.

A periferia acaba representando as “manchas de degradação” da cidade. Como consequência, é possível apontar dois fenômenos inter-relacionados: a segregação (social e espacial) e a imobilização relativas da população. A sociabilidade local acaba sendo desenvolvida de um modo próprio porque está ligada às semelhanças quanto ao nível de rendimentos dos moradores. Para a antropóloga Eunice Durham, é o que constitui uma “uniformidade coletiva”. Segundo esta autora,

---

*vitória da renda da terra sobre a cidade e a urbanização é um dos fatores de atraso do próprio capitalismo* (MARTINS, 2001, p. 79).

<sup>11</sup>DURHAM, E. A Sociedade vista da Periferia, 1986. Trata-se de um estudo realizado no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), em 1982, por um grupo de antropólogos da USP sobre a visão que moradores de periferia têm da sociedade, no qual se traçam algumas características gerais sobre estes locais e seus habitantes a partir das condições observadas em cidades de grande e médio porte.

Enquanto a população residente em casas ou aparatos isolados e auto-suficientes limitam um espaço social que não é complementado pela vizinhança, já na periferia acontece o contrário, pois a vizinhança e o bairro constituem locais privilegiados para a formação de redes de sociabilidades (DURHAM, 1982, p. 37).

Esses elementos são fundamentais para se entender a formação da periferia em cidades de porte médio, especificamente em Londrina<sup>13</sup>.

Já no início de sua formação, esta cidade se expande demográfica e economicamente com espantosa rapidez, permanecendo, porém, ainda dentro do espaço planejado pela CTNP – Companhia de Terras Norte do Paraná -, agente imobiliário e responsável pela colonização da região<sup>14</sup>. Essa expansão se deu principalmente devido à atividade econômica cafeeira, transformando Londrina e outras cidades do território colonizado em importantes centros prestadores de serviços ao meio rural<sup>15</sup>

No final de 1930, quando a Companhia deixa de ser a única empresa loteadora, começam a surgir ocupações de áreas que estavam fora do planejamento do grupo inglês, como a Vila Matarazzo, formada em 1937 (ADUM, 1991). Segundo RAZENTE,

Trata-se de um momento importante para a configuração do espaço urbano de Londrina. A quebra do monopólio na produção da terra, significa: a introdução de novos competidores no mercado; estabelecimento de uma taxa média de lucro no mercado fundiário; a localização espacial comandada pela pluralidade de agentes produtores do espaço; e a aparente perda do domínio de expansão da cidade (RAZENTE, 1982, p.246).

<sup>12</sup> Entre diversos estudos sobre essa questão, podemos destacar BLAY (1985); BONDUKI (1998); CALDEIRA (1982); CASTELLS (1983); KOWARICK (1979); LEEDS (1978); LEFEBVRE (1985; 2002); LOJKINE (1981), entre outros.

<sup>13</sup> Londrina conta, atualmente, com 447.065 habitantes, sendo 433.369 residentes em área urbana e, 13.696, na rural (fonte: Censo Demográfico 2000).

<sup>14</sup> CTNP: empresa de caráter privado subsidiária da empresa inglesa “Paraná Plantation Ltda”, sediada em Londres, e que se associa ao capital nacional para colonizar o que atualmente se denomina de Norte do Paraná.

<sup>15</sup> Sobre a história da formação do município de Londrina, temos à disposição uma rica e diversificada bibliografia especializada, a qual procura mostrar, sob diferentes enfoques, tal processo. Entre diversos autores, temos ADUM (1991); ALMEIDA (1997); CESÁRIO (1986); NETO (1998); RAZENTE (1982); SILVEIRA (1997); TOMAZI (1989), entre outros.

Na década de 50, já eram incorporados à área urbana da cidade mais 67 novos loteamentos, provocando um crescimento acelerado, que gerou diversos problemas para o município. Esse processo acabou por acarretar

*/.../ uma ocupação do espaço sem qualquer critério estabelecido, sem técnicas, sem planos, isto é, sem qualquer conexão com a malha viária existente. Quer dizer, o crescimento do sítio urbano não foi acompanhado pela presença de equipamentos de consumo coletivo, que permitisse que a força de trabalho disposta nestes novos espaços fosse atendida (ADUM, 1991, p.87).*

A cidade de Londrina passa a sofrer alterações em sua estrutura urbana não-condizentes com aquela imagem de cidade salubre, enfatizada pelos seus colonizadores (SILVEIRA, 1997). Na verdade, torna-se explícita a ação do especulador imobiliário, que se enriquece com a venda de lotes urbanos aos migrantes que, expulsos do campo, chegam à cidade ocupando os espaços de forma desordenada.

Para tentar ordenar a cidade, o poder público local implementou a primeira lei de zoneamento urbano, a Lei 133, de 1952, que apresenta, aliada a medidas de profilaxia urbana, as diretrizes para a organização de loteamentos, construção de casas, arborização, construção de praças públicas, arruamentos, dentro de uma meta de crescimento a longo prazo.

Com essa lei, pretendeu-se dividir o espaço em zonas urbanísticas: residencial, comercial, industrial, ferroviária e rural. Porém, de acordo com RAZENTE (1982), essa lei favoreceu a estratificação social, segregando o espaço em conformidade com as classes sociais que o ocupam. Dessa forma,

O ordenamento espacial entre os anos 50 e 60 representam estas novas preocupações com o espaço. De fato, o conjunto jurídico implicava até a diferenciação física dos lotes urbanos: maior área para a classe de maior renda; menor renda, menor disponibilidade de terra (RAZENTE, 1982, p.264).

A partir da década de 1970, a política habitacional adotada pelo Poder Público Municipal, aliada à iniciativa privada de loteamento de terrenos em torno do núcleo central, ocupou-se em construir conjuntos habitacionais e em regularizar áreas urbanas invadidas, o que resultou no crescimento de áreas com características muito próximas às encontradas por CALDEIRA (1984) e DURHAM (1986) em suas pesquisas. Ou seja, bairros periféricos distantes do centro da cidade, onde prevalecem a pobreza, a precariedade de recursos e infra-estrutura, bem como a segregação espacial e social, conferindo aos seus habitantes condições de existência muito semelhantes. Ainda segundo RAZENTE,

A periferia londrinense se define, assim, como espaços urbanos onde os chamados 'serviços de urbanização' ainda não se mostram presentes, tanto ao nível individual quanto coletivo. São justamente estes espaços urbanos que estiveram abrigando a população migrante campesina (RAZENTE, 1982, p.278).

É sob essas condições que emerge o Jardim União da Vitória. Seu nome faz alusão à união das lutas empreendidas pelo movimento dos "sem-teto" e dos "sem-terra", com o poder público da cidade de Londrina que reivindicavam a autorização para permanência e a regularização do terreno localizado às margens do quilômetro 9 da estrada que liga Londrina ao distrito de Maravilha, na periferia da zona sul do município.

A formação do bairro que, atualmente, é o maior de Londrina e uma das maiores aglomerações de habitações de baixa renda do Estado do Paraná<sup>16</sup>,

---

<sup>16</sup> A Prefeitura de Londrina (através do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina – IPPUL – e COHAB/LD) classificava o Jd. União da Vitória, na época em que iniciou a regularização do local, como favela.

habitado por cerca de 15 mil pessoas que ocupam 45 alqueires, teve seu início com a invasão de 15 famílias de origem rural oriundas de algumas favelas da cidade, como Jardim Nossa Senhora da Paz, Jardim Franciscato e Marisa, em 16 de Agosto de 1985. As justificativas para a invasão foram a falta de emprego e as condições de miséria em que viviam nas favelas de origem.

O terreno invadido pertencia à Companhia de Habitação de Londrina - COHAB-LD - que, após a invasão, entrou com pedido de reintegração de posse, a qual foi concedida pelo juiz da 7ª Vara Cível. Porém, as famílias se recusaram a abandonar o local e, após 12 dias de sua chegada, em 28 de Agosto de 1985, foram retiradas por cerca de 50 policiais militares, que tiveram à sua disposição alguns carros e caminhões cedidos pela Prefeitura Municipal<sup>17</sup>. Tanto os técnicos da COHAB quanto os da Prefeitura, além de pesquisadores da Universidade Estadual de Londrina – UEL<sup>18</sup>, alegavam que a região era uma antiga pedreira e não oferecia condições adequadas para a formação de um bairro. No entanto, líderes de algumas entidades da cidade (União Geral dos Moradores, Federação das Favelas de Londrina e, até mesmo, alguns filiados ao Partido dos Trabalhadores) apoiavam o movimento.

As famílias despejadas foram, então, levadas para um local de Assistência Social (S.O.S) e, ao saírem de lá, acamparam em barracas, cedidas pela comunidade, num terreno particular nas proximidades da Prefeitura de Londrina. A

---

Entende-se favela como um aglomerado de moradias-barraco, de reduzidas dimensões, edificadas com material de improviso (como restos de madeira, folhas de zinco, lonas plásticas, papelão, entre outros), distribuídas de maneira irregular tanto em terrenos públicos quanto particulares, desprovidos de equipamentos sociais, contando com uma precária infra-estrutura. São chamadas de “favelas-aglomerados” quando há mais de 50 barracos e de “núcleos-aglomerados” quando há menos de 50 barracos. Cf. IPPUL-PML – Diagnóstico da Habitação para População de Baixa Renda e as Políticas Públicas em Londrina. Londrina, 1996, pp. 25-30. Atualmente, Jd. União da Vitória é classificado como “bairro”.

<sup>17</sup> Nessa época, o prefeito de Londrina era Wilson Moreira, cuja gestão ocorreu no período compreendido entre 1984-1988.

<sup>18</sup> Segundo esses pesquisadores, do departamento de Geociências da UEL, o bairro foi construído sobre terrenos litológicos, que são camadas rasas de solo sobre uma rocha-mãe. O terreno ainda se encontra em evolução, com lenta decomposição das rochas, podendo causar desabamentos com as fortes chuvas.(Cf. Folha de Londrina, 25.08.2000)

intenção era negociar, com o prefeito, um lugar para se fixarem. Em reunião realizada entre o prefeito da cidade, o presidente da COHAB, o secretário da Saúde e a comissão de líderes dos trabalhadores favelados que representavam as famílias despejadas, foi permitido que as famílias utilizassem o terreno apenas para plantações, sem fixar residência.

Alguns optaram pelo retorno às suas favelas de origem, enquanto outros permaneceram nas margens da estrada Londrina-Maravilha, para terem o acesso facilitado até o terreno anteriormente invadido e, logo em seguida, bloqueado para construção de moradias. Essas pessoas enfrentaram muitas dificuldades, devido à escassez da chuva e de sementes para plantarem, além da falta de alimentação.

Em decorrência dessas condições, no início de 1986, as 6 famílias que ainda permaneciam naquela área tentando plantar decidiram ocupar os lotes que cultivavam, contrariando, dessa forma, o acordo firmado com a Prefeitura, que desistiu de realizar novas intervenções.

Em outubro de 1988, a Prefeitura solicitou a desocupação de uma área onde se localizava a favela OK, sob alegação de que ali seria construída uma área de lazer. As 65 famílias, que ali viviam, foram despejadas e transferidas, pela própria Prefeitura, para o local onde já estavam fixadas as outras famílias no que hoje é conhecido como Jardim União da Vitória. Ao se depararem com a inexistência de infra-estrutura, construíram suas próprias moradias com tábuas de madeira que sobraram de suas antigas casas, cobrindo-as com plástico ou telhas de fibrocimento.

Em novembro desse mesmo ano, cerca de 100 famílias de “sem-terra” invadiram uma faixa de terras de uma fazenda do então distrito de Tamarana. No entanto, foram retiradas pela polícia militar, após o pedido de reintegração de

posse dos proprietários. As pessoas ficaram alojadas no pátio da “Igrejinha do Rio Preto”, distante 10 quilômetros da fazenda que tinham invadido e, após alguns dias, se instalaram em frente à Prefeitura exigindo apoio para agilizar o trâmite de autorização para o assentamento em outro local, expedida pelo Instituto Nacional da Reforma Agrária – INCRA - e pelo Ministério da Reforma Agrária e Desenvolvimento – MIRAD.

Estas famílias acabaram, também, sendo deslocadas para o terreno onde já estavam as anteriores já citadas. Diante da completa falta de infra-estrutura e sem qualquer perspectiva para solucionar o problema, em 23 de Dezembro de 1988, cerca de 100 pessoas desse acampamento invadiram a Prefeitura e reivindicaram uma posição a respeito do processo de assentamento daquelas famílias do Jardim União da Vitória.

A nova administração municipal – tendo como prefeito eleito em 1988, Antonio Belinati – retomou as negociações em 1989, assegurando àqueles moradores do bairro em questão, uma remessa quinzenal de alimentos e a criação de frentes de trabalho, além da proposta de construção de casas, em sistema de mutirão. Porém, os moradores não concordaram com tal ação, alegando que, ao fixarem as famílias naquela área, as condições de miséria seriam mantidas, por não existirem empregos para todos na cidade, já que não eram, em geral, especializados em serviços urbanos. Entre estas famílias, muitos aguardavam uma porção de terra para trabalharem, por já terem vivido em fazendas e trabalhado como diaristas ou bóias-frias. Em fevereiro de 1989, houve uma nova invasão da Prefeitura, por cerca de 70 desses moradores, cuja reivindicação continuava a ser a urgente implantação de infra-estrutura no local.

Além dessas manifestações, muitas outras aconteceram no decorrer dos anos e continuam nos dias atuais. O bairro é dividido em seis loteamentos, porém, oficialmente, existem regularizados o União I e II. No documento “Perfil 2000” da Prefeitura de Londrina consta que, nas áreas regularizadas até 1999, vivem 1.497 famílias, totalizando 7.485 pessoas. Nas áreas aptas a serem regularizadas e incorporadas ao Jardim União da Vitória I e II, moram 665 famílias, totalizando 3.325 pessoas. Além dessas, há as ocupações consideradas irregulares no bairro que, até 1999, contavam 315 famílias, com 1.575 pessoas. Estas são as últimas ocupações – iniciadas em 1996 – de que se tem notícia sobre o bairro. Conforme, ainda, este levantamento cerca de 30 famílias ainda convivem com o perigo de ligações elétricas irregulares, que passam pelo chão das casas, juntamente com a água que escorre por falta de fossas devido à presença de rochas no terreno. O que se observa é que as moradias foram erguidas nas encostas de um morro e a coleta de lixo não é feita, como nas demais áreas do bairro.

Durante dez anos, o Jardim União da Vitória foi o bairro com a maior ocupação irregular de Londrina. Em 1994, na gestão municipal de Luiz Eduardo Cheida, a população ainda reivindicava o início das obras de infra-estrutura no bairro que se expandia a cada ano. Os serviços deveriam ser realizados com o aproveitamento da mão-de-obra dos próprios moradores, já que estes tinham dificuldades em se incorporarem ao mercado de trabalho da cidade. Aliás, o desemprego sempre foi considerado, pelos moradores, um dos principais problemas do bairro, que é conhecido pela sua miséria e violência. Em 1994, entre os 15 mil habitantes, 2 mil estariam desempregados, segundo o presidente da Associação de Moradores, Sebastião Rodrigues. As queixas dos moradores são ainda freqüentes

quanto à discriminação que dizem sofrer no momento em que procuram emprego, ao revelarem que residem no União da Vitória.

Portanto, na década de 1990, além das reivindicações pela implantação de infra-estrutura no bairro, seus moradores compareciam à Prefeitura e à Câmara dos Vereadores para, também, discutir a questão dessa discriminação que até hoje está presente entre os moradores da cidade. Ou seja, considerar o União da Vitória como um lugar violento e abrigo de criminosos, de ruas esburacadas e matagais.

Uma maneira encontrada pela Prefeitura para solucionar o problema nessa época, mesmo que provisoriamente, foi o início imediato da concorrência para os serviços de infra-estrutura do bairro para que, pelo menos 300 pessoas já cadastradas que viviam no bairro, comessem a trabalhar. Foram iniciadas as obras em Outubro de 1994, com a instalação de rede de esgoto, mas que não puderam ser concluídas no prazo previsto devido à falta de recursos e pelas dificuldades em realizar a obra, em razão de o povoamento ter ocorrido sobre uma antiga pedreira.

Nesse período, o maior problema era a falta de saneamento básico. Não havia, ainda, posto de saúde e a coleta de lixo era insuficiente. Era escassa a circulação de transporte coletivo e as chuvas, freqüentemente, ocasionavam o desabrigo de famílias, cujas moradias desabavam. Mesmo sendo a área reconhecida pela COHAB e Prefeitura como inadequada para formação de um bairro, este foi crescendo e, apenas 10 anos após o seu início, a população começava a ter suas reivindicações atendidas.

Uma dessas reivindicações que se fazia urgente era o posto de saúde. Este foi inaugurado em 11 de Abril de 1995. Segundo o “Perfil 2000”, a

unidade básica de saúde localizada no Jardim União da Vitória contava com 4 médicos, 2 enfermeiros e 24 auxiliares de enfermagem.

Somente em 1996, os terrenos começaram a ser regularizados pela COHAB<sup>19</sup>. Alguns problemas encontrados pelos funcionários dessa Companhia estavam relacionados ao cadastramento de seus moradores. Muitas pessoas não possuíam documentos pessoais, como RG e CPF, imprescindíveis para os registros dos loteamentos e a viabilização dos documentos de cada imóvel.

Como os moradores necessitavam também de escolas e creches, foram implantados pela Prefeitura Municipal o Ensino Fundamental e o Centro de Atendimento Integrado à Criança e ao Adolescente – CAIC Dolly J. Torresin. As creches que atendem crianças na faixa etária entre 0 e 6 anos são mantidas por entidades não-governamentais, como a Creche Imaculada Conceição (mantida pela Igreja Católica) e a Creche Metodista (mantida pela Associação Metodista de Assistência Social de Londrina).

Atualmente, além das atividades oferecidas pelo CAIC (escolinhas de esportes, atividades de lazer, entre outros), o bairro possui um time de futebol, o União Esporte Clube e inúmeros botecos, freqüentados por jovens e adultos desempregados.

Ao tomar este bairro como objeto empírico para as análises, torna-se necessário um aprofundamento acerca das inúmeras significações que emergem ao se trabalhar com as categorias periferia e cotidiano. A seguir, tento demonstrar, ainda que de maneira não exaustiva, algumas dessas discussões.

---

<sup>19</sup> Nesse período, muitos loteamentos irregulares localizados em Londrina passaram a ser regularizados pela COHAB, além da realização de contratos de compra e venda dos terrenos. As opções apresentadas pela COHAB eram: 1) compra parcelada dos lotes ou 2) concessão real de uso por 20 anos, mas sem direito a comercializar a propriedade. Além disso, seria feita a urbanização, que compreendia a instalação de energia elétrica, água encanada e ruas asfaltadas.

#### 4 COTIDIANO E PERIFERIA: UM DEBATE E MUITAS SIGNIFICAÇÕES

Na rotina do dia-a-dia, os habitantes da cidade, ao usarem e percorrerem o bairro em que vivem, se apropriam desse espaço, privatizando-o. Nesse caso, a relação social que predomina é a de vizinhança, ou seja, ao mesmo tempo que possui uma peculiaridade, esta caracteriza-se como uma sociabilidade com aspectos ambíguos, pois os indivíduos, não obstante viverem próximos uns dos outros, estão ao mesmo tempo distantes. Ou seja, apesar de o vizinho não ser um desconhecido, não é tratado de maneira fraterna ou íntima, como ocorre entre membros de uma mesma família (CALDEIRA, 1984; MARTINS, 1999).

No Jardim União da Vitória isso não é muito diferente, uma vez que seus moradores, por residirem muito próximos uns dos outros e, em muitos casos, havendo aqueles que passam a maior parte do tempo no bairro, a sociabilidade é marcada, por um lado, pelo associativismo e ajuda mútua e, por outro lado, pelas intrigas, desentendimentos e formação de sub-grupos, como será demonstrado através das análises dos itens a seguir<sup>20</sup>.

A tendência nas relações de vizinhança implica uma identificação dos indivíduos com o local onde moram, porquanto este torna-se importante

referência em sua apresentação para o mundo (MARTINS, 1999)<sup>21</sup>.

Há um consenso operacional que consiste num

<sup>20</sup> É considerada a clara tendência à formação desses “sub-grupos” a partir dos diferentes loteamentos que se constituíram no bairro. Além disso, as necessidades materiais, como a infra-estrutura básica, por exemplo, que eram comuns a todos, principal razão para a união daquelas pessoas, uma vez atendidas, resultou no “enfraquecimento” ou, até mesmo, na dissolução de boa parte dos grupos formados nos momentos de reivindicação.

<sup>21</sup> Na forma urbana, é fundamental distinguir “espaço” e “lugar”. No caso do lugar, */.../ mais do que apego emocional por onde se vive, a questão envolve uma experiência temporal*, enquanto espaço se refere propriamente às questões objetivas. A origem desta diferenciação se encontra na Idade Média, quando */.../ o significado que as pessoas davam a seus próprios corpos contribuía para esse conflito, que opunha economia e religião. Enquanto o tempo e o lugar cristãos baseavam-se na função da compaixão, o espaço e o tempo econômicos apoiavam-se na agressividade. Essas contradições entre lugar e espaço, oportunidade e*

/.../ acordo real quanto às pretensões de qual pessoa, referente a quais questões, que serão temporariamente acatadas. Haverá também, um acordo real quanto à conveniência de se evitar um conflito aberto de definições de situação (GOFFMAN, 1999, p.18).

Ao me referir à identificação que os indivíduos têm com o local de moradia, considero a noção de lugar tal como propõe CARLOS (1996), ou seja, o lugar seria responsável pela produção de uma complexa identidade relativa tanto ao local quanto ao mundial a um só tempo. As discussões sobre identidade e cidade estão atravessadas pelo sentido do uso que os indivíduos fazem da cidade. Mais precisamente, aqueles indivíduos que vivem em periferias, destituídos de boa parte das facilidades e novidades que a cidade comporta<sup>22</sup>.

Há, de acordo com CARLOS (1996 e 1996a), uma “morfologia socioespacial” que produz uma identidade marcada tanto pela apropriação quanto pela carência. Uma existe somente na medida em que existe a outra. Existem, comprovadamente, diversos contrastes quanto ao uso que se faz da cidade, os quais revelam, de fato, uma morfologia social hierarquizada que marca a diferença em relação à identidade na formação dos bairros em geral e, especificamente, os periféricos, foco de minhas análises.

Ao considerar o processo de exclusão e inclusão, tal como MARTINS (1997) aponta em seu conceito de “inclusão precária” apresentado anteriormente, verifico, também, num dos contos da obra literária de CALVINO (2002), a sutileza de tal processo que acaba apresentando a identidade que os indivíduos têm com o local em que vivem. Nas palavras do autor,

---

*estabilidade, piedade e atitudes hostis, atormentavam o espírito de cada burguês que tentava, simultaneamente, acreditar e lucrar na cidade* (SENNETT, 1998, p.160-161).

<sup>22</sup> É de nosso conhecimento o fato de existirem bairros periféricos habitados por populações abastadas com suas luxuosas residências. No entanto, deve ficar claro que, neste trabalho, isso nada tem a ver com o sentido que

A cidade aparece como um todo no qual nenhum desejo é desperdiçado e do qual você faz parte /.../ se você trabalha oito horas por dia e recebe um salário que não dá para comer, a fadiga que dá forma a seus desejos, toma dos desejos a sua forma e você acha que está se divertindo em Anastácia, quando não passa de seu escravo (CALVINO, 2002, p.16).

A exclusão e a inclusão se apresentam como dois pólos que fazem parte de uma lógica inerente ao próprio modo de produção capitalista. Neste caso, aqueles indivíduos que vivem numa cidade mas que não têm acesso aos bens e serviços disponíveis, acabam, mesmo assim, se incluindo na cidade de forma subjetiva (SAWAIA, 1995). Um exemplo que bem ilustra esse fato é apresentado por MARTINS (1997), ao se referir às novas desigualdades sociais que implicam, por um lado, a separação material e, por outro, a “unificação ideológica”. Segundo o autor,

O favelado, que mora no barraco apertado na favela imunda, com o simples apertar de um botão da televisão, pode mergulhar no colorido mundo de fantasia e luxo das grandes ficções inventadas pela comunicação de massa, exatamente como faz, pelo mesmo meio e, provavelmente, no mesmo horário e canal, o milionário que vive nos bairros ricos das grandes cidades (MARTINS, 1997, p.21).

Se, de um lado, devemos considerar essa forma de “unificação ideológica”, por outro, os indivíduos estão, cotidianamente, se identificando através de um sistema de interação construído em ambientes de pequena escala (grupos de parentesco, vizinhança, família, entre outros) e construindo sua existência social. A partir destas considerações, a intenção, no presente, é chamar a atenção para a necessidade de considerar que é no cotidiano que os indivíduos vivem, estruturam uma determinada sociabilidade, constroem suas identidades e desempenham papéis. É através do cotidiano que valores são compartilhados de uma maneira que

parece “natural”, pois não se trata de padrões, ou normas, que são conscientemente determinados por cada um e, sim, justamente reiterados no dia-a-dia<sup>23</sup>. Assim, os estilos de vida e papéis observados no cotidiano são apresentados como fragmentos e tarefas que se executam de maneira quase automática. Dessa forma, o cotidiano acaba se tornando uma vivência de um “outro tempo”, que definitivamente não é aquele que prevalece e que é valorizado em nossa sociedade, pois, como afirma LEFEBVRE,

O cotidiano é o humilde e o sólido, o que se dá por suposto, aquilo cujas partes e fragmentos se encadeiam em um emprego do tempo. E isso sem que alguém (o interessado) tenha que examinar as articulações dessas partes. É o que não leva data. É o insignificante (aparentemente); ocupa e preocupa e, no entanto, não tem necessidade de ser dito, ética subjacente ao emprego do tempo, estética da decoração do tempo empregado (LEFEBVRE, 1991, p 36).

Enquanto a noção de tempo que prevalece no cotidiano é repetitiva e cíclica, uma vez que se inicia, termina e recomeça da mesma forma, acabando por não possuir profundidade – não tem passado nem futuro -, nas sociedades contemporâneas temos a noção de um tempo linear (CALDEIRA, 1984). ELIAS (1998), em sua obra *Sobre o tempo*, ao propor uma análise de como se estruturam e se direcionam as mudanças ocorridas através da experiência humana acerca do que chamamos de “tempo”, considera que

/.../ a percepção do tempo exige centros de perspectiva – os seres humanos – capazes de elaborar uma imagem mental em que eventos sucessivos A, B e C, estejam presentes em conjunto, embora sejam claramente reconhecidos como não simultâneos. Ela pressupõe seres dotados de um poder de síntese acionado e estruturado pela experiência. Esse poder de síntese constitui uma especificidade da espécie humana /.../. É nessa capacidade de

---

Europa e nos EUA (MARTINS, 2001).

<sup>23</sup> CALDEIRA, 1984.

aprender com experiências transmitidas de uma geração para outra que repousam o aprimoramento e a ampliação progressivos dos meios humanos de orientação que hoje concebemos e experimentamos como sendo o 'tempo' (ELIAS, 1998, p.33).

Retomando MARTINS (1992), na história local, a escala de tempo não é a mesma dos grandes processos históricos. É devido a este fato que os que vivem essa história não têm condição de captar imediatamente o significado histórico de suas ações, de seu trabalho e, até, de suas lutas. Esse autor procura verificar em sua obra *Subúrbio*, como a história atravessa a vida dos indivíduos concretos, questionando o que é, afinal, história para essas pessoas. Sua idéia consiste, portanto, em verificar o quanto o povo é, de fato, omisso em relação ao processo histórico, o quanto este processo é abrangente para essa massa de população condenada ao trabalho e a viver a rotina da vida cotidiana. Entende a periferia como um cenário de tensão, medo, descontinuidade, ruptura e desafios. Em suas palavras,

/.../ É na periferia que se consegue observar melhor esse processo, o que reforça exatamente o contrário do que Marx disse, de que era preciso estar em Londres para observar o que ele é /.../ (MARTINS, 1997a, p.163).

MARTINS (2000) chama a atenção para a existência de multiplicidade de tempos presentes no processo histórico, que fazem com que a sociedade se reproduza continuamente. Esse processo é marcado pelo desencontro entre o que se quer transformar e o que se quer preservar: este é o processo que se observa na contemporaneidade. É também quando se verifica que o cotidiano é submetido a um ritmo de vida exterior, padronizado,

/.../ onde os desencontros, em contradição com diferentes temporalidades são vistos como perspectiva dual (tradicional-moderno, brega-chique); o estranho é visto com surpresa, como incerto, criando, assim, uma cotidianidade pobre, rotineira, banal, reino da miséria, alienada (TEDESCO, 1999, p.172).

Dessa forma é que (o que se entende por) modernidade é vista por MARTINS (2000) como sendo constituída por diferentes ritmos quanto ao desenvolvimento econômico, social e tecnológico, pela acelerada e desproporcional acumulação de capital, pela miséria global que cresce intensamente dos que necessitam suprir carências materiais essenciais à sua reprodução, mas também aquelas carências de caráter qualitativo que compõem a vida social, onde se incluem a justiça, alegria, o trabalho, sonho, enfim, as “necessidades radicais” às quais se refere HELLER (apud GRANJO, 1996)<sup>24</sup>. Nas palavras de LEFEBVRE, /.../ *a modernidade anuncia o possível, embora não o realize*” (LEFEBVRE apud MARTINS, 2000, p.13)<sup>25</sup>.

É em torno desse debate que emerge, para o presente trabalho, uma discussão fundamental, ou seja, a presença de uma diversidade de tempos históricos combinados nessa difícil modernidade. Na realidade, o tema sobre a coexistência de diferentes temporalidades no que se denomina “mundo moderno” está no centro dos estudos sobre cotidiano. Conforme TEDESCO (1999), a base epistemológica desses estudos consiste em caminhar pelo veio do tempo, por existir uma historicidade do cotidiano, até mesmo nos fatos banais, pois indivíduos e fatos

<sup>24</sup> A “Teoria das Necessidades Radicais” foi inspirada nos escritos de Karl Marx e desenvolvida por Lefebvre e, posteriormente, por Heller. No caso desta pensadora, tal discussão a distanciou de pontos fundamentais do pensamento marxista, ou seja, se afastou do próprio método de abordagem para a análise da vida social (materialismo histórico e materialismo dialético). Desde então, Ágnes Heller passou a ser alvo de inúmeras críticas no meio acadêmico por não conseguir estabelecer argumentos suficientes que demonstrem como a teoria marxista poderia estar superada (sobre tais críticas, ver GRANJO, 1996). O sociólogo brasileiro José de Souza Martins resgata esses princípios adotados por Heller em sua 2ª fase (pós-marxismo) e os articula em seus estudos sobre cotidiano e pobreza no Brasil.

<sup>25</sup> Para um aprofundamento sobre a questão da constituição da modernidade, mas especificamente articulada à crescente urbanização, existem diversas obras, tais como: ARGAN (1995); ARRUDA (2001); BERMAN (1986); BOLLE (1994); MUMFORD (1998); ROUANET (1992); SOMEKH (1997), entre outros.

não são expressão aleatória de um espaço individual e isolado e, sim */.../ sínteses complexas de elementos sociais* (FERRAROTTI apud TEDESCO, 1999, p.98).

A vida cotidiana está ligada à modernidade e, ambas, se encontram ligadas à questão da temporalidade. Enquanto a vida cotidiana se funda no tempo banal, trivial e repetitivo, a modernidade é alimentada pelo instantâneo, pela rapidez, o tempo da publicidade, da linearidade, da fragmentação e da acumulação. */.../ A cotidianidade, na visão marxista, busca resgatar os tempos rítmicos, cíclicos e cósmicos nos tempos lineares da sociedade industrial* (TEDESCO, 1999, p.104).

A temporalidade é, então, uma questão primordial na discussão sobre o cotidiano, assim como também a sua estruturação espacial. Enquanto o espaço se refere ao aqui do particular, o tempo se refere ao presente, não perdendo de vista que este último é um produto histórico, sendo que o tempo e o espaço se organizam em função desse momento. Quanto a esta questão, BALANDIER afirma

*/.../ o que caracteriza a temporalidade cotidiana é a repetição contra o acontecido (como fator de segurança contra os acasos), a ruptura contra a repetição (reavivar o cotidiano: as festas, as férias...) e o cotidiano contra o tempo, gerenciando-o, organizando-o para não tumultuar a rotina* (BALANDIER apud TEDESCO, 1999, p.177).

Para LEFEBVRE, o tempo é irreversível. Sua repetição é uma dimensão ontológica e metafísica concebida no absoluto (divino). O tempo no cotidiano passa além do relógio (um símbolo). Este tempo: */.../ está na memória, nos fatos, nos souvenirs, formando o imaginário de um tempo jamais feito, acabado, pronto /.../*, enquanto que os espaços cotidianos são dispersos. Tanto o tempo quanto o espaço se encontram sob a racionalidade instrumental, passando */.../ pelo crivo da rentabilização e organização* (LEFEBVRE apud TEDESCO, 1999, p.114).

O ritmo do tempo, assim considerado, é uma categoria histórica. Sua aceleração ou não depende de fatores históricos que o condicionam. Sua tendência, no entanto, acaba sendo de relativa estabilidade como fator de adequação biológica e humana, além de fator de equilíbrio social (CARLOS & SEABRA apud TEDESCO, 1999).

Não devemos, portanto, perder de vista que uma análise crítica do cotidiano implica verificar os processos temporais e suas interferências, sua quantificação no processo social e produtivo, sua organização, as conseqüências na objetividade social e na subjetividade humana, além do quase desaparecimento da dimensão qualitativa do tempo e do espaço na organização técnico racional da sociedade moderna, como nos alerta LEFEBVRE (1991). Da mesma forma, não devemos perder de vista que o tempo cotidiano também passa pelo crivo da homogeneidade, da fragmentação e da hierarquização, visando o global, além do modo de produção e reprodução. É dessa forma que o cotidiano não pode ser considerado “tão” banal assim, pelo fato de o próprio espaço e tempo não serem desinteressantes e muito menos inocentes. Estas duas dimensões implicam uma estratégia objetiva e, em alguns momentos, subjetiva, pois se realizou de maneira material e simbólica, no interior da sociedade (CARLOS, 1996; TEDESCO, 1999).

Assim, a proposta de se estudar o cotidiano, considerando-o como categoria analítica, tem como conseqüência provocar uma abertura acerca da reflexão da própria vida cotidiana. Mais ainda, significa chamar a atenção, tal como LUKÁCS (apud NETTO, 1996), para a necessidade de uma teoria crítica que parte de uma visão dialética da totalidade social, de uma crítica ético social à vida empírica, definindo-a como */.../ uma anarquia do claro-escuro* (LUKÁCS apud NETTO, 1996, p.11). Para o pensador húngaro, nesta vida habitual

/.../ nada se realiza totalmente e nada jamais é levado a seu termo... Tudo escorre, tudo se mistura sem freios e forma uma aliagem impura; tudo é destruído, tudo é desmantelado, jamais coisa alguma floresce até a vida verdadeira. Viver é poder viver algo até o fim...A verdadeira vida é sempre irreal, sempre impossível para a vida empírica. Algo resplandece, brilha como um relâmpago por cima dos caminhos batidos; algo que perturba e seduz, algo de perigoso e surpreendente, o acaso, o grande instante, o milagre (LUKÁCS apud NETTO, 1996, p.11).

Seus estudos, especialmente em *A História e a Consciência de Classe, Estética e Ontologia do Ser Social*, apontam para a necessidade de uma ruptura dialética com a reificação cotidiana tornando-se fundamental a adoção da práxis revolucionária que significa a ação emancipadora da classe oprimida. Para tanto, seria necessária a suspensão do cotidiano através de três possíveis formas de objetivações: o trabalho criador, a arte e a ciência (NETTO, 1996).

Esta posição influencia diretamente HELLER (1982 e 1989)<sup>26</sup>, para quem existem quatro formas possíveis de suspensão da vida cotidiana: o trabalho, a arte, a ciência e, também, a moral. Através destas formas, seria possível a passagem do singular para o humano genérico. Tanto para essa autora quanto para Lukács, existem dois tipos de objetivações: as objetivações genéricas em-si e as objetivações genéricas para si (TEDESCO, 1999). As primeiras formam a base da vida cotidiana e são constituídas por objetos, linguagem, usos e costumes. São objetivações produzidas e reproduzidas sem que os indivíduos estejam necessariamente conscientes delas. As objetivações para-si formam o âmbito não-cotidianos das ações sociais, que são as próprias formas de suspensão do cotidiano citados anteriormente.

---

<sup>26</sup> Ainda enquanto compartilhava as idéias essencialmente marxistas.

/.../ podemos falar em alienação quando as relações sociais não permitem que o indivíduo se aproprie das objetivações genéricas para-si, não permitem, portanto, que essas objetivações sejam utilizadas pelo indivíduo como mediações fundamentais no processo de direção consciente de sua própria vida (DUARTE apud TEDESCO, 1999, p.135).

Para HELLER (1989), o homem genérico se apresenta somente como integração porque é representado sempre pela comunidade por meio da qual passa a história da humanidade. Nas palavras da autora,

Todo homem sempre teve uma relação consciente com essa comunidade; nela se formou sua consciência de nós, além de confirmar-se também sua própria 'consciência do eu'. Mesmo que os motivos sejam particulares, é o caráter genérico da atividade humana e do conteúdo que transitam a essência humana – o trabalho, a sociedade, a liberdade, a consciência (HELLER 1989, p.21).

Para essa autora, na vida cotidiana, o homem é um ser particular e um ser genérico. São dois elementos que funcionam em si, porém, não são elevados à consciência. Por isso a acentuação sobre as objetivações superiores (as genéricas para-si), que pressupõem a genericidade e que estão em ruptura com a imediaticidade. A passagem do ser particular para o ser genérico é possível na medida em que o primeiro toma consciência das necessidades de sua própria existência e, com isso, se torna capaz de se comportar como membro de um gênero. A emancipação humana, portanto, seria a apropriação do homem feita por ele mesmo. Seria o momento em que o mundo humano e as relações que o envolvem, se voltam totalmente para o próprio homem (MARX apud MARTINS, 1996).

Ao se voltar os olhos para a vida do dia-a-dia, percebe-se que o homem está submetido à busca de meios para sua subsistência e parece perder a consciência do ser social. É por isso que entendemos que a vida cotidiana é

marcada pela imediaticidade, previsibilidade, espontaneísmo, pragmatismo, revelando-se um modo de vida limitador das atividades e práxis humana. A estrutura da vida cotidiana possui alguns pressupostos em sua constituição que leva o sujeito a considerar seu ambiente como algo dado, já feito, a se apropriar espontaneamente de seu sistema de hábitos e técnicas; seu comportamento é pragmático direcionado ao êxito das atividades; seu conhecimento não é medido por critérios de opinião. Segundo NETTO,

/.../ o que conta não é a reprodução veraz do processo que leva a um desfecho pretendido, porém, o desfecho em si; no plano da cotidianidade, o critério da utilidade confunde-se com a verdade (NETTO, 1996, p.68).

A objetividade dada imediatamente é, segundo KOSIK (1976), a pseudoconcreticidade. Para este autor, a vida cotidiana é */.../ o mundo fenomênico em que a realidade se manifesta de um certo modo e ao mesmo tempo se esconde* (KOSIK, 1976, p.72). Em sua obra *Dialética do concreto*, afirma que a dialética, ao tratar da “coisa em si”, constata que esta não se manifesta diretamente ao homem, requerendo deste um certo esforço para compreendê-la. Isso porque a realidade nunca se apresenta como pretende ser num primeiro momento, e sim como */.../ o campo em que se exercita a sua atividade prático-sensível* (KOSIK, 1976, p.10). Por isso, a realidade acaba se apresentando como mundo dos meios, fins, instrumentos, exigências, enfim, tudo aquilo que possibilita a satisfação dos indivíduos imediatamente. Ao se encontrarem nessa situação, estes criam suas próprias representações e elaboram seu próprio entendimento acerca da realidade. De acordo com KOSIK (1976, p.11),

Nesta práxis se forma tanto o determinado ambiente material do indivíduo histórico, quanto a atmosfera espiritual em que a aparência superficial da realidade é fixada como o mundo da pretensa intimidade, da confiança e da familiaridade em que o homem se move 'naturalmente' e com que tem de se avir na vida cotidiana (KOSIK, 1976, p.11).

Muitas vezes, segundo este autor, as formas fenomênicas da realidade acabam se apresentando diferentes e até contraditórias com a lei do próprio fenômeno, com a sua essência. *./.../ o mundo da pseudoconcreticidade é um claro-escuro de verdade e engano* (KOSIK, 1976, p.12). Isso significa que o fenômeno, ao mesmo tempo que revela, esconde a essência, além de indicar que não é ele próprio (o fenômeno) e que vive somente devido à existência de seu contrário.

Uma das questões levantadas por esse filósofo é sobre o fato de a “coisa em si” não se manifestar imediatamente, permitindo uma possível resposta ao afirmar que a estrutura dessa “coisa em si” pode fazer parte de uma outra ordem da realidade, algo diverso dos fenômenos e, por isso mesmo, constituir uma outra realidade existente por trás dos fenômenos. Confirmando as afirmações de MARX *./.../ se a aparência fenomênica e a essência das coisas coincidissem diretamente, a ciência e a filosofia seriam inúteis* (MARX apud KOSIK, 1976, p.13).

Na vida cotidiana, a heterogeneidade das atividades estão em correspondência de modo imediato com a práxis humana total, tendo em vista que o indivíduo no cotidiano opera como um todo. No entanto, apesar de operar como um homem inteiro, se encontra sempre no âmbito da singularidade (HELLER, 1982 e 1989; KOSIK, 1976; NETTO, 1996).

De acordo com NETTO (1996), esta perspectiva que segue a luckacsiana define a vida cotidiana como sendo insuprimível, já que não há homem ou sociedade sem cotidiano e este é ineliminável enquanto espaço e tempo de

constituição, produção e reprodução do ser social. Em cada sociedade há uma estrutura de vida cotidiana, com ritmos, regularidades e comportamentos de sujeitos coletivos. São determinações fundamentais da cotidianidade: a heterogeneidade, que diz respeito à inserção das atividades que fazem parte do conjunto das objetivações do ser social, ou seja, o movimento de fenômenos e processos tais como a linguagem, trabalho, interação, vida política, vida privada, entre outros; a imediaticidade, já que os homens agem na vida cotidiana respondendo ativamente, numa relação direta entre pensamento e ação. Por fim, a superficialidade extensiva, o que significa dizer que não são consideradas as relações que vinculam os fenômenos que aparecem em cada situação precisa. É possível afirmar, portanto, que a vida cotidiana é */.../ o alfa e o ômega da existência de todo indivíduo* (NETTO, 1996, p.68).

Essas discussões sobre o cotidiano aqui desenvolvidas estão intrinsecamente ligadas a uma cotidianidade que se manifesta com determinadas características, ou seja, situada num tempo e espaço históricos, após a Segunda Guerra Mundial. Com este fato histórico, há a reorganização social, econômica e cultural das nações. É quando o Estado se reconstruiu com mais poder e a cotidianidade passou a mediar as relações sociais (LEFEBVRE, 1991). A maior referência é a Europa, com a reconstrução de muitos países desse continente que foram abalados pelos combates, bem como com a reconfiguração de outros países do leste europeu, sobretudo com a adesão ao regime socialista soviético. Nesse contexto, tem-se o desenvolvimento das forças produtivas, o avanço tecnológico, novas formas de organização do trabalho, expansão da mídia por vários meios, etc. De acordo com MARTINS, o cotidiano

/.../ passa a ser objeto de uma programação definida pela lógica racional–burocrática do capitalismo moderno, com tempos marcados pela linearidade, pela repetição, pela monotonia que impõem um ritmo inflexível à vida (MARTINS, 1996, p.78).

Segundo LEFEBVRE (apud MARTINS, 1996), a partir deste contexto é imposto o ritmo da vida, o que contribui para a reprodução das relações sociais. Trata-se da imposição de um tempo linear em detrimento do tempo cíclico, enfim, é o tempo dos tempos modernos. Tudo que é mediador se coloca em primeiro plano, ou seja, a mídia, publicidade, discursos, imagens, etc. Essa mediação passa a se configurar como coisificadora da equivalência. É quando o homem da vida cotidiana se torna um homem equivalente (no valor quantitativo, e não qualitativo). Assim, a produção criadora não é estimulada, já que implica o exercício da originalidade e a capacidade de estabelecer relações, uma vez que, sob tal cotidianidade, os indivíduos devem ser incapazes de reconhecer a natureza das relações. Daí, as relações sociais se constituírem de forma fetichizada ao serem criadas pelos mecanismos reprodutivos (MARTINS, 1996).

Mais ainda, há a “descoberta” da possibilidade de agir sobre o consumo e através deste, o que possibilita a organização e a estruturação da vida cotidiana. Seus fragmentos passam a ser explorados racionalmente: o trabalho, a vida privada, os lazeres, etc. É a prevalência da chamada “sociedade burocrática de consumo dirigido” (LEFEBVRE, 1991). Com isso, há, também, a criação de uma nova cidade, com o rápido crescimento do tipo tradicional, onde imperam a segregação, vigilância policial, e seus habitantes recebem o estatuto generalizado de proletários (LEFEBVRE, 1991). Como podemos perceber, esse autor chama a

atenção para o binômio cotidiano/representação<sup>27</sup> (LYRA, 1999) e questiona em que medida o cotidiano, em sua rotina diária massificante, tem influência nos rumos das sociedades modernas. De acordo com LEFEBVRE,

O cotidiano, como conjunto de atividades em aparências modestas, como conjunto de produtos e de obras bem diferentes dos seres vivos /.../ não seria apenas aquilo que escapa aos mitos da natureza, do divino e do humano? Não constituiria ele uma primeira espera de sentido, um domínio no qual a atividade produtora (criadora) se projeta, precedendo, assim, criações novas? (LEFEBVRE, 1991, p.19).

É nesse sentido que LEFEBVRE (1991) sugere que as atuais sociedades capitalistas, tanto as centrais quanto as periféricas, tendem para a programação da vida cotidiana. Uma programação que ocorre no tempo do trabalho social e, também, no tempo do não-trabalho, já que programa o próprio lazer, entre outras atividades da vida privada<sup>28</sup>.

A vida cotidiana na modernidade se tornou centro de atenção do Estado e da produção capitalista de bens de consumo. Na modernidade, o Estado gere o cotidiano diretamente e indiretamente, através de regulamentos e leis; das proibições ou intervenções; da fiscalização; dos aparelhos da justiça, da orientação da mídia; do controle de informações, entre outros (LEFEBVRE, 1991). Segundo LEFEBVRE,

/.../ os homens crêem na independência das idéias, dos sentimentos e da consciência /.../. Consciência da vida? Temos consciência de nossa vida? Não. Nossa vida não está realizada e nossa consciência é falsa (LEFEBVRE apud CARVALHO, 1996, p.39).

<sup>27</sup> Não foi possível abordar, no presente trabalho, a discussão sobre “representações e cotidiano” tal como Lefebvre apresenta numa obra inteiramente dedicada a esses estudos, intitulada *A presença e a ausência: contribuição para a teoria das representações*, sem previsão para publicação no Brasil (cf. NASSER, 2001).

<sup>28</sup> Neste sentido da programação do lazer, mais especificamente o turismo, ver CARLOS (1996).

Portanto, cotidianidade é aquilo que se une à modernidade. Por esta última, devemos entender que é o que traz o signo do novo, /.../ *o brilho, o paradoxal marcado pela tecnicidade ou pelo mundano. É o audacioso (aparentemente), o efêmero, a aventura que se proclama e se fez aclamar* (LEFEBVRE, 1991, p.30). Para este autor, cotidianidade e modernidade são fatos ligados e correlativos.

A modernidade é a auréola da cotidianidade, que encobre, ilumina e esconde /.../ são duas faces de uma realidade tão espantosa quanto a ficção: a sociedade em que vivemos. Essas duas faces se significam reciprocamente (LEFEBVRE, 1991, p.31).

Esse cotidiano pressupõe opressão e submissão, mas não é, de forma alguma, desprovido de alternativas, já que em sua própria “constituição” existem brechas (que são os resquícios dos sistemas onde se situa o poder, como a burocracia, a política, a economia, filosofia, cibernética, etc), para rupturas e infinitas possibilidades de transformação da vida social (LEFEBVRE, 1991)<sup>29</sup>. Tal idéia, como já foi dito anteriormente, é perpassada pela noção de homem do cotidiano, ou seja, enquanto um ser particular e ser genérico (HELLER, 1989), mas que não age como tal, já que a condição que prevalece nesse homem do cotidiano é a de ser particular apenas. Dessa forma, esse homem não atinge a generacidade, o que o impede de atingir a emancipação humana.

A modernidade, entre outros fatores, contribui para essa dificuldade de apreender a vida social em sua dinâmica, em sua transitoriedade, já que tudo ocorre tão rapidamente, sem ao menos se ter tempo para refletir ou contemplar a vida presente. Como MARX já havia afirmado, *tudo que é sólido desmancha no ar* /.../ (MARX & ENGELS, 1998, p.42) e isto se torna evidente nos “tempos modernos”,

---

<sup>29</sup> Cabe ressaltar que, para o filósofo francês, a verdadeira possibilidade de emancipação humana se encontra nas e pelas cidades. Ver também LEFEBVRE (1985 e 2002).

já que o novo, assim que emerge, traz em seu bojo o envelhecimento, como aponta BENJAMIN (apud ROUANET, 1992). É o tempo da vivência e não da experiência; da percepção, e não da memória (ROUANET, 1992). Daí a vida cotidiana ser difícil – e quase impossível – de ser captada, percebida em sua totalidade, já que, como foi explicitado anteriormente, a vida cotidiana é fragmentada, marcada pelo imediatismo, pelo espontaneísmo e tudo que se vê e sente neste imediato é a sua pseudoconcreticidade. É deixada de lado a apreensão da realidade como totalidade, esta como concreta, estruturada, dinâmica, etc., enfim, não há a consideração de que */.../ o concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso* (MARX apud IANNI, 1989, p.14).

O ponto de partida para a análise da vida cotidiana na modernidade é, portanto, a crítica contemporânea da economia política do sistema capitalista. A vida cotidiana é marcada pela reificação das relações desenvolvidas pelos indivíduos enquanto tais. Enquanto no capitalismo concorrencial os espaços de existência individual eram ocupados, restando ao indivíduo um certo campo de manobra para o exercício de sua autonomia e poder de decisão, no capitalismo monopolista, através da organização da grande indústria moderna, os espaços são todos ocupados por esse modo de produção, invadindo todos os interstícios da existência individual (NETTO, 1996).

*/.../ é o inteiro cotidiano dos indivíduos que se torna administrado, um difuso terrorismo psicossocial se destila de todos os poros da vida e se instila em todas as manifestações anímicas e todas as instituições que outrora o indivíduo podia reservar-se como áreas de autonomia /.../ convertem-se em limbos programáveis (NETTO, 1996, p.86-87).*

---

A cotidianidade se instaura, então, nesse contexto de previsibilidade e gerenciamento da subjetividade. Por isso, a necessidade de se pensar a vida cotidiana a partir de uma perspectiva dialética. Mais ainda, como já dito anteriormente, considerar a participação do “homem comum” que, apesar de imerso numa cotidianidade, é portador de um “senso comum” e um agente da dinâmica social. Aquele homem de carne, ossos e sonhos que, compelido pelas circunstâncias, age no sentido de procurar obter o que falta a ele, ou seja, aquilo que faz parte das suas “carências básicas”, tanto de natureza material (abrigo, alimentação, roupas), quanto não-material, pela natureza qualitativa de sua satisfação (MARTINS, 1998).

HELLER (apud GRANJO, 1996), ao desenvolver a “Teoria das Necessidades Radicais”<sup>30</sup>, enfatiza justamente a natureza qualitativa dessas necessidades na modernidade, demonstrando que */.../ o que distingue as necessidades radicais é o fato de representarem a singularidade e idiosincrasia de pessoas e comunidades* (HELLER apud GRANJO, 1996, p.59). Porém, nas sociedades atuais essas necessidades ainda não podem ser satisfeitas totalmente, uma vez que temos uma sociedade superordenada, onde impera a subordinação<sup>31</sup>.

Ainda, segundo HELLER (apud GRANJO, 1996), as necessidades radicais não substituem as outras necessidades relativas a elementos materiais, antes, as contrabalançam. Para essa autora, somente quem possui necessidades radicais pode desejar a transformação de sua vida. São necessidades que */.../ ganham sentido na falta de sentido da vida cotidiana* (MARTINS, 1998, p.6). É só

---

<sup>30</sup> Neste momento a filósofa já se distanciou do marxismo.

<sup>31</sup> Heller se refere aqui ao sujeito da história não mais necessariamente como sendo o proletariado, e sim como todo o grupo portador de necessidades radicais. Para a autora, a construção do paraíso é impossível e, dessa forma, não acredita que o sistema socioeconômico da modernidade tenha condições de ser negado por completo e enfim substituído por uma situação em que haja liberdade e onde não exista hierarquia de dominação ou conflitos sociais. Dessa maneira, o que poderia ser feito é a melhoria das condições socioeconômicas,

para quem a vida cotidiana se tornou insuportável que isso se torna possível, pois esta vida já não pode mais ser manipulada.

Por isso, pretendo, durante a pesquisa efetuada no Jardim União da Vitória, fazer com que a análise do cotidiano de seus moradores seja desenvolvida tal como CALDEIRA (1984) e MARTINS (1992) propõem, ou seja, pretendo observar “de perto” esse cotidiano, vivenciando, na medida do possível, o dia-a-dia das pessoas no local, em suas residências, pelas ruas dos bairros, nas festividades, etc. Pois,

A história do cotidiano não tem sentido quando separada do cenário em que se desenrola. Por isso, é quase uma história intimista, de vizinhanças e pequenos grupos /.../ implica em lidar com o tempo numa escala muito fragmentária, o que impõe ao pesquisador a preocupação com o detalhe e a minúcia (MARTINS, 1992, p.19).

Pretendo, enfim, a partir do material empírico, trabalhar com as informações obtidas através de inúmeras conversas com estas pessoas e, também, com as impressões que ficaram, procurando registrar o maior número possível de acontecimentos, mas tendo sempre em mente que o pesquisador não passa de um “outro”, um alguém “de fora” e que os moradores têm plena consciência desta distinção.

Na realidade, um dos grandes desafios teóricos que estudos do cotidiano nos impõem, consiste em conseguir transitar entre a parte e o todo, descobrir o todo na parte. Consiste, fundamentalmente, em /.../ *articular um saber que fundamente e, ao mesmo tempo, supere os limites do ‘aqui e agora’, dos pares de oposição micro/macro, local/global* (AZANHA apud TEDESCO, 1999, p.196).

É com base nesses pressupostos que tentei desenvolver as análises, como seguem.

---

constituindo, pelo menos, uma diminuição da distância entre as necessidades e a possibilidade de sua satisfação (GRANJO, 1996).

## 5 COTIDIANO E SOBREVIVÊNCIA NO UNIÃO DA VITÓRIA

Minha inserção no bairro Jardim União da Vitória aconteceu de forma lenta e gradual devido ao receio, ou melhor, medo, em penetrar naquele território<sup>32</sup>. Foi através de visitas feitas em companhia de minha mãe<sup>33</sup>, que realiza trabalhos voluntários de caráter assistencialista em alguns bairros carentes da zona sul da cidade de Londrina, que comecei a conhecer o Jardim União da Vitória. Apesar de estar localizado a poucos quilômetros de minha casa (cerca de seis quilômetros), em seis anos residindo nessa cidade, nunca havia estado lá.

O interesse surgiu justamente num momento em que procurava um tema de pesquisa que pudesse atender meus interesses acadêmicos e ao mesmo tempo estivesse ligado às práticas de minha mãe e de seus amigos. São práticas que partem de uma visão de mundo e princípios morais e religiosos que pregam a caridade junto a populações pobres e que vivem de forma precária em alguns locais do meio urbano da cidade. Dessa maneira, unindo meu interesse em buscar, como já disse, um tema de estudo e a familiaridade com o trabalho que os espíritas realizam, tendo como principais referências minha mãe e seus amigos, iniciei a delimitação de meu objeto de análise.

Não demorou muito para eu me interessar pelo modo de vida dos moradores do Jardim União da Vitória ao observar suas condições de vida. Inúmeras perguntas começaram a fazer parte de minhas inquietações. Afinal, como vivem? Como são suas residências (ou, em muitos casos, os abrigos que lhes servem de residência)? De que se alimentam e como se vestem? Como adquirem recursos

---

<sup>32</sup> O Jardim União da Vitória é notoriamente conhecido, em Londrina, pelas invasões ocorridas a partir da metade da década de 1980. O que marca a região, desde o início da formação do bairro, é a pobreza e as altas taxas de desemprego e de criminalidade. Geralmente é visto como um bairro “perigoso”, o “antro” do banditismo, a exemplo de outros bairros e favelas da cidade.

<sup>33</sup> Ligada à Comunhão Espírita de Londrina.

para se sustentarem? Como se relacionam dentro e fora do bairro? Como se vêem e como vêem os “outros”? O que pensam de seu bairro e o que pensam da cidade? Etc.

Estas foram as primeiras questões que busquei responder. Foi assim que “mergulhei” em um universo desconhecido, apesar de “familiar”, e que aos poucos me direcionou a procurar compreender como aquelas pessoas que começava a conhecer viviam e sobreviviam em meio às dificuldades encontradas no dia-a-dia, no que diz respeito à questões materiais e perspectivas em relação ao futuro.

Antes de iniciar meu relato de como foi essa experiência de contato com os moradores do União da Vitória, cabe tentar compreender como se dá a relação entre o pesquisador e a pesquisa empírica. De acordo com DA MATTA (1978), a pesquisa etnológica é composta por três fases: 1) fase teórico-intelectual; 2) período prático; 3) fase pessoal ou existencial. Valendo-me destas idéias, me dei conta de que a pesquisa de campo que realizei durante um breve período – que não se equivale de forma alguma àquelas empreendidas pelos antropólogos – vivenciei, pelo menos em parte, as duas primeiras fases e me vejo, atualmente, na terceira, que julgo ser a mais difícil de todas, ou seja, a articulação entre teoria e prática, mas que devo não só enfrentar, como superar.

Durante meses estive debruçada sobre livros e textos que tratam das diferentes abordagens sobre a Sociologia da vida cotidiana e que norteiam teórica e metodologicamente o presente estudo. Meu primeiro contato foi com as obras de José de Souza Martins e, através deste, me vi transitando entre outros teóricos, tais como: Henri Lefebvre, Ágnes Heller, Georg Lukács, Karel Kosik, Peter Berger e Thomas Luckmann, Michel Maffesoli, Erving Goffman.

Atingi um ponto – confesso – de considerar-me “bem munida” teoricamente para efetuar a pesquisa empírica e “aplicar” conceitos sobre a realidade com a qual iria me deparar – o que, posteriormente, se revelou um equívoco. O período prático (a segunda fase à qual Da Matta se refere) foi, num primeiro momento, um tanto dramático. Pude constatar que o fato de se fazer parte da mesma sociedade, falar a mesma língua e viver a poucos quilômetros de distância do local não garante uma total proximidade entre pesquisador e objeto empírico e tão pouco facilita a inserção na vida social daqueles indivíduos. Deve existir o exercício do “estranhamento” na maneira de olhar o que é costumeiro. Isso nos leva a encarar os mesmos panoramas através de diferentes perspectivas. A Sociologia, independente do foco em questão, tem como um dos principais objetivos justamente descortinar níveis de realidade, percepções e representações presentes nas ações humanas, idéia que me remete aos escritos de Peter Berger

O quadro de referência sociológico, com seu método inerente de procurar outros níveis de realidade além dos definidos pelas interpretações oficiais da sociedade, traz consigo um imperativo lógico de desmascarar as simulações e a propaganda com que os homens ocultam suas ações recíprocas (BERGER, 1998, p. 49).

As características que esse autor aponta como inerentes à perspectiva sociológica (desmistificação, relativização, não-respeitabilidade e cosmopolitismo) também devem estar presentes em todo o processo da pesquisa.

No estudo em questão, não foi de imediato que percebi que no Jardim União da Vitória reside uma população tão heterogênea. Num primeiro momento, foi perceptível a semelhança que o bairro possui com outras periferias de médias e grandes cidades, sobretudo no que se refere à precariedade de infra-estrutura, crime, desemprego e miséria.

A periferia tem sido sempre encarada como um lugar ameaçador inclusive para seus próprios moradores. Existem, praticamente, todos os defeitos que uma cidade pode ter como, por exemplo: as ruas sem calçamento e que se alagam quando chove; são bairros desprovidos de hospital ou dentistas; geralmente existem casas com energia elétrica, água encanada e esgoto obtidos somente com ligações clandestinas e, muitas vezes, os detritos correm a céu aberto, entre outros problemas, como a auto-construção das casas, que não seguem qualquer projeto de edificação e são raras as praças, áreas verdes e de lazer. Dessa forma, é comum, para o pesquisador, homogeneizar os bairros pobres ignorando a heterogeneidade de sua população.

Porém, aos poucos, pude perceber que, no Jardim União da Vitória, residem milhares de pessoas que para ali se deslocaram, oriundas de diferentes lugares da cidade e de fora de Londrina. Certamente, há semelhanças em suas trajetórias e nas condições atuais de vida. No entanto, para compreender, de fato, a dinâmica do bairro, mais especificamente, como seus moradores sobrevivem tendo em vista a dupla segregação que sofrem (espacial e social), foi imperativa a inserção, na medida do possível, em seu cotidiano a fim de apreendê-lo e explicá-lo a partir de uma concepção mais abrangente da estrutura da sociedade. Isso significou considerar as questões que extrapolam o âmbito local para, justamente, compreender como é possível essa população sobreviver tendo, ao seu alcance, a princípio, um limitado campo de manobras. Foi a partir desse exercício de “observação” e de “convívio” com a população local que derivei para a questão da exclusão social (MARTINS, 1997; 2000).

Devo admitir que o contato com aquela população não foi, em nenhum momento, encarado como normal, ou seja, como fazendo parte do meu

“universo”. Dirigi àquele local já com esse entendimento, mas foi mais difícil do que imaginei que ia ser. Encontrei dificuldades, sobretudo em relação à linguagem, à forma de expressão verbal, aos sentidos atribuídos a determinados assuntos, de me fazer compreender, ser inteligível, de ouvir, porém, sem conduzí-los. Houve, por fim, a dificuldade em me comportar como estranha, por mais que meu ofício exigisse.

O “estranhamento” deveria permanecer sob um “véu” para que fosse possível conquistar a confiança daquelas pessoas com as quais eu estava tendo contato e das quais dependia para obter algum sucesso nesta empreitada. Percebi a necessidade de mostrar-me sempre solícita e interessada em suas histórias, em suas vidas, em seus problemas, demonstrando, na medida do possível, compreensão. Eu queria mesmo ouvir problemas, fazia parte de meus objetivos, porém, era necessário selecioná-los. Eu precisava, além da mera obtenção dos depoimentos, extrair elementos que compusessem, pelo menos em parte, a vida social do bairro no que tange à luta cotidiana pela sobrevivência. Mas precisava explorar, também, diversos outros aspectos da vida social para melhor conhecer o seu dia-a-dia.

Cabe ressaltar que, tal como DA MATTA (1978), entendo que não existem razões para não assumir o lado humano e fenomenológico que disciplinas como Sociologia e Antropologia possuem, assim como outras ciências humanas. Não há por que negar a subjetividade. No caso desse autor, em suas pesquisas entre populações indígenas, teve que transformar o que chama de “exótico” em “familiar”. No meu caso, me identifico ao que o próprio DA MATTA denomina “segunda transformação”, que corresponde a boa parte dos estudos realizados pela Antropologia Social na atualidade. Ou seja, significa o pesquisador se voltar à sua própria sociedade ao transformar o “familiar” em “exótico”.

Com base nos escritos de VELHO (1978), quando discute justamente esse assunto sobre pesquisar o “familiar”, encontro possíveis explicações para a minha sensação de estar mesmo distante da população do Jardim União da Vitória.

Segundo o autor

*/.../ O fato de dois indivíduos pertencerem à mesma sociedade não significa que estejam mais próximos do que se fossem de sociedades diferentes, porém, aproximados por preferências, gostos, idiossincrasias (VELHO, 1978, p. 38).*

Enfim, o princípio de minha experiência de campo foi, de fato, muito difícil, apesar de já conhecer condições de vida semelhantes em outros lugares da própria cidade. Passei a freqüentar o Jardim União da Vitória e a redigir relatórios que revelam certo espanto e incômodo com o que me deparava. A primeira vez que fui visitar Dona Vicentina, por exemplo, uma “adorável” senhora que se tornou minha principal informante, com depoimentos riquíssimos, repletos de importantes elementos que muito contribuíram para as análises do presente trabalho, relatei o seguinte em meu caderno de campo

*Impossível não ficar chocada com o primeiro contato. Este contato envolve diversas percepções, desde as mais sutis até as mais explícitas /.../. Exemplos não faltam. O cheiro eu guardo na mente /.../. Impossível permanecer neutra diante do que vi. E olha que nada se compara com a situação de 14 anos atrás (29/9/2001).*

Num segundo momento, já sentia menos desconforto em relação ao que via, sentia e escutava, na casa que passei a freqüentar nesse bairro, como demonstro no trecho seguinte

*/.../ antes era muito difícil devido ao impacto com uma realidade completamente diversa daquela a que estou acostumada. Estar junto àquela família, observando o modo de vida que possui, a*

forma como levam suas vidas, me impressionou no início. Mesmo não sendo comparável a outras condições existentes na própria região, ou seja, indivíduos, famílias vivendo sob as mais terríveis condições materiais. Vicentina e sua família têm como sobreviver, mesmo com dificuldades, tendo que lutar arduamente para isso. /.../ o que pretendo compreender é justamente a maneira pela qual eles pensam o devir, se é que pensam. O devir no sentido de buscar satisfazer suas necessidades materiais ou até mesmo aquelas necessidades “qualitativas”, nas quais se inserem a educação, cultura, etc. (19/10/2001).

Minha pesquisa de campo se estendeu ao longo de mais de um ano, que foi o período em que ainda permanecia em Londrina, cumprindo os créditos no curso de Mestrado e tendo algum tempo disponível para visitar o bairro<sup>34</sup>. Assim, pude conhecer diferentes áreas dentro do próprio bairro<sup>35</sup>, tais como casas de inúmeros moradores, estabelecimentos comerciais, escolas, creches, posto de saúde, algumas Igrejas, entre outros. Pude, dessa forma, estabelecer contatos com pessoas que poderiam me conceder entrevistas ou fornecer preciosas informações para a pesquisa.

Cabe ressaltar aqui que não há qualquer pretensão de denominar este trabalho um estudo estritamente etnográfico, tal como os antropólogos fazem com maestria. A pesquisa de campo que realizei consiste em levantamento de dados da própria região, obtidos através de alguns meios de comunicação e órgãos públicos, bem como de anotações efetuadas durante minhas visitas ao bairro, além das entrevistas gravadas com alguns moradores.

---

<sup>34</sup> Atualmente resido em Cuiabá, Mato Grosso, onde trabalho como professora do Departamento de Sociologia na Universidade Federal de Mato Grosso.

<sup>35</sup> Há, atualmente, 6 diferentes loteamentos no bairro, que foram delimitados pelos próprios moradores. Oficialmente, são apenas 2, o Jardim União da Vitória I e II. Através dessa divisão, é possível observar que as pessoas se diferenciam, se referindo uma a outra como sendo do “I”, ou do “V”, dependendo da área em que residem. Inclusive, para diferenciar as melhorias recebidas da prefeitura que não se estendem por toda a região, como é o caso do loteamento IV, que se formou a partir de uma recente invasão e que ainda não foi regularizado. A auto-imagem que os moradores fazem de si, dependendo da área em que vivem, poderia se constituir num outro objeto de estudo, a partir da proposta de analisar as relações de poder nesse bairro, tal como Norbert Elias discute em sua obra *Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. SP: Zahar, 2000. De acordo com esse autor, a pertinência de estudos nesses moldes, indica que /.../ *os problemas em pequena escala do desenvolvimento de uma comunidade e os problemas em larga escala do desenvolvimento de um país são inseparáveis* (ELIAS, 2000, p.15).

Porém, durante esta experiência vivenciei grande parte dos problemas e angústias de que se reveste o trabalho de campo. Certamente seria possível realizar inúmeras outras pesquisas sobre o mesmo tema e de uma maneira bem mais aprofundada e refinada. No entanto, devido ao tempo exíguo do trabalho acadêmico de realização de uma Dissertação de Mestrado, foi necessário impor limites. Mesmo assim, há o esforço de tratar o tema cotidiano do bairro Jardim União da Vitória e apresentar algumas questões que considero relevantes para, numa pesquisa futura, melhor defini-las e complexificá-las.

Trata-se de um estudo de caráter qualitativo, ou seja, o número de entrevistas é reduzido e devem ser analisadas através de tendências percebidas tanto nos próprios depoimentos quanto nas observações que realizei. Por isso, delimito um total de quatro entrevistas, procurando diversificar o perfil dos moradores do bairro<sup>36</sup> como se pode observar a seguir.

### **5.1 AS TRAJETÓRIAS DE VICENTINA, NEUSA, EDGAR E JOSÉ – A CONSTRUÇÃO DA VIDA**

Início recorrendo aos relatos de Vicentina e às observações feitas na pesquisa de campo, quando esta senhora, de 50 anos se refere ao que entende por felicidade. Apesar de tudo que passou e dos problemas que ainda enfrenta, se considera feliz

*/.../ Às vezes, de noite, começo a pensar na minha família. Aí eu começo a pensar assim: ai meu Deus, eu nunca tive por que ser feliz por causa de tantos problema, de tanto problema que eu tive... Mas eu ainda sou feliz (VICENTINA).*

Creio ser importante ressaltar esse aspecto de nossas conversas, pois é algo que também busquei observar entre os demais entrevistados, ou seja, voltar a atenção às maneiras pelas quais essas pessoas expressam otimismo, mesmo diante de tantas dificuldades. Penso que, no roteiro de entrevista, quando solicito ao entrevistado um relato sobre sua perspectiva em relação ao futuro, trata-se de uma questão bastante “aberta”, oportuna para possibilitar ao entrevistado relatar, livremente, suas representações sobre seu futuro.

Consta, ao longo da pesquisa de campo, ao conversar com alguns moradores do Jardim União da Vitória, que estes sobrevivem, suprindo algumas necessidades materiais, através de uma luta que é travada diariamente. Porém, ao falarem de seus sonhos e anseios, se referem, em geral, às necessidades de natureza qualitativa, como tentarei demonstrar nas análises.

Foi possível também notar toda uma teia de relações que acaba sendo estabelecida e articulada, a fim de garantir os meios de subsistência dentro do bairro, bem como garantir a própria “imunidade social”. Refiro-me aqui à questão da violência instalada no Jardim União da Vitória.

Edgar, por exemplo, é bastante claro em seu relato quando se refere à época em que ele e sua família se mudaram para o Jd. União da Vitória. Edgar trabalhava numa pequena mercearia e dependia de sua “notoriedade” de líder comunitário desde a época em que vivia no Jardim Franciscato e, mesmo, no próprio União. Foi um dos principais articuladores do movimento reivindicatório que agilizou a regularização fundiária e o loteamento do bairro. Entre diversas histórias relatadas, destaco aquela em que conta como conseguiu evitar que uma turma, também residente no bairro, queimasse seu barraco onde funcionava seu comércio após uma

---

<sup>36</sup> Ver anexo 2 – Dados pessoais e trajetórias dos entrevistados.

confusão que envolvia sua irmã com outras garotas do bairro, ao ser reconhecido instantes antes de cometerem o crime.

Quando chegaram bem próximo, eu tava numa laje ali, eu tava ali esperando eles, né. Aí quando chegou bem perto aquela turma eu já escutei um cara: “ô louco, é o Edgar, do Franciscato, é o Edgar ali, não vamos chegar não”. E foi passando direto, aquele buxixo e tal (EDGAR).

Além da preocupação com as dificuldades enfrentadas no início de sua ida para o União da Vitória, Edgar também temia a violência dentro do bairro. Aos poucos, acabou admitindo a possibilidade de se adequar ao que era “estabelecido” nesse ambiente, procurando se aproximar de pessoas com as quais tinha que conviver.

Teve época que você tem que sair um pouco do que você é, da sua vida e tal e, as vezes, vestir um shortão, tênis, deixar o cabelo crescer um pouco, né, se misturar também, né. Misturar que eu digo, bater um papo, trocar uma idéia, pra você também passar a ter algumas pessoas do mundo que é um mundo violento do teu lado; porque do teu lado entre aspas (EDGAR).

Esse líder comunitário explica que isso era necessário porque o União da Vitória é um lugar */.../ que começou com gente de tudo quanto é lugar, tudo quanto é tipo de favela /.../ porque tudo quanto é dificuldade que se tinha em Londrina veio pra cá* (EDGAR).

Já o comerciante José, que vive uma situação financeira mais favorável em relação à grande maioria daqueles moradores, afirma que seu comércio nunca foi assaltado, demonstrando alívio */.../ graças a Deus, nunca aconteceu* (JOSÉ). E, quando questionado sobre isso, ou seja, por quais razões outros comércios do bairro já sofreram assaltos e o dele não, me respondeu

/.../ porque as pessoas que foram assaltada mexia com muito dinheiro, recebia água da SANEPAR... e eu nem quero. Porque isso aí é uma mina, é muito dinheiro. É... então, os ladrão fica tudo de olho, né. E eu nem quero saber desse negócio aí (JOSÉ).

Cabe ressaltar que José é proprietário do segundo maior mercado no bairro, sendo superado somente pelo mercado do Tonhão. Os demais pontos de comércio são pequenos e não dispõem da mesma quantidade e variedade de mercadorias como esses dois mercados citados. No entanto, seriam prejudicados por terem convênio com a Companhia de Saneamento do Paraná (SANEPAR), além da Companhia de Energia Elétrica (COPEL) e Serviços de Telecomunicações de Londrina (SERCOMTEL). Por isso, estariam, conforme o entendimento de José, vulneráveis a assaltos, já que recebem o pagamento das contas dessas empresas, prática comum em toda a cidade. O grande movimento de dinheiro, seria, portanto, responsável pela atração de bandidos a esses estabelecimentos.

Através do depoimento de Edgar, tal questão pode ser esclarecida quando questionado sobre sua relação, enquanto liderança comunitária, com a população do bairro, como consegue apoio das pessoas, principalmente dos comerciantes, que são constantemente procurados para prestarem alguma ajuda e financiarem programas que as entidades comunitárias promovem

Nós chega no comércio e nós fala pra eles que eles têm que doar lá, dois, três, quatro, cinco pacote de refrigerante. E ainda a gente justifica pra eles porque é interessante aquilo sem eles receber um tostão. Aí tem uma hora que o próprio comerciante precisa de alguma coisa e a gente tem que explicar pra alguém que não pode ficar aquele “buraco” lá na frente do mercado atrapalhando os fregueses dele chegar e precisa ser arrumado com urgência (EDGAR).

Edgar se refere à sua própria experiência em conduzir um comércio que, na verdade, não lhe pertencia, mas administrava. Seu relato se refere aos momentos difíceis vivenciados devido à presença de pessoas que ele sabia que faziam parte do mundo da criminalidade.

Assim, é possível notar a existência de situações próprias do local e que somente seus moradores conhecem e sabem como driblar. Trata-se de uma tendência à “auto-conservação” e que se configura como estratégia de sobrevivência que os indivíduos buscam montar cotidianamente. Tal tendência faz parte de um dos objetivos do homem particular, aquele, cujas objetivações genéricas em-si se encontram na esfera do cotidiano das ações sociais. São objetivações que formam a base da vida cotidiana e que são constituídas por objetivos, linguagens, usos e costumes (HELLER, 1982; TEDESCO, 1999).

A realidade na vida cotidiana se apresenta como mundo dos meios, fins, instrumentos, exigências, esforços, tudo para satisfazer os indivíduos de imediato. E os indivíduos, nesta situação, criam suas próprias representações e elaboram seu próprio entendimento acerca dessa realidade. Dessa maneira, entendo que os moradores do Jardim União da Vitória procuram, assim como qualquer indivíduo inserido na cotidianidade, buscar meios de evitar conflitos que coloquem em risco suas próprias vidas, porém, não evitam conflitos quando estes não passam de desentendimentos entre vizinhos, como tentarei demonstrar mais adiante.

A questão sobre a falta de segurança foi e continua sendo um problema no União da Vitória. Antes da Prefeitura Municipal efetuar a regularização fundiária da região e da Secretaria de Obras iniciar todo o trabalho de arruamento e loteamento, o acesso ao bairro era dificultado, havendo somente trilhas e uma

excessiva vegetação por todos os lados que acabava servindo de esconderijo para os criminosos. Ao mesmo tempo, se formava um bairro que passava a abrigar milhares de pessoas que não eram criminosas. Atualmente, ainda existem aqueles que cometem pequenos e graves delitos e vivem no bairro, muito próximos àqueles trabalhadores ou pessoas que buscam, através de outras maneiras (lícitas), suprir suas carências materiais.

Vicentina é uma dessas pessoas que, inclusive, teme a violência que existe dentro do bairro. Para ela, a violência ocorre porque o histórico da formação do Jardim União da Vitória ocorreu em meio ao que chama de “bagunça”, já que para ali foram pessoas oriundas dos mais diversos lugares, que não respeitavam uns aos outros, como consta em seu depoimento abaixo.

Ah, entrou muita gente, veio muita gente de fora morar aqui. Então, a gente tem medo porque veio muita gente de fora... Como minha rua é principal, a gente vê gente de tudo quanto é tipo passando e a gente vê que é gente estranha, vem de outros lugar, até de outras cidade. E a gente vê muita gente que não trabaia /.../. Hoje em dia a gente vê durante a semana gente na rua. E onde de roubo também acontece na casa de família. A gente vê também que roubo, a maior parte, não é de dinheiro não, é de alimento... Uns tempo começou tirando roupa de varal, de dia, com o sol quente. Aí, agora, aquietou um pouquinho. Mas agora mudou. Em vez de roupa, é comida. Você vê cada molequinho assim, entrar... amarra a camiseta, faz que nem bolsa e leva embora. Tem também gente que deixa sapato pra fora e vai trabaia. Quando volta, não tem mais nada. Eu não deixo minha casa sozinha, tenho medo de deixá a casa sozinha (VICENTINA).

Um caso que convém citar é sobre o serviço de transporte coletivo no Jardim União da Vitória. A linha de ônibus que circula por todo o bairro<sup>37</sup>, é uma das que mais sofre assaltos na cidade de Londrina. Segundo relatos dos moradores e do próprio funcionário da empresa de ônibus que trabalha como cobrador nesta linha, trata-se de bandidos que vivem no local. Além destes fatos são também recorrentes diversas outras situações que envolvem violência.

---

<sup>37</sup> Linha 210 – VITÓRIA.

Como exemplo, recorro a um relato feito em meu caderno de campo no dia 03 de Janeiro de 2002, após as comemorações de Natal e Ano-Novo. Neste dia estive no bairro visitando Vicentina, quando escutei de suas filhas o caso de um homicídio que aconteceu na passagem do ano. Já conhecia o fato, por ter sido veiculado pelos meios de comunicação, mas foi muito interessante a interpretação delas. Foi o primeiro homicídio registrado em Londrina naquele ano. Infelizmente não dispunha de gravador naquele dia, o que me impediu de registrar com maiores detalhes a nossa conversa. Mas o que as moças enfatizaram foi a “vergonha” que sentiram por viverem num bairro quando um momento de “alegria” fora interrompido por um ato violento. Um rapaz foi baleado na rua em meio às pessoas que comemoravam o Ano-Novo. No momento em que estouravam fogos de artifício, ocorreu o assassinato. Olívia e Áurea, filhas de Vicentina, disseram que demoraram para entender o que havia acontecido, já que só viram pessoas correndo, gritando, pedindo ajuda e, adiante, um corpo caído no chão. Segundo as moças, a festa para elas acabou naquele instante e, com isso, voltaram frustradas para casa, sem encontrarem qualquer outro motivo para comemorar o novo ano que se iniciava.

Através de anotações feitas nesse dia e em outros foi possível construir algumas percepções sobre a vida no bairro e que puderam ser confirmadas ao longo da pesquisa, como segue.

Através das experiências vividas pela família de Vicentina e de algumas outras pessoas, tenho percebido um pouco como é viver no União da Vitória quando se tem inúmeras dificuldades financeiras que provocam restrições inimagináveis para quem vive com, ao menos, algum conforto e segurança. Viver no União da Vitória chega a me fazer pensar que é estar submetido a regras e normas instituídas não somente pelo sistema econômico e social vigente em nossa sociedade, mas àquelas próprias do bairro, ditadas, inclusive, pelos indivíduos que acabaram contribuindo para que o local fosse estigmatizado pelos recorrentes atos violentos (03/01/2002).

Num outro trecho desse meu relato, exponho o seguinte

Dirigi-me ao bairro, inicialmente, com verdadeiro pavor devido às histórias que ouvia dizer sobre o local. Porém, andando pelas ruas do bairro nada tem indicado, além de notícias em jornais e televisão, que o União da Vitória é, de fato, o “antro” da criminalidade. Andando um pouco pelas ruas e utilizando o transporte coletivo que trafega por todo o bairro, noto que existem muitas mulheres, crianças e velhos circulando. Noto que os homens aparecem mais no início da manhã quando, provavelmente, estão se dirigindo aos seus serviços, ou no final da tarde, quando retornam para suas casas /.../. As informações que pude obter indicam que a violência mesmo acontece à noite, quando se escutam tiros e, no dia seguinte, são encontrados corpos pelo mato ou, até mesmo, nas calçadas. Assim, como eu mesma, enquanto pesquisadora, tive, num primeiro momento, a forte sensação de estar penetrando num território obscuro e perigoso (03/01/2002).

Na realidade, essas experiências me levam a pensar tal como KOSIK (1960) que o pensamento e a prática próprios do cotidiano se expressam numa espontaneidade e sua tendência é o pragmatismo, já que no plano do cotidiano, o critério da utilidade se confunde com a verdade (KOSIK, 1960). O homem, ao estar inserido na cotidianidade, só consegue se perceber como ser particular, e não como ser genérico, apesar de, segundo HELLER (1989), o indivíduo no cotidiano se constituir, a um só tempo, num ser particular e genérico. No entanto, não somente a alienação, como a divisão do trabalho e a crescente fragmentação de papéis sociais dificultam, cada vez mais, a ligação da particularidade com a genericidade, ou seja, a constituição de um humano genérico que deve se apresentar como integração. Isso decorre do fato de que, no sistema capitalista, a tendência é particularizar ao máximo os indivíduos e os próprios interesses em detrimento do comum e do comunitário, o que dificulta a relação com o genérico.

No caso do Jardim União da Vitória, tenho notado que as conseqüências desse processo, ou seja, de não se conseguir transcender o “aqui” e

“agora” que marcam a vida cotidiana, contribuem para o aumento da violência, bem como a impossibilidade crescente em vislumbrar um retrocesso dessa situação.

Pelo fato de o ambiente cotidiano ser permeado pela regularidade, imediatismo e evidência, a consciência dos indivíduos é invadida por um mundo de fenômenos externos, superficiais, que se encontram no nível da aparência, ou seja, pelo mundo da manipulação, ao termos uma práxis fetichizada; pelo mundo das representações comum a todos e pela impressão de que os fenômenos sociais são naturais. Enfim, o mundo que se manifesta à vida diária é aquele mundo “já pronto”. Porém, o indivíduo se move num sistema formado de aparelhos e equipamentos que ele próprio criou mas que não consegue entender que é um mundo criado por ele próprio. É o que KOSIK (1976) chamou de “pseudoconcreticidade”.

Dona Neusa, uma outra informante que me concedeu entrevista, ao ser questionada sobre a convivência dos moradores do Jardim União da Vitória com criminosos, reafirma que estes não deveriam nunca mexer com a população local. No entanto, não é o que ocorre. Neusa demonstra irritação ao lembrar-se daqueles moradores do bairro que “tentam” ser bandidos mas que, na verdade, não passam de “amadores”.

Tem uns que não são nem bandido, são sem vergonha, são ensaiante de bandido. Outro dia desse entraram aqui na casa do meu cumpadre, que nunca tinha entrado /.../. Entrou na casa dele, queria televisão do meu cumpadre. Levou um cassete, bateu no cara. Bateu, levou pra polícia. E não é bandido, é sem vergonha. Acho que se drogou, né, e entrou /.../. Bandido bandido mesmo não dá pra ter muito medo deles quando ele é bandido. Porque um bandido com uma arma na mão vai fazer o que? Ele vai matar quando é necessário, não é? Um bandido com uma arma na mão ele sabe o que vai fazer com ela. Agora, um moleque com arma na mão, não sabe o que vai fazer. Só de olhar pra você, ele atira, não tem conversa. Aí que tá o perigo /.../ (NEUSA).

Através deste depoimento, pode-se perceber mais um exemplo de tentativa de “auto-conservação”. A preocupação de Neusa gira em torno dos inúmeros problemas existentes dentro do bairro. Entre tantas dificuldades vivenciadas pelos moradores, ela entende que, pelo menos, quanto à violência dentro do bairro, deveria haver um apaziguamento. Mas isso se mostra inviável tendo em vista o fato de existirem jovens que se envolvem com drogas e que se tornam quase desprovidos de consciência diante de seus atos. Sua reflexão, apesar de abrangente, não extrapola o plano do cotidiano demonstrando uma certa “naturalização” quanto à existência de uma costumeira convivência com a criminalidade.

Por já ter vivido durante algum tempo em favelas na cidade de São Paulo, Neusa, constantemente, durante a entrevista, fazia comparações com o Jardim União da Vitória. Entre diversas considerações, a que mais expressa seu entendimento sobre o que é viver em favelas e ter que conviver com pessoas muito diferentes entre si, além da violência que, inevitavelmente faz parte do dia-a-dia dos moradores, é a seguinte */.../ a gente tem que acostumar com o mundo do jeito que o mundo é. Não tem como você fugir (NEUSA).*

Através das falas de Neusa, ainda é possível notar a permanência de uma práxis utilitária ao tentar problematizar as questões que afligem os moradores do bairro. Para KOSIK (1976), essa práxis utilitária é o que cria o “pensamento comum”. E é justamente neste tipo de pensamento que temos a forma ideológica do agir humano de todos os dias. Não há qualquer entendimento de que a realidade é uma construção social, e não natural, que são os próprios homens que estabelecem suas próprias relações e a forma de organização social e, conseqüentemente, suas próprias contradições. As contradições sociais são, segundo Karl Marx, o princípio

explicativo da realidade social (IANNI, 1989). Mas essa maneira de pensar não faz parte desse pensamento que é comum a todos na vida de todos os dias. Por isso, tem-se a idéia de que tais circunstâncias são constituintes da própria vida humana.

Entre os entrevistados, somente Vicentina vive no “anonimato”, ou seja, não atua em nenhum movimento reivindicatório dentro do bairro, não participa de qualquer atividade que envolva os moradores (como Edgar e Neusa), e nem trabalha no próprio bairro (como José). Por isso, sobrevive através de meios que encontra ao seu alcance imediato e, em alguns momentos, se refere ao bairro União da Vitória com certo desprezo, o que poderia indicar um certo sentimento de “não pertencimento” ao local e àquela comunidade<sup>38</sup>. *Aqui é uma vila, sei lá, de louco, sabe. A gente pra vir morá aqui tem que está louco* (VICENTINA). Esta senhora tece inúmeras críticas ao ser questionada sobre como é o dia-a-dia no bairro, como são as pessoas, o que elas fazem. Mas é interessante o seu relato na medida em que descreve um pouco a dinâmica do bairro. Sobre os finais de semana, por exemplo ela afirma que

*/.../ de dia é quieto, mas as vez é bagunçado. De dia, quando é 10, 11 horas, você já começa escutá os vizinho comentá, porque vizinho é um bicho danado. Aí já começa: “ah, ali embaixo morreu fulano”, de final de semana. As vez acontece, é mais a noite, mas tem tempo que não. Tem tempo que fica muito tempo assim, no sossego, na tranqüilidade. Tem época que isso aqui parece uma fazenda abandonada, você não vê nem carro de polícia passá* (VICENTINA).

*Eu não saio aqui na vila /.../. Quando é dia de forró eu não vô. Eu gosto de ir em dança, eu gosto de vê eles dançando. Mas isso é quando acontece que eu tô num lugar civilizado, porque aqui, nem que fosse de passeá, eu não ia... Bagunça tem em todo lugar, mas aqui é mais. Aqui é mais perigoso* (VICENTINA).

<sup>38</sup> A pesquisa de campo para o presente estudo foi realizada ao longo de um ano (Agosto de 2001 a Julho de 2002). Após este período, Vicentina se mudou do bairro, indo morar com um homem, 20 anos mais velho, num sítio, no município de Tamarana (a cerca de 200 quilômetros de Londrina). Desde então, nunca mais teve contato direto com ela, e sim com suas filhas, que permanecem vivendo em sua casa. Creio que, na primeira oportunidade que encontrou, Vicentina saiu do bairro, levando seu filho mais novo consigo, assim como desejava, ao demonstrar constante insatisfação em morar no União da Vitória, confirmando, dessa forma, minhas impressões acerca de sua falta de identificação com o local de moradia.

Além desses casos recorrentes de violência no bairro, ela também descreve como as pessoas tentam se divertir, porém, sem evitar conflitos.

Aqui tem som. Aqui, agora, de primeiro não tinha não, mas agora tem som aqui. Agora diz que tem um lugar aí que é lanchonete e sai forró pra véio. Então, isso tudo, chega de noite... antigamente, a turma daqui ia pros forró lá fora, no centro e hoje em dia não, eles faz aqui na vila. Então, essas pessoa que gosta de sair, passeá, eles fica mais aqui. E aí suja, porque aqui, basta você olhá, dar uma olhada no outra pessoa, é o suficiente pra briga, batê boca, é assim. E por aí começa a briga (VICENTINA).

Nesse relato, Vicentina aproveitou para dizer o que, em sua opinião, falta no bairro.

Bom, sobre o comportamento do bairro, a primeira coisa que eu vejo de errado é o lixo de rua. A rua da gente é cheia de lixo. Quando chove, o lixo vem pra porta do outro, entope os esgoto, as enxurrada entra no quintal e traz aquela sujeirada feia lá da rua /.../. Nós tem lixeiro três vez por semana. Só que nem todas as pessoa têm paciência de colocar na rua pro lixeiro. Elas prefere catar do quintal e jogar na outra rua ou no outro lado da rua, ou o vizinho sai lá de cima e vem ponhá na tua calçada. Na minha calçada acontece isso /.../. Poderia ser uma vila bem limpinha /.../ só depende de limpeza, que higiene aqui não tem (VICENTINA).

Vicentina acabou revelando algumas dificuldades que os moradores enfrentam no União da Vitória em seu convívio cotidiano. Esse episódio sobre o lixo representa apenas uma pequena parte dos conflitos que ocorrem no bairro, diante da precariedade das condições de vida e do abandono e descaso do poder público local, que não disponibiliza serviços eficientes e suficientes para toda a população.

Vicentina depende de donativos que, esporadicamente, lhe são oferecidos – mas impossível de ser prevista a sua chegada. Além disso, freqüentemente recorre a lugares onde pode encontrar pessoas que, de alguma

forma, a auxiliem. Independente dessas possibilidades de sobrevivência, essa informante parece ter uma visão acerca do trabalho enquanto uma atividade que deve ser sempre almejada, a fim de garantir o sustento de sua família. Mesmo assim, ela trabalha esporadicamente, quando há serviço, como doméstica ou como bóia-fria. Porém, a renda familiar depende do complemento que seus filhos (os que trabalham ou recebem algum tipo de benefício<sup>39</sup>) devem contribuir. Vicentina tem nove filhos vivos, dentre os quais, cinco ainda vivem com ela, além de criar dois netos<sup>40</sup>.

Esta família vive há onze anos no Jardim União da Vitória. A trajetória de Vicentina é marcada por diversas mudanças, desde quando saiu de Álvares Machado, no Estado de São Paulo rumo à cidade de Londrina, no Paraná, para onde se mudou em companhia do marido que trabalhava como segurança numa “empresa de circo”.

Antes de morar no União da Vitória o casal, juntamente com os filhos que nasciam, viveram em oito bairros diferentes<sup>41</sup>. A opção pelo bairro que se iniciava foi feita quando o marido de Vicentina, por “ouvir falar” do lugar, resolveu vender seu barraco no bairro vizinho (Jardim Franciscato) e levar sua família para o União da Vitória. Nessa época, as invasões já haviam começado e a regularização da região estava em andamento e o que se “ouvia dizer” era que o prefeito da época<sup>42</sup> estava “doando” os lotes para algumas famílias que já estavam no assentamento<sup>43</sup>. No entanto, já existia um grupo, responsável pelas primeiras

---

<sup>39</sup> Como o benefício do programa “bolsa-escola”, do Ministério da Educação do Governo Federal, que recebe de 3 filhos que estão matriculados numa Escola Pública no próprio bairro. Além disso, sua filha mais velha, Luciana, que é casada pela 2ª vez, cede, mensalmente sua cesta de alimentos, obtida através do trabalho na “horta comunitária” dentro do Jardim União da Vitória para sua mãe, por deixar seus dois filhos sob seus cuidados.

<sup>40</sup> Yasmin, 7 anos e Gabriel, 5 anos.

<sup>41</sup> Ver anexo 2 – Dados pessoais e trajetórias dos entrevistados.

<sup>42</sup> Antonio Belinati.

<sup>43</sup> As expressões destacadas com aspas indicam a maneira com que a própria Vicentina se referia ao tentar me explicar como seu marido decidiu se mudar para o bairro. Nessa ocasião, eu não dispunha de gravador por não

invasões, que designava o lote que as pessoas “poderiam” ocupar, além de cobrar “taxas” dos que chegavam.

Tinha um homem que morava lá no conjunto de cima e falou pra gente: “aqui vocês têm que chegar aqui e tem que ter o lugar certo. Já não tem mais lugar pra morar, mas vocês têm que ficar aqui e, pra isso, têm que pagar”. A gente deu uma certa quantia, era um dinheirinho que a gente vendeu as panelinha lá (VICENTINA).

O que se tornou a moradia da família, Vicentina denomina de “ranchinho”, com as laterais feitas de lata. Ela explica que, ao invés de madeira, utilizavam latas e não havia qualquer cobertura. Durante cerca de dez dias, ela e sua família permaneceram literalmente sem abrigo por não terem nem plástico para cobrir seu “ranchinho”. Segundo Vicentina, sua família dispunha de poucos bens quando se mudaram para lá */.../ só a cama, o fogão, o butijão vazio e as criança, só* (VICENTINA).

Em meio a tanta miséria, Vicentina e muitas outras pessoas puderam contar, desde cedo, com a ajuda de alguns religiosos católicos que ergueram uma grande estrutura improvisada que, posteriormente, se tornou uma Igreja. Parte dos moradores passou, então, a freqüentar aquele local e, em forma de mutirão, ajudavam uns aos outros para construírem os barracos, limpar o local, cadastrar aqueles que haviam se fixado, cuidar das crianças, idosos, enfermos, etc. Em troca dessa forma de cooperação, recebiam dos religiosos alimentação, material para construção, roupas e remédios.

Neusa, Edgar e José também se lembram bem desse período. Neusa, desde quando se mudou para o bairro, esteve presente em diversos conflitos travados entre os invasores e a polícia. Isso ocorreu após uma breve trajetória que

implicou um processo migratório, primeiramente, de sua cidade natal, Garanhúns, no Estado de Pernambuco, rumo ao Paraná, onde viveu nos municípios de Assaí e Tamarana, trabalhando na roça e depois para Londrina, na área urbana, porém, exercendo atividades rurais, na maior parte do tempo. *Moramos em Assaí, moramos em Tamarana, em propriedades de outras pessoas. A única propriedade própria que a gente tivemos, nós perdemos, aí compramos enganado, chegamo lá era fundo de vale* (NEUSA).

Antes de se dirigir ao União da Vitória, Neusa passou quase um ano na cidade de São Paulo, trabalhando na função de “serviços gerais” no restaurante do Palácio do Governo do Estado de São Paulo. Em 1989, voltou para Londrina e resolveu comprar um lote no União, por insistência de seu filho. Apesar de afirmar que comprou o lote, Neusa foi uma das pessoas que participou ativamente de uma das invasões da região. Era uma época em que trabalhava na “pastoral do migrante” e por isso se sentia indignada com a situação daquelas pessoas.

Chegamo no União da Vitória e eu fiquei indignada com o modo que o pessoal tava sendo tratado aqui, né. Sob pressão... crianças sem água, sem tomar água, sem nada, né. Porque não tinha água, o caminhão não vinha /.../. Tinha uma turma de sem-terra de um lado, tinha outros embaixo da lona. As polícias batia... Eu fiquei indignada com aquilo lá, né, eu tava vindo de São Paulo, eu fiquei indignada com aquele tipo de coisa, eu achei que não existia mais, né, esse tipo de coisa (NEUSA).

A família de Edgar é do Estado de Minas Gerais e migrou para o Paraná para trabalhar na agricultura, na década de 1960. Assim, Edgar, hoje com 36 anos, nasceu no próprio Estado, em São Jerônimo da Serra. Antes de chegar em Londrina viveu apenas em Assaí. Sua mudança para o União da Vitória aconteceu há treze anos, como tentativa de saldar a dívida que tinha com um comerciante no

bairro em que vivia, Jardim Franciscato. O comerciante era seu amigo e lhe ofereceu um negócio para ele administrar e pagar sua dívida. Esse negócio localizava-se, justamente, no bairro Jardim União da Vitória que, mesmo com poucas dezenas de moradores, não dispunha de nenhum comércio para vender alimentos e bebidas.

José, não somente entre os entrevistados como também entre a maioria dos moradores daquele bairro, se distingue em relação às suas posses materiais e à própria origem. Seus pais migraram de Ribeirão Preto, Estado de São Paulo. Ele e seus irmãos nasceram em Londrina, para onde seus pais se mudaram para trabalhar em lavouras de café. Além de Londrina, ainda viveram em Tamarana e Usina Apucarantina, que eram distritos do município. Antes de morar no bairro que, posteriormente, recebeu o nome de Jardim União da Vitória, viveram em três outros locais da cidade<sup>44</sup>.

Esse comerciante reside na região, onde veio a se formar o bairro, há 22 anos, ou seja, mesmo antes de ocorrerem as invasões e assentamentos, sua família já vivia no local, numa terra arrendada da Companhia de Habitação de Londrina (COHAB/LD). Ali plantavam hortaliças e vendiam na cidade, na “Feira do

Produtor”. Sua família possuía uma camionete que transportava a mercadoria que, segundo José, era o que os sustentava. Presenciaram todas as invasões e a formação do bairro, até que a COHAB/LD solicitou o terreno de volta e “cedeu” dez datas para sua família construir suas casas e, além disso, ofereceu, também, material de construção. Essa lembrança enche José de orgulho */.../ eu até agradeço por eles terem invadido lá. Aí a COHAB precisou do terreno e deu dez datas pra nós, duas pra cada membro da família (JOSÉ)*. Contudo, ele lamenta as grandes transformações pelas quais aquela região passou desde então, já que

antes, considerava tudo /.../ *um sossego, um sossego, um lugar ótimo pra morar, um lugar bonito* (JOSÉ).

No início, segundo José, sua família sofreu certa hostilidade por parte dos assentados, já que a COHAB/LD os havia beneficiado, não só com lotes e material de construção, como também com fornecimento exclusivo de água.

Fazia só dois meses que a gente tinha mudado /.../ no começo, né, então os caras quis... porque a COHAB deu água, porque a gente era antigo morador daqui, então, puxou água pra dentro da casa da gente, né. E, pra todo o morro, era água da caixa instalado no meio do conjunto. Então... os caras, acho que achou ruim, né, porque nós podia e eles não podia (JOSÉ).

Apesar de viverem no mesmo local e compartilharem do mesmo cotidiano, as trajetórias de vida e as condições atuais de existência desses entrevistados revelam a heterogeneidade da população residente no Jardim União da Vitória. A vida de Vicentina e de sua família não é muito diferente do que era no passado, especialmente no que se refere às dificuldades sócio-econômicas. Seu cotidiano é marcado pela instabilidade e pela carência de condições materiais mínimas de sobrevivência. Na maioria das vezes dependem de donativos de cestas de alimentos, como já citado anteriormente.

A casa onde reside com sua família tem passado por modificações ao longo dos anos porque seu filho mais velho, Valdecir, por trabalhar como pedreiro, fez alguns reparos no que antes já foi um “ranchinho” feito de latas. Esse rapaz obtém, com seu patrão, empréstimos, pagando-o aos pouco, através de descontos em seu salário.

---

<sup>44</sup> Ver anexo 2 – Dados pessoais e trajetórias dos entrevistados.

Esse Vanderlei, o patrão dele, é muito bom pra nós, porque são três ano que ele trabaia lá, sabe. Ele tava comprando os tijolo daqui e tava já pra terminar e faltava 150 real pra terminar de pagar a prestação. Aí ele foi e pagou pra nós. Aí, quando foi agora, ele deu azulejo pra gente, sabe. Então, ele ajuda. Às vezes, o Valdecir compra, manda ele comprar, sabe, ele vai lá e compra e o Valdecir vai pagando. Toda semana ele desconta 30, 40, 10, assim, pra poder pagar... porque se for fazer prestação grande, a gente não consegue pagar (VICENTINA).

Apesar de estarem procurando melhorar a estrutura da casa, são freqüentes os cortes de fornecimento de luz e de água. Vicentina explicou que, mesmo o filho tendo seu emprego e recebendo por semana, nos dias que não há serviço ou se ele falta por algum motivo, não há pagamento. Valdecir trabalha como “diarista” e isso significa que se não trabalha, não recebe, resultando em muitas despesas não pagas */.../ por causa disso, nós atrasou a água, atrasamo a luz, aí porque ele ficou parado. Se ele fica uma semana parado, é o suficiente pra atrasar tudo* (VICENTINA).

Neusa já tem uma rotina diferente e suas preocupações acabam sendo outras. Ao ser questionada como ela se sustenta, respondeu que

*/.../ eu me sustento com artesanato e com a venda da Avon<sup>45</sup>, né. A Avon paga a minha água, minha luz, né. A Avon me dá pouco porque eu parei um pouco de vender, né. Eu vendo quando o pessoal vem em casa ou quando a gente encontra /.../ O artesanato me toma mais tempo, né, e a Organização<sup>46</sup> também /.../ esse ano, eu também faço parte da Associação de artesanato de Londrina, dos trabalhadores, eu sou artesã de lá /.../. Eu não tenho renda da costura, porque eu ajudo na organização da costura, né, que é bastante diferente. A minha renda mesmo é com a Avon e com o artesanato que eu faço dentro de outra Associação (NEUSA).*

<sup>45</sup> Linha de cosméticos que vende somente através de representantes comerciais.

<sup>46</sup> Trata-se de uma organização de costureiras residentes no bairro que integra o projeto “Geração de Renda” desenvolvido pela Secretaria Especial da Mulher da Prefeitura Municipal de Londrina.

Esta senhora garante que o que ganha através dessas atividades (venda de cosméticos e de artesanato) é o suficiente para manter suas despesas e sua sobrevivência.

Eu falo de um jeito debochado porque eu nunca tive nada. É que acho assim, que a gente precisa de tão pouco, né /.../ Eu já tenho uma base assim, eu tenho que saber que vivo sem dinheiro, né. O dia que eu tenho, eu tenho, o dia que não... eu que tenho que pagar a água, a luz, o gás, né. Eu sempre tenho meu controle certinho de quanto eu tenho que gastar o que, porque não posso...pra comer eu vou no mercado, pego... não gasto muito /.../. Tem época que compro por mês, tem época que compro por semana, eu não me prendo muito a esse tipo de coisa, né, tem que comer o que pode, né, e sempre dá, sempre dá (NEUSA).

O tempo de Neusa tem sido, durante alguns anos, totalmente voltado para a “comunidade”. Durante sua entrevista, assim como a do Edgar, tive certa dificuldade em descobrir questões que considerava elementares e importantes para a presente pesquisa. Geralmente, ambos são procurados por jornalistas, estudantes, pesquisadores, políticos, etc., para fazerem declarações sobre o movimento social do bairro e da região, quais são suas reivindicações, suas expectativas em relação a uma série de questões políticas, sociais, culturais, o trabalho desenvolvido com a população, as idéias que acreditam serem emancipadoras, etc. Enfim, eles demonstravam familiaridade com o assunto e, inclusive, verbalizavam com desenvoltura, mesmo tendo baixa ou nenhuma escolaridade, como é o caso de Neusa.

Dessa maneira, foi muito importante deixá-los falar livremente sobre as questões com as quais lidam cotidianamente e, nos momentos que me pareciam convenientes, eu tentava questioná-los sobre suas vidas privadas, apesar da insistência em enfatizarem suas vidas públicas. Quando expliquei de que tratava a pesquisa, Neusa concordou em conceder a entrevista somente sob a condição de

que eu não perguntasse sobre determinados assuntos de sua vida. Ela disse que não gostava de retomar o passado /.../ *não gosto muito de voltar pro passado porque acho que passado é meio...muito cheio de turbulência, né, de muita coisa* (NEUSA).

Edgar já desviava, como podia, de assuntos relacionados à sua vida particular especialmente quando indagado sobre como consegue “ganhar a vida”.

Aí a gente tem que fazer alguma coisa. Não dá só pra ser presidente de bairro, senão passa fome. Não existe salário, passa fome. Então, no meu caso, por exemplo, eu sempre tive bar, boteco. Tô sempre buscando alguma coisa pra fazer pra poder sobreviver. Uma coisa é que tem que sobreviver e trabalhar na perspectiva de melhorar (EDGAR).

Esse líder comunitário enfatiza que não se sentirá satisfeito se não houver meios de como melhorar a vida de todos. Para ele, parece existir uma necessidade de sempre estabelecer um compromisso com as demandas coletivas, afirmando, assim, sua condição de “líder comunitário”.

Melhorar o bairro, porque depois que melhorar o bairro, melhora o comércio, melhorar... acho que não tem como melhorar pra mim se não melhorar pra você /.../ Se todos tiver alguma coisa, se, por exemplo, se for pra mim sozinho ganhar 1.000, eu prefiro cinco, seis do grupo que trabalha, ganhe 300 cada um. Porque daí, vai sobrar mais dinheiro do que o 1.000, porque aí divide as demanda, entendeu?(EDGAR)

A casa em que vive com sua esposa e casal de filhos foi adquirida através do trabalho no comércio. Edgar comprou um lote já com uma casa construída e começou a construção de um salão que ainda permanece inacabado por falta de recursos financeiros. Ele afirma que sempre foi uma pessoa com poucas ambições materiais, porém isso foi mudando com o tempo.

A coisa vai mudando de um jeito e eu sempre fui uma pessoa muito tranqüila, muito tranqüila. Antes não tinha ambição. Acho que hoje já tenho mais ambição. Naquela época, não se tinha muita ambição de ter carro, essas coisa. A gente veio de uma família pobre e a gente não tinha muito disso. O importante pra gente era ter comida pra comer, a roupa ali pra vestir e não precisava muito chique, nada, entendeu? E um teto, era isso que a gente queria (EDGAR).

Sua casa é construída com tijolos, cimento, possui reboco e alguma pintura. Como no dia em que ele me concedeu a entrevista estava muito quente, Edgar e sua esposa sugeriram que ficássemos na varanda da casa. Assim, não cheguei a ser convidada para entrar no interior da modesta, porém, ampla residência (em comparação com os pequenos barracos que têm no bairro), com móveis e eletrodomésticos. O casal dispõe de um automóvel, com cerca de vinte anos de uso, mas bastante útil nas atividades do dia-a-dia.

José já tem uma vida mais estabilizada em relação aos demais entrevistados, não hesitando em dizer que ele e sua família vivem com conforto e que conseguem fazer planos para o futuro. Sua casa é própria, adquirida, como já foi citado anteriormente, através da concessão de terreno e material de construção feitos pela COHAB/LD. Ao contrário da maioria das residências do bairro, sua casa é muito bem construída e sempre com pintura nova. A entrevista com este informante foi realizada no mercado de sua propriedade, num horário de pouco movimento. Não éramos interrompidos porque sua esposa, Marli, o substituiu no comando dos negócios.

Nesses anos todos, José tornou-se bastante conhecido, recebendo, inclusive, destaque em matérias de jornais como, por exemplo, na Folha de Londrina, por ocasião da comemoração dos treze anos do União da Vitória. Nesta reportagem, José conta que acompanhou toda a história da formação do bairro,

desde a invasão (algo que ele deve ter repetido inúmeras vezes, inclusive para mim), passando pelo despejo e, finalmente, o assentamento de famílias no local, declarando */.../ não ficamos com medo, as pessoas não faziam mal a ninguém. Nunca tivemos qualquer problema com aquelas famílias* (JOSÉ, Folha de Londrina, 28/8/1998).

Seu mercado era antes um “sacolão”, através do qual comercializava frutas e verduras no bairro. Tanto que José é conhecido em toda a região como “Zé do Sacolão”. Seus pais já faleceram e, como homenagem, viraram nomes de ruas no União da Vitória: Rua Alvinho Eugênio de Menezes e Rua Adelina Faria de Menezes, duas das principais ruas que cortam o bairro. Pode-se dizer que o “Zé do Sacolão” é um dos personagens “ilustres” do União da Vitória. Ele possui notoriedade e respeito dentro do bairro. Mas por quais razões? Possivelmente isso ocorre devido ao tempo em que vive ali. Ele mesmo brinca, dizendo */.../ sou o pioneiro dos pioneiros* (JOSÉ). Além disso, afirma que sempre procurou estabelecer uma relação tranqüila com as pessoas, mesmo com aquelas que invadiram a região. Outro aspecto evidenciado em sua história é o fato de os moradores o enxergarem como “rico” */.../ muita gente vê a gente como rico. Infelizmente é isso aí, né. O pessoal vê a gente como bem de vida, como até rico mesmo. O caso é outro, né. A gente tá trabalhando* (JOSÉ).

De fato, José e sua família trabalham o dia inteiro, abrindo às 7 horas e fechando o mercado por volta de 21 horas, de segunda a sábado. Aos domingos, abrem às 8 horas e fecham ao meio-dia. José, portanto, passa a maior parte do tempo no próprio bairro e no seu mercado, que se expande a cada ano e exigindo, cada vez mais, sua atenção e dedicação para conduzir seus negócios e gerar lucro.

Seus filhos não estudam no bairro, e sim numa escola pública próxima ao centro da cidade<sup>47</sup>. Além de estudarem, ajudam seus pais no mercado.

Ricardo e Diego, de treze e onze anos, respectivamente, utilizam transporte coletivo para irem à escola. Porém, José os leva de carro em dias de chuva e os garotos passaram a reclamar por preferirem ir dessa forma para a escola, ao invés de terem que utilizar ônibus. José, ao relatar esse fato, enfatiza que responde o seguinte aos filhos */.../ não, vai de ônibus, vocês não é filho de pai rico não (JOSÉ)*.

Sobre as relações de amizade que seus filhos estabelecem no bairro, já que têm o tempo bastante ocupado com a escola e com o comércio dos pais, José afirma que é

*/.../ normal, só que a gente não deixa muito pra fora, né. Aqui é daqui pra dentro...se deixar sair pra fora... o espaço é curto... a gente não dá liberdade assim pra rodar por aí. A gente já sabe como é o negócio, a vida hoje, né, se eles fossem largados aí (JOSÉ)*.

Dessa maneira, percebo o quanto essa família mantém limites muito bem definidos em suas relações com o bairro. Além do que já foi exposto, há outra questão que considero pertinente, ou seja, apesar de o União da Vitória ser um bairro cuja formação dependeu de manifestações e reivindicações de diversos tipos a partir da organização de seus moradores, José não aprova os movimentos reivindicatórios desenvolvidos no local, se recusando, inclusive, em participar das entidades comunitárias, denominando-as de movimento de “baderneiros”.

---

<sup>47</sup> José faz questão de explicar a razão pela qual seus filhos não estudam na escola do bairro em que moram. Segundo ele, perderam o prazo para matrícula por entenderem que esta seria feita sem que tivessem que comparecer à escola. Com isso, José e Marli, por temerem que seus filhos ficassem sem estudar naquele ano, os matricularam em outra escola, onde encontraram vagas.

Eu nunca quis fazer parte dessas entidades. Fui uma vez conselheiro da Associação de moradores do bairro. só que eu vi que quem tinha comércio, mexendo com esse negócio aí, não era bom /.../. Era uma pedição que não dá. A gente ajuda, né, a gente ajuda pra caramba essa gente, nossa. Mas se eles perceber que a gente ajuda... se eles percebe, nossa, aí a gente não tem sossego (JOSÉ).

Entre os meios de sobrevivência adotados por José estão aqueles voltados para melhor enfrentar a concorrência dentro do bairro. Assim, luta por limitar a participação de muitos na associação de comerciantes que está por ser formada, pois, segundo José, não haveria sentido expandir essa participação uma vez que o acesso irrestrito aos descontos provenientes das compras coletivas, reduziria os lucros daqueles mais próximos a ele. Dessa forma, sua tentativa é a de, através dessa possível Associação, estabelecer mecanismos de controle do mercado local<sup>48</sup>.

Se, de um lado, pode observar essas ações mais “racionais” e próprias de uma sociedade submetida às leis do mercado e de um cotidiano definido justamente pelo tempo linear de trabalho, bem como pelas relações capitalistas mais amplas, por outro lado, é necessário observar o cotidiano daqueles que integram os chamados “excluídos”, o que significa apreender suas formas de sobrevivência, as quais são construídas no dia-a-dia, ciclicamente.

Como já foi acentuado anteriormente<sup>49</sup>, a idéia de “exclusão social”, neste caso, se refere àqueles grupos que sofrem brutalmente os processos sociais, políticos e econômicos excludentes (MARTINS, 1997). No estudo em tela, tais processos foram observados entre boa parte da população residente no Jardim

---

<sup>48</sup> É importante lembrar que no Jardim União da Vitória há o “Mercado do Tonhão”, o maior e mais antigo da região. Atualmente, seu proprietário, sr. Antônio, comercializa mercadorias com uma clientela que não se restringe aos moradores do bairro. Provavelmente isso se justifica devido à localização do mercado, que foi construído na parte mais alta, num caminho obrigatório para quem se dirige a alguns distritos do Município, como Maravilha, atraindo, assim, outros compradores. O sr. Antônio é um dos “pioneiros” do União da Vitória e, segundo informações obtidas, ele participou das primeiras invasões e iniciou seu empreendimento com muitas dificuldades, ascendendo, após alguns anos, a uma posição social privilegiada dentro do bairro. Infelizmente, não foi possível entrevistá-lo, já que se encontra com graves problemas de saúde.

União da Vitória, uma vez considerada a dupla segregação à qual é submetida: segregação social e espacial.

Aquele bairro já recebeu inúmeras melhorias desde quando se iniciaram as invasões e assentamentos. O que se constata, além da ligação de água encanada e instalação de luz elétrica, ao observar o amplo panorama do lugar (e comparando com fotografias de anos anteriores), é que, ao longo dos anos, as frágeis habitações têm sido substituídas maciçamente por casas de alvenaria, com tijolos e lajes, cujos moradores já estão prestes a obter certificados de propriedade. Além disso, as ruas foram asfaltadas – com exceção das vias abertas mais recentemente por novos invasores – e a população dispõe de transporte coletivo, posto de saúde, coleta de lixo semanal, etc<sup>50</sup>. Embora essas melhorias representem importantes conquistas, não bastam, pois é preciso integrar a periferia à vida da cidade. O que não ocorre com o União da Vitória, já que a Prefeitura não efetua a manutenção naquele bairro como o faz em outras partes da cidade. As praças, por exemplo, nunca “saíram do papel”. No lugar, há terrenos baldios onde muitos moradores acabam depositando lixo, passando meses sem serem limpos. Esses aspectos são reveladores da condição de exclusão em que vive a maioria da população do Jardim União da Vitória.

---

<sup>49</sup> Ver Introdução e parte 3 deste trabalho.

## 5.2 TRABALHO E EXCLUSÃO: A LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA ALÉM DA FORMALIDADE E INFORMALIDADE

Tanto Vicentina quanto Edgar e Neusa se referem, de maneira clara, à dimensão “trabalho”, mesmo que de maneiras distintas, como sendo uma atividade fundamental para se garantir meios de suprir as principais necessidades de uma pessoa. Segundo Edgar, comer, vestir e ter um lugar para morar, representam uma conquista importante para quem dispõe de tão escassos recursos ou, até, absolutamente nada. Porém, o indivíduo, segundo Edgar, não pode se acomodar ao atingir tais conquistas.

O importante pra gente era ter comida pra comer, a roupa ali pra vestir e não precisava ser nada muito chique nada, entendeu? E um teto, era isso que a gente queria. Então, quando a gente conseguia na semana inteira trabalhar e ter comida, poder fazer uma lingüicinha assada, então já tava, nossa, mil de bom. Agora isso também é ruim. Eu acredito que tem muita gente assim, é ruim, porque você perde a... a perspectiva de vida, porque você pára por ali. Daí você só quer aquilo ali (EDGAR).

Para esse rapaz, essa visão acerca do trabalho foi se transformando na medida em que se aproximou dos movimentos sociais no Município<sup>51</sup>.

Quando eu comecei, assim, digamos, fazer políticas comunitária, a gente começou a enxergar outros ângulo, outras coisa que a gente tem direito e que alguém tira da gente, entendeu? A gente começa perceber que o carro que eu podia andar, tem alguém andando com ele, entendeu? É... a gente começa a perceber que aquela refeição que eu podia ter aqui tem alguém esbanjando ela, entendeu? Então, a gente começa a perceber que existe uma legislação que dá direito a saúde, dá direito a lazer, dá direito a alimentação, a água, a teto, mas que alguém tá se aproveitando (EDGAR).

---

<sup>50</sup> É importante ressaltar que o bairro ainda apresenta faces terríveis de condições de vida extremamente miseráveis.

Esse líder comunitário se refere claramente aos direitos sociais reconhecidos apenas em tese pois, na prática, o que se tem é um descompasso entre a “grandiosidade” dos ideais encontrados na Declaração dos Direitos Humanos da ONU, promulgados em 1948 e a bruta realidade das discriminações, formas de exclusão e violência<sup>52</sup>. No Brasil, essa concepção universalista de direitos sociais somente foi incorporada à Constituição de 1988.

Edgar demonstra estar a par desses direitos que estão inscritos em lei e reivindica uma superação da brutal defasagem existente entre os princípios igualitários da lei e a realidade das desigualdades e exclusões. Juntamente com outras lideranças do bairro e de fora dele, é possível afirmar que foi formado um conjunto de “sujeitos falantes” (TELLES, 1997) que reivindicam direitos, ao ocuparem a cena pública como portadores de uma palavra que exige o seu reconhecimento.

#### De acordo com TELLES nas reivindicações por direitos

*.../ esses sujeitos elaboram politicamente suas diferenças e ampliam o “mundo comum”<sup>53</sup> da política ao inscreverem na cena pública suas formas de existência, com tudo o que elas carregam em termos de cultura e valores, esperanças e aspirações .../ (TELLES, 1997, p.5).*

---

<sup>51</sup> Edgar é membro do Conselho de Saúde da região sul (CONSUL), além de participar de outras atividades que envolvem política comunitária.

<sup>52</sup> Vale lembrar que, no elenco dos direitos humanos estão, além dos direitos sociais, os direitos civis e políticos que englobam: direito ao trabalho, ao salário igual por trabalho igual, à previdência social em caso de doença, velhice, morte do arrimo de família e desemprego involuntário, a uma renda condizente com uma vida digna, direito ao repouso e ao lazer (aí incluindo o direito a férias remuneradas) e o direito à educação. Todos esses são considerados direitos que devem se estender a todos os indivíduos independente da raça, religião, filiação partidária, idade ou sexo (cf. TELLES, 1997).

<sup>53</sup> Essa expressão é adotada no sentido atribuído por Hannah Arendt que difere da versão comunitária existente na política atual. De acordo com TELLES, *.../ para Arendt, o mundo comum supõe a existência de esferas públicas, é construído pela pluralidade da ação e do discurso e diz respeito às referências partilhadas e não necessariamente consensuais, cognitivas e valorativas dos “negócios humanos”, como questões que articulam os indivíduos num horizonte comum e numa interlocução possível* (TELLES, 1997, p.9).

A situação de Neusa, quando comparada à de Edgar, ainda continua presa a atitudes mais pragmáticas, ligadas ao assistencialismo, porém, com algumas ressalvas, ao demonstrar durante todo o tempo a indignação que sente com a falta de condições mínimas de algumas famílias para sobreviver no bairro

Nós tem gente no União da Vitória que vive em situação desumana, né. Não é mais hoje, porque minha casa tá quebrada, se chega na minha casa, já se assusta lá fora, né, que tá muito bagunçado, mas aqui na minha casa eu tenho o mínimo pra mim sobreviver (NEUSA).

No entanto, Edgar não admite que as reivindicações as quais considera válidas devam permanecer no “campo das idéias”. Ele demonstra entender que o sistema capitalista extrapola o campo da economia e atinge a cultura e a mentalidade das pessoas, inclusive a dos pobres. Por isso, ao falar do capitalismo, reconhece a necessidade da ação .

Dentro do capitalismo... o capitalismo hoje é um sistema que pegou, pegou e foi se alastrando. Hoje as pessoas pobre também são capitalista. não são capitalista de grandes recurso, são capitalista de pequenos recurso /.../ o capitalismo é a mesma coisa que a competição /.../ a gente sabe que tem competição também dentro da classe pobre /.../ então, ele trai o próprio companheiro por causa daquela coisa que vai pegar. Mas pra isso mudar, não é mudando só o projeto. Ficou tão difícil que só muda isso hoje na prática (EDGAR).

Enquanto isso, Neusa questiona os meios que considera ineficazes para ajudar algumas famílias que vivem de forma extremamente precária no bairro. Faz severas críticas à própria Igreja da qual faz parte e onde desenvolve trabalhos comunitários, cujos membros colocam em primeiro plano, segundo seu entendimento, a necessidade de “alimentar o espírito” e, também à Assistência Social da Prefeitura, que pouco trabalha para mudar a situação daquela população

Não tem nada pra resolver só porque a gente vai convidar para ir pra Igreja? É muito fácil falar de Deus porque a gente sabe que a nossa vida é Ele. Mas você falar de Deus pra quem não tem água pra dar pro filho, não tem janta pra dar pro filho /.../ falar de Deus pra uma pessoa que tá numa coisa dessa...que já passou do nível do desespero (NEUSA).

Ao ser questionada sobre esta posição, Neusa reafirma a necessidade do trabalho, no sentido de emprego, inserção no mercado formal de trabalho

/.../ elas precisa, no momento, de apoio, né, apoio material /.../. Precisa, assim, primeiramente, de Deus, mas precisa de alguém que...que nem, Deus dá, mas ele não pode trazer assim, conforme a gente vai e traz, né? /.../ O bairro foi sempre muito difícil /.../. Tem uma ajuda, mas é o mínimo, pelo tanto de carência que a gente tem, né. E carência não é só uma cesta básica, que não vai resolver. Que do tanto de cesta básica que já entrou no União da Vitória, que foi doado no União da Vitória...eu fiz muito isso também, né. Muita gente ajudou, só que não resolve pra nenhuma das pessoa (NEUSA).

Quando perguntei à Neusa o que, então, resolveria, em sua opinião, os problemas das pessoas que passam por tantas dificuldades materiais e que moram no bairro, ela é enfática ao afirmar que /.../ *é o trabalho. Sem trabalho não tem... não adianta* (NEUSA).

Muitos habitantes do Jardim União da Vitória, de fato, não estão inseridos no mercado de trabalho formal e nem informal. Há dificuldades em precisar, através de estatísticas, qual o contingente real de desempregados naquele bairro, tendo em vista que nem se tem, oficialmente, um número exato de pessoas ali residentes<sup>54</sup>.

Neusa, entre outras atividades, representa uma organização comunitária, cujos membros se reúnem no espaço físico da Igreja Católica local, que

---

<sup>54</sup> A população local é estimada, pelas lideranças comunitárias do Jardim União da Vitória, em 15 mil habitantes enquanto que, segundo o IBGE (2000), não passam de 10 mil habitantes residentes no bairro.

presta auxílio aos que chegam ao bairro e aos residentes que passam por sérias privações.

Conforme dito anteriormente, o bairro, nos últimos anos, tem passado por crescimento demográfico e expansão geográfica significativos, aumentando, na mesma proporção, os problemas referentes à infra-estrutura, com uma relativa adequação nos loteamentos regularizados pela Prefeitura Municipal. É importante ressaltar que o bairro extrapola os limites impostos pelo poder público local e a tendência durante todos os anos, desde a sua formação, é a constante entrada e saída de famílias.

Assim, é possível se pensar que esses habitantes estariam sofrendo o que MARTINS (1997) denomina de “inclusão precária”. Para esse autor, é necessário pensar que não há exclusão social e sim contradições. Isso implica, justamente, considerar o processo pelo qual o sistema capitalista impõe sua lógica e provoca, continuamente, o surgimento de novas formas de inclusão, as quais seriam precárias, instáveis e marginais.

Esse autor propõe considerar a exclusão social como estando inserida na dinâmica de um processo mais amplo, sendo imprescindível, portanto, contextualizar essa discussão inerente ao processo de sucessivas transformações econômicas do capitalismo. Este movimento estaria gerando novas desigualdades sociais e, portanto, formas precárias de inclusão.

É uma sociedade que tem como lógica própria tudo desenraizar e a todos excluir porque tudo deve ser lançado no mercado; para que tudo e todos sejam submetidos às leis do mercado. A lógica do sistema capitalista é o mercado, é o movimento, é a circulação: tudo tem de ser sinônimo ou equivalente de riqueza que circula, de mercadoria (MARTINS, 1997, p. 30).

### **5.2.1 O tempo do capital e o tempo da vida – a coexistência de diferentes temporalidades**

Ao voltar os olhos para o Jardim União da Vitória, é possível reconhecer esse processo de exclusão/inclusão precária. Como já apontado anteriormente, seus moradores formam um contingente populacional heterogêneo, mantendo relações diferentes dentro e fora do bairro. Há aqueles que passam o dia inteiro em outros locais da cidade (ou em seu entorno) e retornam apenas à noite. Estes, geralmente são trabalhadores bóias-frias, pedreiros, empregadas domésticas, entre outros. Existem, também, aqueles que raramente se deslocam do bairro, sobretudo, os idosos, mulheres e crianças. Enquanto os primeiros vivem propriamente o “tempo do capital”, inseridos na dinâmica mais ampla da sociedade, numa luta cotidiana para conseguirem os recursos financeiros necessários para a sobrevivência, parece que os últimos vivem um outro tempo, já que não têm qualquer compromisso com o tempo imposto pela cotidianidade instaurada por esta sociedade (LEFEBVRE 1991). São homens, mulheres e crianças que não possuem ocupações regulares e que acabam passando o dia inteiro ou em botecos bebendo e jogando sinuca, por exemplo (no caso dos homens), ou em casa, nas portas e quintais e ruas, conversando (no caso das mulheres) e brincando (como as crianças).

José é um exemplo de quem vive o “tempo do capital”, se submetendo às leis de funcionamento do mercado, apesar de passar a maior parte do tempo no próprio bairro. Seu comércio, que se expande a cada ano, exige, cada vez mais, atenção e atitudes empresariais compatíveis com o mercado local e regional. Em sua entrevista, enfatizou o fato de que ele e outros comerciantes (do bairro, de outros locais da cidade e até de fora de Londrina) estavam se organizando

com a intenção de formarem uma Associação, com o objetivo de reduzirem os custos das mercadorias no ato da compra e aumentarem os lucros na venda. /.../ é o *poder de compra. Porque vamos supor: eu compro 10 fardo de açúcar por mês, é um preço. Se a gente reunir em 20, compra 400. Aí já ganha, no mínimo, 10%* (JOSÉ).

É possível, portanto, considerar que os moradores do União da Vitória não se movem no mesmo mundo existente para os “incluídos” que, para LEFEBVRE (apud NASSER, 2001), seriam aqueles integrados aos “circuitos principais”.

A exclusão é entendida como uma noção que abrange as minorias subalternizadas e marginalizadas de diferentes categorias sociais, tanto do campo quanto da cidade. De acordo com MARTINS (apud NASSER, 2001), tais minorias são aquelas que sofrem com o descompasso que se reproduz continuamente através de /.../ *relações sociais arcaicas juntamente com a progressiva criação de relações sociais cada vez mais modernas* (MARTINS apud NASSER, 2001, p. 24). São, enfim, aqueles indivíduos que acabam constituindo uma “reserva de mão-de-obra” excluída das relações capitalistas de trabalho e que, apenas eventualmente, é absorvida por um mercado informal ou ilegal de trabalho. Isso faz com que esses indivíduos se submetam a diversos tipos de privações, nos planos econômicos, políticos, sociais e culturais.

Dessa forma, MARTINS (apud NASSER, 2001) define esse processo como “exclusão integrativa” em que a “utilidade” das populações excedentes está na exclusão do trabalhador no processo de trabalho capitalista e sua inclusão no processo de valorização através de formas indiretas de subordinação do trabalho ao capital. Nesse sentido é que se tem uma nova desigualdade gerada pela

excludência possível de ser observada no cotidiano, a partir do modo que os indivíduos vivenciam as privações de emprego, de meios de participar do mercado de consumo, de bem-estar, de direitos, de liberdade e de esperança (MARTINS, 2002).

Além disso, NASSER (2001) ressalta que não é possível considerar a exclusão somente no que se refere ao trabalho. É necessário considerar também seus desdobramentos a partir das relações entre o trabalho e os outros níveis da prática social como, por exemplo, o tempo e o espaço sociais. Ou seja, a atividade produtiva deixou de ser regulada pelos ritmos da vida e passou a ser medida socialmente pelo tempo do trabalho social (tempo do capital).

Há, de fato, uma grande distância que separa alguns grupos sociais de outros. Não só em termos de posse de bens materiais como, também, em termos de tempo e espaço. É importante ressaltar a necessidade de, ao se estudar o “cotidiano”, levar em conta as diferentes temporalidades existentes a um só tempo, porque o tempo que predomina e que rege a sociedade mais ampla, na atualidade, é o “tempo do capital”, o “tempo dos tempos modernos”, o “tempo dos incluídos”.

De acordo com NASSER (2001) e MARTINS (1997 e 2001), podemos identificar o excluído na medida em que este somente o é pela relação com aquele que não o é, ou seja, com a relação que tem com o incluído. Tal idéia é inspirada em MARX

*/.../ ser escravo e ser cidadão constituem determinações sociais, relações entre os homens A e B. O homem A, enquanto tal, não é escravo; o é em e por causa da sociedade (MARX apud NASSER, 2001, p.270).*

Ainda segundo NASSER (2001), podemos entender que Henri Lefebvre se refere aos “excluídos” através da expressão “pessoas fora do circuito”.

Para o pensador francês, esse contingente se constitui através de */.../ redes e fileiras paralelas ou secundárias, uma economia subterrânea que lhes permite sobreviver, ainda que nem sempre evitando-lhes a degradação* (LEFEBVRE apud NASSER, 2001, p. 275).

Através deste panorama, pude vislumbrar, no bairro que me serviu de objeto empírico, um universo onde indivíduos buscam estabelecer, em parte, determinadas relações sociais que procuram se adequar ao ritmo imposto pela cotidianidade e que lhes foge do controle. Porém, também é possível perceber a existência das ditas “redes e fileiras paralelas” que o filósofo francês entende serem aquelas relações estabelecidas num ambiente cotidiano que parece estar em desencontro com a dinâmica maior da sociedade.

Entre as pessoas que entrevistei, somente José obedece a um ritmo rigoroso, como já explicitado anteriormente, ditado pela ordem do capital. Edgar, Neusa e Vicentina apreendem a temporalidade de uma maneira distinta. Vicentina, por exemplo, se perde nos horários do dia, nos dias da semana e nos meses do ano. Ela se confunde com datas e isso não tem qualquer relação com algum distúrbio físico ou psíquico, e sim com a dificuldade em se situar num mundo onde tudo acontece com muita rapidez, em que o tempo imposto insiste em anular aquele tempo da vida, o tempo cíclico.

Vicentina possui poucas obrigações em relação aos horários. Isso costuma acontecer quando encontra algum bico ou quando necessita comparecer a alguma consulta médica. O relógio da sala de sua casa nem funciona e o calendário corresponde a anos anteriores. Certamente permanecem ali expostos meramente como enfeites.

As idades de seus filhos e netos são quase todas ignoradas. São suas filhas que a auxiliam na identificação da idade de cada um. Nas tentativas em me dizer quando se mudou para Londrina, relata que */.../ hum...eu não lembro... é... Ah, Valdecir era pequenininho* (VICENTINA), sendo que só se lembra de sua chegada ao União da Vitória, quando a relaciona com a idade de um de seus filhos */.../ onze anos, sabe por quê? Porque o Aurino tinha dois anos e meio* (VICENTINA)<sup>55</sup>.

Neusa consegue se “localizar” melhor temporalmente, já que cumpre uma agenda de compromissos devido à sua posição enquanto líder comunitária. Porém, seus compromissos, assim como os de Edgar, não envolvem trabalho rotineiro. O contrário ocorre com José, que é preso a datas, horários e regras do mercado, através de seu estabelecimento comercial.

As diferentes temporalidades (cíclica – referente ao tempo da vida - e linear – que corresponde ao tempo do capital) coexistem numa sociedade, com suas contradições que lhe são inerentes. Uma temporalidade é a negação da outra e aquilo que a revela denuncia a parcialidade do aparente, que se mostra como um presente naturalizado. Dessa maneira, é possível aceitar que não existe conflito apenas entre classes, e sim, também entre grupos sociais que não são configurados enquanto classes e que estão inseridos em tempos que se desencontram, como é possível observar no Jardim União da Vitória.

Apesar de se ter conhecimento dessas diferentes temporalidades, não é tarefa fácil apreendê-las. MARTINS (1997a) chama a atenção para a necessidade de se aprender a fazer etnografia da diversidade de tempos históricos. No entanto, a questão que ELIAS (1998) coloca é justamente como medir o tempo se este não se deixa perceber através dos sentidos.

---

<sup>55</sup> Aurino tinha 13 anos na época da entrevista.

No presente estudo reconheço a fundamental importância em discutir as dimensões tempo e espaço ao propor uma análise sobre o cotidiano de um bairro periférico, o que me levou a observar como se estabelecem determinadas redes de sociabilidade no União da Vitória, que são marcadas pela proximidade não só física.

Enquanto a população residente em casas ou aparatos isolados e auto-suficientes limitam um espaço social que não é complementado pela vizinhança, já na periferia acontece o contrário, pois a vizinhança e o bairro constituem locais privilegiados para a formação de redes de sociabilidade (DURHAM, 1986).

Na realidade, pode-se observar que as transformações da sociabilidade urbana, marcadas pela impessoalidade e relações efêmeras e que definem a cotidianidade das cidades de médio e grande porte, não apagam a permanência de um modo de vida onde prevalecem relações mais diretas, pessoais e de confiança.

Enquanto se observa uma nítida tendência em outros ambientes da cidade, como a substituição das cadeiras nas calçadas e os amigos de “carne e osso” pelos aparelhos de TV; a troca das brincadeiras infantis pelos vídeo-games, bem como a predominância dos super e hipermercados, onde imperam as relações impessoais e o pagamentos com *tickets* ou cartões de débito ou crédito, no União da Vitória é possível ainda identificar a permanência de um modo de vida sem tais transformações. A existência de pequenas mercearias e botecos e a utilização de “cadernetas” para o registro de compras possibilitam maior proximidade e relação de confiança entre vendedor e comprador. A presença constante de crianças brincando nas ruas, bem como de mulheres e jovens nas “cercas” e portas das casas conversando causam a impressão de que naquele espaço, o tempo passa mais

lentamente porque é o tempo da vida que prevalece apesar da dominação do tempo do capital.

Assim, é possível se pensar que, mesmo diante da predominância de uma cotidianidade que oprime e sufoca, os moradores da cidade encontram maneiras “próprias” de viver, sentir e existir.

### **5.3 A VIDA “DENTRO” E “FORA” DO UNIÃO DA VITÓRIA: A ROTINA DO DIA-A-DIA E O CONTROLE DA VIDA**

Se, por um lado, os moradores do União vivenciam temporalidades distintas, conforme as relações estabelecidas com o mercado de trabalho e com a cidade, por outro, vivenciam uma rotina no bairro repleta de contradições, conflitos e controles. O que pode ser observado pelo depoimento de José, a seguir, a respeito do significado em se viver no local.

Bom, eu gosto, né /.../. Mas a gente... ficou mais aqui porque quando o pessoal mudou pra cá...não que estou querendo dizer que sou mais do que eles, a gente é do mesmo nível. Só que não tava acostumado com a vida deles. E a vida que nós vivia...porque a gente vivia honestamente, né, trabalhando, tal. E sabia que era muito complicado, que o pessoal que vinha tinha gente honesta também, mas tinha gente... que não dava nada, né (JOSÉ).

É compreensível essa maneira pela qual o comerciante fala de suas impressões sobre a população do bairro, tendo em vista que sua trajetória de vida é totalmente diferente da maioria da população que habita o local.

José e sua família conseguiram estabelecer relações vicinais estáveis e amistosas, porém, sem se identificarem com a população que migrou para aquele

local. Ao dizer que todos são do “mesmo nível”, que ele não é “melhor” do que ninguém expressa uma atitude que busca mostrar um nivelamento que, na verdade, não existe. Assim, é possível perceber como é estabelecido um “consenso operacional” (GOFFMAN, 1985)<sup>56</sup>, ou seja, os indivíduos estabelecem determinados “acordos” que impedem conflitos abertos e permitem a convivência dentro do bairro.

José procura, então, demonstrar que, no seu dia-a-dia, se identifica com todos ali e que gosta do bairro. No entanto, em sua entrevista, é possível detectar contradições quando, por exemplo, afirmou que seus filhos não circulam a vontade pelas ruas do bairro. Como já demonstrado no item anterior, a amizade de seus filhos é */.../ normal, só que a gente não deixa muito pra fora, né. É daqui pra dentro... se deixa sair pra fora... o espaço é curto... a gente não dá liberdade assim pra rodar por aí* (JOSÉ). O mesmo se observa quando enfatiza seu desinteresse pelas entidades comunitárias e pelas suas lutas por melhorias no bairro.

De fato, sua rotina diária pouco lhe permite assumir qualquer outro compromisso, como lazer, por exemplo, tendo em vista a excessiva carga horária de trabalho em seu mercado */.../ passear é difícil por falta de tempo. O que a gente passeia é na Igreja... no centro, no São Lourenço* (JOSÉ)<sup>57</sup>.

Através do depoimento de José é possível perceber que suas relações com o bairro se desenvolvem através de seu estabelecimento comercial. É ali que conhece todos os moradores e é dali que recebe notícias de tudo o que ocorre no dia-a-dia do bairro e é onde melhor representa seu papel, na linguagem teatral proposta por GOFFMAN (1985). Como já explicitado anteriormente, José é bastante conhecido e respeitado dentro do bairro. No entanto, quando está “lá

---

<sup>56</sup> Mesmo que esse autor pertença a outra linha teórica (Interacionismo Simbólico), é inegável sua contribuição para se entender determinadas “situações sociais”.

<sup>57</sup> Na Igreja Católica localizada no Jardim União da Vitória a missa, aos domingos, é celebrada pela manhã, enquanto que na Igreja do centro da cidade ou no bairro vizinho, há missas no final da tarde.

fora”<sup>58</sup>, ou seja, transitando por outros pontos da cidade, essa notoriedade de nada vale porque ele se torna, não só num cidadão comum, como também, em um morador do tão “difamado” Jardim União da Vitória.

Antes de iniciarmos a entrevista, José me contou um fato que lhe ocorreu quando foi fazer compras num mercado atacadista de Londrina e aproveitou para deixar seu veículo numa oficina, nas proximidades daquele comércio. A fim de retornar mais rapidamente para o União da Vitória, telefonou para um serviço de “moto-táxi” e solicitou que alguém o buscasse. Quando informou o seu destino não suspeitava que o União da Vitória vinha sendo evitado por motoqueiros que prestam esse tipo de serviço, devido à incidência de um grande número de assaltos que estes profissionais vinham sofrendo nos últimos tempos, ao transportarem ladrões de motos. Por causa desses acontecimentos, José não conseguiu ninguém que o levasse até o bairro, tendo que utilizar, então, o transporte coletivo. Com isso, atrasou parte de seus compromissos no mercado, evidenciando, assim, a discriminação que os moradores acabam sofrendo por morarem no local.

Vicentina também se refere a essa imagem negativa que as pessoas “de fora”, em geral, têm sobre os moradores do União da Vitória.

Ah, quando chegava lá na cidade, o povo tinha nojo da gente, ninguém queria ficá perto da gente. Gente com medo, com medo de ser assaltado e com medo da sujeira na época de chuva /.../. Tem gente lá fora que tem medo de conversá com a gente /.../. Tem gente que, as vez, a gente tá conversando e, quando a gente fala que é daqui, eles procura sair de perto do gente (VICENTINA).

---

<sup>58</sup> Maneira pela qual geralmente as pessoas com quem conversei se referem a outros locais da cidade, fora do bairro.

Tanto José quanto Vicentina reconhecem a discriminação que os habitantes do bairro sofrem por pertencerem a um local considerado violento e onde só vivem criminosos, dificultando, inclusive, o acesso a empregos na cidade.

É, não é isso tudo que o povo fala... mas quando a pessoa ia procurar emprego, não podia mesmo dar o endereço daqui. Tinha que dar o endereço da tia, da prima, sei lá, não podia falar que mora aqui. No começo era assim mesmo, mas agora não (JOSÉ).

Quando questionado sobre sua opinião a respeito dos movimentos reivindicatórios dos moradores junto à Prefeitura, exigindo emprego para os que sofrem preconceitos e discriminação, José mais uma vez confirmou sua oposição a esses movimentos, tecendo severas críticas e denominando seus participantes de “agitadores”.

/.../ o povo que ia na Prefeitura fazer barulho por causa de emprego era tudo agitador /.../. Porque não era tudo isso. O prefeito na época era oposição daqui do bairro. A gente que comandava a Associação aqui era PT e depois que o PT ganhou, cadê as manifestações? Não tá fazendo nada pelo bairro, nada, nada. Não está fazendo nada. Cadê as manifestações que faziam? Agora, se fosse outro que tivesse ganhado, tava o mesmo problema. Mas como o PT ganhou e eles eram tudo petista, ficaram torcendo para o PT entrar lá, vão falar o quê? Não tem jeito. Eu sou contrário a isso. Vixe... por isso eu não me meto em política (JOSÉ).

Mesmo conhecendo as opiniões de José, Edgar, que em sua rotina diária entra em contato com muitas pessoas do próprio bairro e de fora dele, revela que os líderes comunitários mantêm uma relação peculiar com os comerciantes do local. Estes são procurados pelos representantes das diversas entidades comunitárias do local que costumam solicitar contribuições. Para este líder comunitário

/.../ comerciante é comerciante. Por mais que eu goste de você eu preciso de vender. Se você não tiver o dinheiro, então, você, pra mim, não é muito interessante /.../. O comércio... a pessoa pega essa linha pra sobreviver, pra sobreviver disso (EDGAR).

Boa parte da entrevista de José é marcada por respostas breves e sem detalhes. São respostas referentes àquelas questões sobre a vida no bairro, como ele e sua família conseguiram se estruturar financeiramente, o que esperavam do futuro, etc. Pareceu-me que ele respondia o que era mais conveniente, sem demonstrar qualquer constrangimento por estar “encenando”, pois, afinal de contas, no seu entendimento, aquilo não passava de mais uma entrevista que concedia a alguém interessado na história do União da Vitória. Por outro lado, demonstrava certo entusiasmo ao falar da associação que está por ser formada com outros comerciantes mas, também, um pouco de irritação ao se referir aos movimentos comunitários dentro do bairro. Arrisco em supor que algo impedia José de relatar mais abertamente sobre a vida no bairro e determinadas relações estabelecidas. Assim, penso, mais uma vez, que se trata de uma necessidade de lutar pela “auto-conservação”, inerente à vida cotidiana do União da Vitória, frente à presença da violência e da criminalidade. Especialmente por se diferenciar economicamente da grande maioria dos moradores, certamente existem razões para esse comerciante e sua família terem garantido uma certa “imunidade” dentro do bairro. Talvez, conforme já mencionado, por serem moradores antigos e por terem o controle do comércio local.

José, inclusive, afirmou ser a falta de segurança um dos maiores problemas que os moradores do bairro enfrentam, estendendo o problema para todo o país

*./.../ Ah, falta muitas coisa, né, vixe. O principal delas é segurança. Segurança é o principal. Segurança falta no Brasil inteiro, né, não tem como você falar que tem lugar mais seguro que aqui, não tem. Segurança é o principal (JOSÉ).*

É importante destacar esse entendimento que José demonstra ter ao afirmar que a questão de segurança é um problema que extrapola o âmbito local. Possivelmente ele acompanha noticiários estando sempre atento a essa questão em seu cotidiano. Não aceita, portanto, que se trata de algo que deva ser pensado e resolvido apenas no União da Vitória, e sim em toda a sociedade.

Apesar da aparente clareza em suas idéias, esse comerciante acabou revelando opiniões surpreendentes sobre a violência no bairro. Além de conhecer os principais envolvidos em recentes episódios de assassinatos, não demonstra nenhum estranhamento em relação a eles. *./.../ também não eram flor que cheirasse não. Todo mundo que morreu aqui, morte, é... assassinado, não tenho lembrança de ser pessoa boa. Ah, mas eles se matando entre eles mesmo tá bom (JOSÉ).*

Edgar já possui outra interpretação, ligando a violência às carências materiais da população.

Aqui tinha muita coisa, muitas confusões rolava aqui por palavras, entendeu? Por palavras, ofensas, as pessoas ficavam ofendidas. Porque primeiro, a bebida, a bebida, a droga, a falta de condições de tudo era muito grande. Agora você imagina...as vezes as pessoas têm uma tendência de malandragem. Aí você não tem comida, não tem onde roubar, não tem..., não tem roupa, né, não tem uma comida pra pôr dentro de casa. Então, qualquer coisa ofende uma pessoa dessa, qualquer coisa. Por isso que muitas vezes eles acabam se matando entre eles mesmo *./.../* porque não existe uma vida tranqüila (EDGAR).

Enquanto para este informante a violência no bairro está ligada à precarização da vida, para José este problema deve ser pensado enquanto desvio

de comportamento, ignorando as causas que levaram esses jovens a integrarem o “mundo do crime”, desde que “os homens de bem” sejam preservados.

Na realidade, a violência instaurada no cotidiano do bairro penetra nas relações mais próximas de seus moradores, como também é confirmado por Neusa, quando relata ter conhecido vários jovens assassinados, através de seu trabalho comunitário na Igreja Católica.

Conheci. Já morreram. Esses quase todos já se envolveram com briga, esse tipo de coisa, mas já morreu praticamente quase tudo, né. Que os primeiros que tavam aqui morreram tudo. Tinha muito. Agora tem essa turma mais nova que se criou, que sofreu muito preconceito e lutaram muito com a gente pra buscar coisa pra esse bairro (NEUSA)<sup>59</sup>.

Porém, independentemente de todos esses problemas, pelos depoimentos é possível perceber entre os entrevistados um sentimento de pertencimento ao bairro ainda que este se manifeste de formas diferentes. Para Edgar, por exemplo, sua identificação com o local está relacionada à sua posição de líder comunitário.

Eu gosto do União da Vitória? Eu gosto. Tem quem tem vontade de sair daqui? Tem. Só que tem o seguinte: por exemplo, quando eu falo que gosto de morar no União da Vitória, eu falo com toda a convicção. Porque é o seguinte: da onde eu passei toda a minha vida até hoje, aqui é o melhor lugar que eu achei. Por isso eu gosto daqui. O laço de companheirismo, o laço de liderança comunitária, e muito mais do que isso. Não sei não se esse negócio aí de um bairro mais especial da cidade... se a gente for pra lá, se a gente... a gente pode até morar lá por ter uma condição de vida melhor, mas acho que tem coisa que aconteceu aqui que não sai nunca mais (EDGAR).

Entre os quatro entrevistados, Edgar é o que melhor expressa essa relação estreita que tem com o bairro. Demonstra entusiasmo ao falar sobre os laços

---

<sup>59</sup> É importante destacar que foi formado no bairro um grupo de hip hop considerado o melhor da cidade. São garotos que nasceram e cresceram no Jardim União da Vitória e que, atualmente, além de trabalharem, fazem

de amizade e “companheirismo” estabelecidos nas lutas e movimentos nos quais se envolveu e se envolve até o presente. Tendo, portanto, feito das carências ali sofridas, seu principal instrumento de luta, afirma que “não deseja morar em nenhum outro local”, apesar de conhecer a cidade inteira, e sim “lutar constantemente” para obter cada vez mais melhorias para o lugar onde vive. Além disso, para Edgar no Jardim União da Vitória é onde se sente mais seguro, é o “familiar”, onde é “reconhecido” e “respeitado”.

Aqui, por exemplo... eu ando em qualquer lugar aqui. Posso chegar, onde tiver aí um grupo de pessoas, entende, posso entrar tranquilo. Em outro lugar não posso fazer isso. No centro da cidade, eu tenho medo de estar. Eu não tenho coragem de andar no centro da cidade a noite, eu acho muito perigoso. Aqui eu me sinto mais seguro do que no centro. Então, eu acho o seguinte: da minha vida, da minha vida de quando eu nasci, da onde já morei, o que já passei, esse, pra mim, é o lugar mais especial da minha vida. Pode até ser que aconteça algumas coisas na minha vida que pode até ser melhor do que aqui. Só que tem coisa aqui que eu jamais vou esquecer (EDGAR).

Edgar se sente “em casa” no União da Vitória e espera que seus filhos continuem vivendo no bairro e dêem prosseguimento ao trabalho comunitário que ele ajudou a organizar. Esse líder garante que o segredo para o bom convívio no bairro está em respeitar as pessoas e é isso que procura ensinar aos seus filhos

/.../ eles, que cresceram aqui, aprenderam respeitar os outro, nunca vão ter problema aqui também. Tem gente que mora aqui há muito tempo, tem amizade com todo mundo e tá aí, ninguém mexe... é a relação que a pessoa cria. Mas tem aquela pessoa chata, por qualquer coisa tá batendo com a língua nos dente (EDGAR).

Cabe ressaltar que Ângela, esposa de Edgar, também participa ativamente da vida comunitária no União da Vitória<sup>60</sup>. Através de um discurso que parece “pronto”, o casal ressalta a participação na “política comunitária” do bairro.

Fazemos parte da política partidária, das eleições municipais, estaduais e a nível nacional e trabalhamos mais efetivamente dentro da política comunitária, né, que é de tá vendo mesmo forma de melhorar pra quem mora no bairro, nas periferia da cidade e, principalmente, no União da Vitória, que é onde eu moro (EDGAR).

Percebe-se que essa identificação com o local onde moram está relacionada com as atividades que desempenham no bairro. Enquanto José acentua a formação de uma Associação de comerciantes, Edgar insiste em falar da política comunitária, dos projetos que ajuda a desenvolver. Na realidade, tanto um quanto outro, ao falarem sobre a dinâmica e transformações do bairro, tomam como referência suas atividades e/ou experiências individuais.

Assim, no caso de Edgar, a política comunitária constitui aspecto dos mais relevantes para sua identificação na e com a “comunidade”. Ao se referir à época em que era presidente da Associação de Moradores do União da Vitória, Edgar afirma que as pessoas achavam que ele dispunha de grandes recursos financeiros. *./../ já naquele momento já tinha um grupo, um grupo de pessoas que achava que a gente tava nadando no dinheiro, mas a gente sempre tirou do bolso pra fazer isso, ou não fazia* (EDGAR).

O mesmo acontece com Neusa quando ressalta aspectos de sua vida como liderança, reafirmando os mesmos valores acentuados por Edgar, ou seja, o desprendimento econômico que um líder comunitário deve ter e o compromisso com

---

<sup>60</sup> Atualmente, Ângela participa de atividades na Igreja Evangélica e da Associação de Mulheres do bairro.

o coletivo /.../ na Associação a gente não pode, como presidente, ter renda, ter lucro dentro de uma Associação (NEUSA).

Tanto Neusa quanto Edgar afirmaram que nada ganhavam por exercerem suas funções nas Associações do bairro. Esse último, inclusive, se endividou no período em que cumpriu o mandato de presidente da Associação /.../ eu, quando terminei o mandato, tava endividado até a cabeça porque eu não tinha da onde tirar e não podia abandonar a função que eu tinha assumido (EDGAR).

Se, de um lado, ressaltam a importância de suas atividades voltadas para o bairro e para a coletividade em detrimento dos ganhos econômicos, de outro, deixam evidentes os “riscos” que correm e o “controle” a que são submetidos por parte da população do União.

Então, naquela época, tinha pessoas que via a gente pra cima e pra baixo... então formou aquela gente falando tudo de negativo que a gente faz. Isso sempre existe, então, só olhava por que o campo não terminou, por que a escola não ficou maior, por que não tem mais cesta básica. Então, as pessoa ficava nesse ponto. Então, tem pessoas que não gosta da gente, passa pela gente e não fala ‘bom dia’. Então, dentro de um bairro que tem 15 mil habitantes acontece essas coisa, de bom e de ruim. Só que aproveita isso pra tentar te agredir (EDGAR).

Conforme sua interpretação, assumiu uma responsabilidade junto àquela “comunidade” que implica uma exposição de sua vida pessoal. Com isso, passou a ser vigiado pelos moradores durante 24 horas por dia porque, em sua opinião

/.../ tem que transmitir segurança. E segurança para o povo é aquela pessoa que não bebe, é aquela pessoa que não fuma. É aquela pessoa que não faz... nenhum tipo de coisa errada /.../. É muito diferente o comerciante com o trabalho nosso, é muito diferente, até porque ele fecha o mercado, eles têm condições até de ir pra um horto, um lugar de lazer, assar carne, tomar cerveja, tomar refrigerante, jogar bola, e nós não. Se nós sai aqui numa tarde pra pescar, quando nós chegar, chegam na gente: ‘pô, esse cara tá folgado pra caramba, só tá pescando’ (risos) (EDGAR).

Esta percepção de Edgar é também confirmada por Vicentina

*/.../ eu acho que quando eles fossem colocá um presidente da vila, deveria colocá um presidente, né, de família, assim, uma coisa certa e séria. Porque, realmente, não é nem lá um prefeito, né, mas imita (risos). Mas eles não vê essa parte, eles não vê. Parece que é só entre eles lá, só aquelas pessoa que eles conhece, eles não importa, pode ser um drogado, pode ser um bêbado... Pelo menos, tudo o que eu fiquei sabendo, que o presidente que tá aí, eu não conheço /.../. Mas eu fiquei sabendo é que o presidente que nós tem aqui é péssima pessoa. Até pouco tempo ele e a muié eram legítimo drogado, uns bêbado, você tem que achá ele nos barzinho. Então ele é o presidente. Você vê se eu tenho condições de chegá e contá minha situação pra um homem desse? Eu nem vô. Eu prefiro falar com uma pessoa “lá fora” (VICENTINA)<sup>61</sup>.*

Na realidade, esse controle da vida de uns sobre os outros causa divergências quanto ao comportamento das pessoas dependendo do lugar e da posição que ocupam. Neusa, por exemplo, enquanto militante dos movimentos comunitários, tem uma posição oposta sobre o colega de luta na Associação de Moradores */.../ é... ele, como presidente, diz que ele fica muito tempo bêbado, que não tinha nenhum trabalho. Eu nunca via o Tatú bêbado. Você pensa que eu tô mentindo? Não tô mentindo. Eu nunca vi o Tatú bêbado (NEUSA)*. No entanto, o próprio Edgar admite que as pessoas que estiveram desde o início envolvidas com os movimentos reivindicatórios dentro do União da Vitória, começaram a articular as mobilizações enquanto bebiam em bares. E isso incluía o atual presidente da Associação dos Moradores

*/.../ todos eles bebia, todos eles bebia cachaça, era dia inteiro bêbado, bebendo e tal. Então, porque a situação não era só uma coisa, todos nós tinha algum tipo de dificuldade. Então, eles era a bebida, bebia muito. Mas, mesmo bebendo nos boteco, andava conversando: ‘não pode acontecer isso, nós tem que melhorar o emprego’, já tinha essa tendência /.../ (EDGAR).*

A relação de Edgar com a população do União chega a ser, portanto, de extrema proximidade na medida que compartilham os mesmos problemas e vivenciam situações de vida semelhantes, reforçando, assim, os laços de confiança e de lealdade. Através da narrativa de Edgar, é possível observar situações interessantes que confirmam essa interpretação.

Tem gente que vem pedir para o presidente de bairro ir até lá na casa, que o marido tá bravo, que a mulher, também, tá dormindo com o cara... têm casos desses tipo e não tem jeito. Tem também quando estoura o cano de esgoto lá na casa do outro e eles vem pedir pro presidente de bairro ir lá falar, tem muito disso (EDGAR).

Essa parte de sua entrevista se assemelha muito a um “balanço” daquilo que realizou na época em que esteve à frente da Associação de Moradores do bairro. É importante notar, porém, que alguns elementos contidos em sua fala podem indicar, também, percepções acerca do papel que um líder comunitário deve desempenhar.

/.../ aí tem uma pessoa que chega com uma receita que já foi no posto, não tem o remédio e a pessoa não tem jeito e quando chega procurar por mim é porque já tá chegando nas últimas pessoas que ele tem contato. Aí depende de mim, aí eu sou alguma coisa ou eu não sou nada /.../ e na maioria das vezes a gente chega no lugar onde se resolve porque a gente tem conhecimento de todo mundo (EDGAR).

Quando uma pessoa tá indo falar com você, você pode ficar alegre, porque aquela pessoa acha que você é capaz de alguma coisa, e não porque ela acha que você é ruim, que você não vale nada. É muito pelo contrário. E eu não vou procurar alguém que eu souber que não vai resolver nada pra mim, né (EDGAR).

Como já enfatizado anteriormente, as reivindicações dos moradores se iniciaram a partir de carências materiais comuns a todos, numa época em que

---

<sup>61</sup> Vicentina está se referindo ao atual presidente da Associação de Moradores, conhecido como Tatú.

muitos não tinham onde morar, o que comer ou o que vestir. Com o passar dos anos<sup>62</sup>, o União da Vitória se transformou, adquirindo estatuto de bairro, com infraestrutura e demais serviços. Entretanto, como já sabemos, são equipamentos urbanos que não servem a todos, uma vez que a região tem expandido e a população do local tem aumentado com as novas invasões.

No União da Vitória, assim como em diversos outros locais semelhantes da cidade, as pessoas primeiro invadem, ocupam para, posteriormente, serem assentadas e receberem a ajuda do poder público local. Dessa maneira, o que se observa no União da Vitória é um constante e contínuo movimento de luta pela sobrevivência, através de determinadas estratégias individuais. Edgar representa um grupo que deseja extrapolar o plano imediato da realidade social do local ao propor uma luta que seja comum a todos. Ou seja, todos os moradores teriam que se identificar com o bairro, buscando solucionar problemas coletivos, através da participação nas decisões, não somente no âmbito do próprio bairro, como também das do Município de Londrina.

Se nós temos o maior posto de saúde, que é no União da Vitória, é porque protestamos. Não era só a gente que queria, era milhares que queria um posto daquele. Nós conseguimos o asfalto porque não tava só dois falando, tinha dez mil pessoas naquela época falando. O transporte coletivo, que era o Grande Londrina, que pegava os ônibus mais velho, surrado, caído, todo sujo, banco rasgado, quebrado /.../. Era o lugar mais sujo, tinha barro, dez mil pessoa falou: “não pode ser assim”. Aí nós tocamos o barco pra frente, até mudar (EDGAR).

Entre os trabalhos comunitários nos quais Edgar participa, há um projeto de extensão em parceria com a Universidade Estadual de Londrina junto à população da região sul de Londrina. Esse projeto, entre outros objetivos, visa

---

<sup>62</sup> Ver parte 2.

mapear as necessidades dos moradores do Jardim União da Vitória, a partir de entrevistas com a própria população. Segundo Edgar, tal pesquisa busca compreender */.../ exatamente quem tá precisando de dentista, o que é o desemprego, quantas pessoas têm, quanto trabalho informal, quanto tem registrado, quanto não tem* (EDGAR).

A parceria com a Universidade seria para subsidiar a “parte técnica”, melhor dizendo, a pesquisa, a fim de se registrar adequadamente as necessidades e colocar em ação programas que busquem amenizar, pelo menos, em parte, os problemas dos moradores.

Como se pode perceber, através do contato com esses moradores do Jardim União da Vitória e das observações de campo é possível compreender como se esboça a vida no bairro.

No início da pesquisa, eu freqüentava semanalmente a casa de Vicentina e, em companhia de suas filhas, Olívia e Áurea, circulava a pé pelo bairro e reparava a curiosidade das pessoas sobre minha presença ali. Olívia contou-me que seus vizinhos lhe perguntavam quem eu era e o que ia fazer em sua casa. A jovem se enchia de satisfação e respondia que eu era amiga de sua mãe e que fazia um trabalho para a Universidade, o que causava muito espanto. Segundo Olívia, as pessoas duvidavam sobre a veracidade do fato, afinal poucos acreditavam que alguém da Universidade pudesse conviver com as pessoas dali.

Admito que a proximidade foi tamanha que Olívia não estava equivocada ao afirmar que sua mãe e eu havíamos nos tornado mais próximas. Talvez não propriamente uma relação de amizade, mas de confiança mútua. Vicentina me confiou detalhes de sua vida que não queria que fossem divulgados. O mesmo pode-se dizer de Neusa.

Vicentina passava o dia inteiro em sua casa, com exceção dos dias que conseguia trabalho no campo, como bóia-fria ou como doméstica, no bairro vizinho. Apesar de moradora do local, fazia questão de deixar claro que não tinha amizade com ninguém.

Com ninguém /.../ hoje até conheço todo mundo e todo mundo: “oi dona Vicentina”. Pra ir na casa dos vizinho, eu só tenho um, que é o homem que sofreu derrame e mora aqui do lado e uma senhora daqui da frente, só (VICENTINA).

Esse seu distanciamento dos moradores do bairro está relacionado aos valores que norteiam seu comportamento, justificando-os através do costume que seu falecido marido havia deixado /.../ *aquele costume que ele tinha, a gente ficou com aquilo* (VICENTINA), ou seja, de permanecer mais na própria casa.

Vicentina, na verdade, está se referindo aos valores morais que devem nortear o comportamento das mulheres e que julga serem os corretos

/.../ eu não saio pra canto nenhum, eu não saio. As vezes as muié me chama: “ah, Vicentina, vamo no forró dos véio”, mas eu não vô, sabe, eu tenho vergonha, eu não gosto...você sabe como eu me sinto passeando assim? Uma vez eu fui, uma vez só, eu fui. E eu me sinto assim, que eu chego num lugar estranho, como uma muié assim, sem marido. Sinto que todo mundo olha e pensa assim: “olha como ela virou, ela hoje é uma muié sem valor”. Eu penso assim, sabe. Então, eu não gosto, eu me sinto muito envergonhada lá fora (VICENTINA).

Para Vicentina, mulheres que saem dessa maneira, não têm “valor”, /.../ *será que elas não pára pra vê a idade delas, a família delas?* (VICENTINA). Para esta senhora, a vida familiar é de fundamental importância, para conseguir respeito da sociedade. Tanto que, em relação ao futuro, ou seja, a perspectiva que ela tem

para seus filhos é a constituição de uma família para cada um deles, com uma vida que ela considera “digna”.

Ah, eu acho assim, se eu tiver mais algum dia de vida, eu queria pra minha família, como foi eu, sabe, cada qual com seu marido, sua muié e ter sua casa e viver uma vida digna /.../. O meu marido era uma pessoa considerada, apesar que ele gostava de beber, mas ele era uma pessoa muito considerada /.../. Então, eu queria que minha família fosse assim, que minhas filha fosse assim (VICENTINA).

Orientada por esses valores, Vicentina não visita nem suas filhas que moram no bairro por não aprovar o comportamento delas, tendo em vista que estabelecem relações efêmeras com homens de quem engravidam e que acabam não assumindo as crianças que nascem. Não tendo a quem recorrer, a não ser à sua mãe, as jovens deixam seus filhos sob seus cuidados. Além disso, quando terminam seus relacionamentos, retornam sempre para a casa de Vicentina. Mesmo quando estão morando com seus parceiros, freqüentam a casa da mãe, a fim de buscarem suprimentos.

Neusa também demonstrou certa preocupação com a imagem que poderia passar para os moradores do bairro, porém, de uma maneira diferente de Vicentina. Na época da entrevista, Neusa estava separada de seu marido há 9 anos e vivia sozinha, já que seus filhos são casados e vivem em suas respectivas residências. Sobre o fato de viver só, ela afirmou /.../ *eu não tenho um pingão de medo de dormir sozinha aqui* /.../ e justificou /.../ *ah, eu sou muito conhecida nesse União* (NEUSA).

A notícia de sua separação se tornou notória devido aos motivos que a causaram<sup>63</sup>. Como Neusa é bastante conhecida no bairro, a “moralidade” que as pessoas parecem aspirar - mas que não sabem muito bem definir – fez com que

sua vida se tornasse assunto publicamente comentado pelos moradores do local.

Sobre este episódio, Neusa relatou

Parece que o mundo inteiro... você não sabe... eu não caí num poço, no fundo do poço. O poço que eu desci não tinha fundo. Não tinha, mas não tinha mesmo. Aí pensei: “ou eu enfrento essa comunidade ou eu vou ter que pegar a viola, enfiar num saco e sumir daqui e não pisar nunca mais, né”. Aí o mundo inteiro sabia do problema, todo mundo ficou sabendo... é muito difícil... eu não desejo... se eu tivesse um inimigo eu não desejaria pra ele o que eu passei, viu (NEUSA).

Embora esta senhora não tenha permitido que seus problemas fossem expostos, é possível notar, assim como em todos os entrevistados, uma preocupação em manter um comportamento pautado por valores morais rígidos, pois, no Jardim União da Vitória quase todos se conhecem ou já ouviram falar um do outro. Percebi que, naquele bairro, a vida de ninguém passa despercebida. Os moradores se reconhecem e, portanto, se identificam e, além disso, sabem quem não vive ali. De acordo com Vicentina */.../ a gente vê que também vem gente de fora pra cá... As vez, muita barbaridade que acontece aqui, nem é o povo daqui, é de fora /.../ (VICENTINA).*

No Jardim União da Vitória a maioria das pessoas começou ou recomeçou a vida a partir da mais absoluta miséria. Mesmo sendo famílias oriundas de diversos lugares da cidade e de fora dela, a identificação com o local foi construída socialmente a partir de experiências comuns que vivenciaram e ainda vivenciam, especialmente aqueles que participaram das primeiras invasões.

Retomo, então, ao entendimento que CALVINO (2002)<sup>64</sup> tem sobre as cidades, para quem estas são exemplos de fluir da vida, onde tudo muda incessantemente. Assim, pensar o cotidiano, no estudo em tela, é considerar que a

---

<sup>63</sup> Esses motivos, apesar de terem sido relatados por Neusa, a seu pedido, não serão expostos.

vida na cidade é feita de contradições inerentes à sua própria constituição. Dessa maneira, a formação de bairros periféricos, especialmente o Jardim União da Vitória, pode ser encarada como resultante do imenso paradoxo que faz com que as cidades tragam em seu bojo tanto o germe da prosperidade quanto o da destruição<sup>65</sup>.

Compreender o dia-a-dia do União da Vitória significa aceitar este paradoxo. Embora se perceba uma relativa semelhança da vida social de seus moradores, através de um modo de vida específico e pela incorporação de determinados valores, as diferenças e os conflitos estão presentes no próprio bairro e nas relações com a cidade. Apesar do aparente desencontro com o rápido movimento da cidade que a tudo transforma, o União da Vitória somente existe porque a cidade de Londrina existe.

#### **5.4 A PERSPECTIVA DE FUTURO – ENTRE A ESPERANÇA E A IMPOSSIBILIDADE DE MUDANÇAS**

Como já foi demonstrado anteriormente, Vicentina é responsável não só pelos seus filhos menores como, também, pelos seus netos e isso a faz pensar num futuro que considera próximo, que é quando não poderá mais cuidar dessas crianças devido à sua idade. Sua preocupação gira em torno da possibilidade de esses menores tornarem-se delinqüentes caso não haja alguém presente e com autoridade para “controlá-los”. Isso significa fazê-los ir à escola, obedecer à própria mãe, não permanecer nas ruas sem que se saiba por onde andam, etc. Mas

---

<sup>64</sup> Ver parte 1.

<sup>65</sup> Para melhor compreender esse aspecto da cidade de Londrina, em particular, ver estudos acadêmicos que tratam da história de sua formação e desenvolvimento. Para tanto, ver bibliografia indicada na parte 2 neste trabalho.

Vicentina entende que sob sua responsabilidade devem ficar somente seus filhos João Davi e José Inácio. Seus netos, Gabriel e Yasmin (de pais diferentes) deveriam, segundo ela, ser criados pela mãe deles que, atualmente, se uniu à um terceiro rapaz, com quem tem outro filho. Desse último a própria mãe cuida, mas dos outros não, porque seu atual companheiro não aceita filhos que não sejam dele. Diante dessa situação, Vicentina demonstra sua aflição

Porque pra criar, só vou cuidar, né, porque meu menino mais velho ajuda, tem casa, comida, o estudo é de graça...Então quer dizer que a natureza vai se encarregá do resto. Mas aí eu penso: gente, na idade que eu tô, na hora que eu fartá, como é que essas menina vai cuidá dos filhos dela? Elas não têm aquela força que eu tive. Como é que fica essas criança? (VICENTINA).

Ao ser questionada sobre o que espera do futuro, Vicentina respondeu, sem hesitar, que gostaria que seus filhos tivessem, cada qual, sua própria família, casa e cuidassem de seus filhos, além de terem uma vida que considera digna. O que essa senhora expressa primeiramente, portanto, é uma grande preocupação com o futuro das crianças. Ainda lhe resta alguma esperança em poder cuidar de seu pequeno João Davi que sofre de um grave problema cardíaco<sup>66</sup> e de José Inácio. Ela sempre afirmou que se preocupava com este último por se recusar a ir à escola sozinho temendo as ameaças que outras crianças faziam a ele<sup>67</sup>. Ao mesmo tempo em que se preocupa com seu filho, Vicentina ainda pensa como será o futuro de seus netos, já que suas filhas não teriam o “controle” necessário para “segurar “ suas crianças

---

<sup>66</sup> Mas que foi corrigido através de uma cirurgia em Maio de 2002.

<sup>67</sup> Inácio estudava numa escola municipal no próprio bairro e vinha tendo problemas com alguns garotos, também alunos da escola, que exigiam que ele roubasse pequenos mercados do bairro. José Inácio nunca fez isso e contou à professora o que estava acontecendo que, por sua vez, comunicou sua mãe, solicitando que ela o acompanhasse até a escola diariamente, tanto na entrada como na saída.

A gente vê na televisão, lá na rua, tanto moleque que rouba...essa semana mesmo, um moleque de 12 e outro de 10 fazendo assalto de banco. Aí eu imagino, assim, como eu tô com essa dificuldade pra trabalhá por causa deles, elas vão ver, eu não, elas vão ver, porque vai ser pior com os menino delas. Eu fui criada de uma maneira que eu sei segurar os meus (VICENTINA).

Essa dificuldade em trabalhar se deve ao fato de ter que permanecer em casa cuidando de Davi que, na época, tinha oscilações em seu estado de saúde, e de Inácio, que necessitava de sua proteção para se dirigir até à escola, já que não podia contar com a colaboração de seus outros filhos.<sup>68</sup>

Edgar, ao se referir ao futuro, espera que seus filhos sigam seu exemplo.

Acho que algumas coisas eles que escolhem, né? Mas agora acho que a gente tem que dar uma direção. Eles estuda aqui no bairro, já são tratado, assim, com certo carinho, porque a gente tá sempre trabalhando, você entendeu? E também a gente orienta pra eles não se aproveitar disso /.../. Então, pros meus filho eu tento passar, da maneira mais tranquila possível, que acho que eles têm que ser amigos de todo mundo. amigo, eu tô falando de se dar bem com todo mundo, de falar com um, com outro, de bater um papo na rua /.../. Ser amigo mas não conviver...mas falar com todo mundo (EDGAR).

Deixa evidente que a sua maneira de agir dentro do bairro deve ser transmitida aos seus filhos, a fim de que estes dêem prosseguimento às atividades político-partidárias que desenvolveu e ainda desenvolve no bairro.

Queria que meu filho seguisse os meus passo, né. Mas parece que é uma coisa, parece que ele já gosta. Então, ele já fala, ele já vai na Prefeitura e tal /.../. E minha menina eu quero que ela estuda. Eu, pra minha filha, o que eu mais penso é de fazer esse salão aqui, abrir um comércio pra ela trabalhar aqui (EDGAR).

---

<sup>68</sup> Olívia sempre cuidou dos irmãos menores e de seus sobrinhos. Porém, nessa época ela já havia se mudado da casa de sua mãe para viver com um rapaz, num barraco no próprio bairro, não atendendo mais aos pedidos de Vicentina.

Trata-se de um olhar para o futuro diferente do que José espera para seus filhos */.../ Ah, não quero que seja a minha vida, né. Eu acredito que não seja o melhor futuro pros meus filhos. Não quero que eles herdem o mercado* (JOSÉ). Além de não desejar que seus filhos trabalhem na mesma atividade que ele, também não gostaria que eles permanecessem morando no bairro, reafirmando, assim, seu desejo de proporcionar uma vida melhor aos filhos, fora do União da Vitória.

*/.../ olha, em primeira instância, eu não quero que meus filhos se crie aqui. Até eles estudar tudo bem, até concluir os estudo /.../ concluir os estudo acho que é até eles participar da Universidade, né. Depois cada um segue o seu rumo porque aqui não é um local indicado pra alguém que, sei lá...quando a gente tem um pouquinho mais de condições assim, né, vamos ver* (JOSÉ).

Na realidade, José não vislumbra possibilidades de mudanças em sua vida e de sua esposa. */.../ não tenho grandes perspectivas de melhora. Só se fazer uma mudança radical, né, e isso acho que é impossível, né* (JOSÉ). Certamente ele se refere às condições de falta de segurança dentro do bairro e à impossibilidade de ter o quadro revertido. No entanto, para o casal, a idéia é permanecer no bairro, buscando trabalhar como sempre fez, mas proporcionando condições para que seus filhos tenham oportunidade de viverem de uma maneira diferente, longe do Jardim União da Vitória.

Neusa, ao contrário de Edgar, já não demonstra tanta certeza em permanecer morando no bairro apesar de afirmar que gosta de viver ali */.../ se eu tiver que ir embora, eu vou ter que ir porque você sabe, né, eu tô no final da vida já, né, quase 60 anos, nordestino não passa muito não* (risos) (NEUSA). Esta senhora pensa em mudar para a cidade de São Paulo para trabalhar com sua sobrinha no bar de seu irmão, na favela onde moram e deixar definitivamente o trabalho com a

“comunidade” /.../ *eu não quero mais trabalhar com a comunidade, eu espero que não, né* (NEUSA).

Em comparação com os demais informantes, Neusa expressa com hesitações suas expectativas em relação ao futuro. Ela parece viver o tempo presente com intensidade. Refere-se ao passado, mas transitando em sua memória por acontecimentos que seleciona a fim de narrar somente aquilo que lhe traz boas lembranças. Parece que ela entende que não é possível traçar planos para o futuro tendo em vista as incertezas que cercam sua vida. Trata-se daquilo que extrapola a dimensão cotidiana - marcada pela previsibilidade -, e faz com que os indivíduos tomem decisões e tenham atitudes frente às circunstâncias que vão se conformando, muitas vezes, sem se perceber.

Por isso, Neusa se refere, inúmeras vezes, à idéia de que foi devido às circunstâncias que sua vida tomou determinados rumos. É dessa forma que justifica sua dificuldade em pensar num futuro para si. Como exemplo, ela se refere sobre como aconteceu sua adesão aos movimentos sociais no União da Vitória.

Realmente, foi um trabalho que me pegou muito de surpresa porque eu não vim aqui preparada pra fazer um trabalho com a comunidade, né. Até porque eu não tinha experiência, né /.../. Eu tive que me virar, aprender o que a gente aprendeu (NEUSA).

Conforme já demonstrado, uma das características da cotidianidade no mundo moderno, segundo LEFEBVRE (1991), é a previsibilidade porque tanto o tempo quanto o espaço estão submetidos à racionalização instrumental passando pelo crivo da rentabilização e organização. Porém, é importante distinguir a “cotidianidade” do “cotidiano” vivenciado por diferentes grupos sociais.

No caso dos moradores do Jardim União da Vitória, é possível notar os inúmeros imprevistos com os quais os indivíduos se deparam. É porque os aspectos mais importantes de suas vidas são pensados para o momento presente,

ou seja, suas vidas são marcadas pela imprevisibilidade, com exceção de José que, entre os entrevistados, é o único que demonstrou clareza e segurança em relação aos planejamentos futuros. Isso ocorre possivelmente devido à sua inserção na “ordem capitalista”, adquirindo, assim, uma mentalidade voltada para a racionalização dos ganhos em seu comércio, através do qual garante o sustento de sua família. José, portanto, acompanha o ritmo frenético imposto pelo “tempo do capital” tornando-se capaz de organizar suas finanças e planejar sua vida.

O contrário ocorre com os demais entrevistados, sobretudo Vicentina, que vive tendo que driblar as surpresas – na maioria das vezes, desagradáveis – que a impossibilitam ter qualquer visão mais nítida acerca do futuro. Suas preocupações giram em torno do que é urgente e que deve ser solucionado imediatamente. O imediatismo e a espontaneidade, por exemplo, fazem com que os indivíduos ajam conforme seus interesses e necessidades. É quando, seguindo o pensamento de Agnes Heller, o homem enquanto ser particular não se vê como integrante de um gênero humano porque deseja, a qualquer custo, suprir suas carências mais urgentes.

Neusa e Edgar, como foi possível perceber, por fazerem parte de movimentos reivindicatórios no bairro e por atuarem efetivamente em política partidária, já conseguem almejar mudanças não só para suas vidas, como também para os moradores do União da Vitória. Na verdade, Edgar extrapola o âmbito local, concebendo uma sociedade mais justa e igualitária a partir de transformações profundas na base produtiva e na mentalidade dos indivíduos na vida de todos os dias. Mesmo sem perceber, é no e pelo cotidiano que esse líder comunitário prevê a conscientização de seus semelhantes. Essa idéia me remete àquela de BROWN que entende que

*/.../ é também no terreno da vida cotidiana que as formas elementares de consciência de classe se desenvolvem ou são reprimidas. Conseqüentemente, só após ser empreendida contra a repressão, a este nível microsocial, a batalha das massas pela libertação subjetiva na vida cotidiana /.../ estará em posição de tomar consciência do contexto macrossocial mais amplo e dos processos que, em última análise, determinam o caráter da vida cotidiana (BROWN apud PAIS, 2003, p. 97).*

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha intenção no presente trabalho foi a de, através de uma discussão acerca do cotidiano, compreender como vivem e sobrevivem populações e grupos que habitam as periferias da cidade. A opção foi sempre pensar cotidiano e periferia enquanto dimensões em diálogo com a dinâmica mais ampla da estrutura social.

No entanto, durante a realização do trabalho, muitas vezes, me deparei com as minúcias presentes no cotidiano dos moradores do Jardim União da Vitória, dificultando o trânsito entre o particular e o geral. Com isso, assumi o risco de estar realizando um estudo meramente “descritivo-monográfico” (NETTO, 1996), alvo de tantas críticas àqueles que empreendem estudos sobre cotidiano.

A Sociologia da vida cotidiana, segundo PAIS (2003), é feita de “enigmas” mas, também, de “revelações” e, por isso, pude perceber que é somente a partir de um estudo sistematizado de determinados aspectos da vida social numa pequena escala que se torna possível a compreensão do dia-a-dia de um grupo, e ser capaz de articulá-lo com o âmbito mais amplo da sociedade.

Porém, para a apreensão de todos esses elementos foi de fundamental importância refletir sobre os procedimentos adotados ao longo da pesquisa, sobretudo a pesquisa de campo, e expô-los. Estudar o cotidiano exigiu de mim o desenvolvimento de uma capacidade de “vagar ao acaso”, sem prever um destino, por entender que não deveria percorrer caminhos preestabelecidos apesar dos quadros teóricos disponíveis.

A pesquisa de campo foi feita após algumas visitas ao União da Vitória para que eu pudesse verificar a viabilidade da empreitada. Além disso,

acreditava que o bairro seria apenas o objeto empírico que poderia “ilustrar” o que pretendia realizar. Afinal, imaginava que deveria me empenhar ao máximo em demonstrar, através da teoria, como efetuar análises sobre ambientes de pequena escala e o cotidiano de grupos sociais.

No entanto, tanto a problemática como o objeto de análise foram difíceis de serem delimitados porque somente a partir de uma maior inserção naquele bairro foi possível fazer tal “descoberta”. Assim, meu empenho teve que ser dividido em duas atividades principais: continuar refletindo sobre as diferentes abordagens acerca da Sociologia da vida cotidiana e a minha experiência como pesquisadora, numa viagem inédita na qual eu não passava de uma “turista”. De acordo com PAIS

*/.../ viajando no cotidiano, o pesquisador não vê as coisas em si, ou melhor, vê as coisas reduzidas aos seus signos, os quais irrigam e avolumam as representações sociais, as visões de mundo (PAIS, 2003, p. 55).*

Era fundamental, portanto, que fosse transcendida a superficialidade do aparente. Dessa maneira, pude entender uma das possíveis razões para a dificuldade em delimitar o objeto de estudo e elaborar a problemática de pesquisa, a fim de nortear a pesquisa. Para tanto, passei a pensar no que mais me inquietava desde a primeira vez que estive no bairro. Melhor dizendo, a forma como as pessoas viviam, ou seja, a precariedade sócio-econômica e a profunda miséria da maior parte dos moradores do União da Vitória. Comecei, então, a formular perguntas a esse respeito e, aos poucos, encontrar o que realmente me inquietava, derivando para as questões relacionadas à exclusão e à luta pela sobrevivência daquela população.

A princípio, delimitar alguns aspectos que considerava básicos e vitais nessa luta pela sobrevivência, tais como: alimentação, moradia e vestimentas. No entanto, percebi que essa luta travada no dia-a-dia se estendia para as necessidades subjetivas como, entre outras, a preocupação com valores, normas de conduta, formas de preservar a “imunidade social”, num lugar onde há vigilância constante e que, de acordo com os próprios entrevistados, foi ocupado por “todo tipo de gente”, incluindo-se aí os criminosos que contribuíram para a formação de uma imagem negativa do União da Vitória, ou seja, um bairro violento e de marginais.

Após me desvencilhar desses primeiros entraves, pude percorrer um caminho que, aos poucos, foi se revelando e me fazendo também pensar que não é possível ser ortodoxo quando se analisa o cotidiano, melhor dizendo, se pautar por uma única opção teórico-metodológica, o que implicaria continuar a caminhar sem sair do lugar, pois a obscuridade do cotidiano só pode ser transposta se o pesquisador estiver aberto às suas determinações, permitindo revelações, ainda que parciais e passíveis de contestações.

Através das entrevistas realizadas com moradores que apresentavam diferentes perfis, pude constatar que o cotidiano do Jardim União da Vitória é caracterizado por todas aquelas dificuldades encontradas na maioria das periferias de médias e grandes cidades. A história da formação da cidade de Londrina não foge, portanto, às regras que organizam o espaço urbano, as quais são pautadas, basicamente, pelos padrões de hierarquização social e espacial.

No entanto, foi importante “mergulhar” no ambiente desse bairro, a fim de buscar apreender o modo de vida daquela população considerada excluída, conforme as muitas e imprecisas definições desse termo. Na verdade, aqueles moradores podem ser considerados inseridos numa “sociedade paralela”

(MARTINS,1997) <sup>69</sup>, devido ao constante processo de uma exclusão que, porém, inclui de forma precária, já que essa inclusão ocorre do ponto de vista econômico, e não do ponto de vista social e político.

As trajetórias de Vicentina, Edgar, Neusa e José retratam parte da vida no bairro, revelando suas experiências de luta diária pela sobrevivência evidenciando, assim, o pragmatismo próprio que envolve o cotidiano. Ou seja, os indivíduos buscam, primeiramente, aquilo que lhes falta materialmente porque é preciso garantir o mínimo para a sobrevivência.

Em nenhum momento é possível perceber que Vicentina demonstre percepções sobre as relações existentes em sua biografia e o movimento da sociedade mais ampla. Suas preocupações giram em torno, exclusivamente, de sua família, mais especificamente, das crianças. Nenhuma de suas práticas estão voltadas a qualquer possibilidade de superação e suspensão dessa cotidianidade que oprime e aliena, pois não há reflexão e nem questionamento sobre ele. O cotidiano para ela é somente o vivido. É o tempo da vida que prevalece no seu dia-a-dia, aquele que não está apenas no relógio – símbolo mais presente no cotidiano - , e sim na memória, como se não existissem concomitantemente e simultaneamente ao tempo do capital.

Foi somente através da observação de suas práticas e representações que se tornou possível verificar a maneira singular com que se revestem suas relações com os acontecimentos do bairro e da cidade.

Neusa e Edgar vivem o cotidiano do bairro de maneira também peculiar. Em seus depoimentos, frisam que suas práticas visam a melhoria das condições de vida dos moradores do União da Vitória. No entanto, apesar de

---

<sup>69</sup> Inspirado em LEFEBVRE (apud NASSER, 2001), através da expressão “circuitos paralelos”.

comporem e participarem dos movimentos reivindicatórios e associações comunitárias, suas concepções e perspectivas se diferenciam.

Enquanto as ações de Neusa estão ainda presas a resultados imediatos, Edgar já propõe uma mudança radical das estruturas econômica, social e cultural, a partir da conscientização dos moradores do União da Vitória sobre as suas condições de subalternidade.

José, por sua vez, enquanto comerciante, ao se colocar “fora” de todas essas lutas coletivas, se integra no bairro através de uma troca explícita, ou seja, de relações de compra e venda visando, portanto, lucros. O tempo que predomina na vida desse comerciante é o tempo do capital, e sua luta diária é por acumular rendimentos suficientes para proporcionar melhores condições de vida aos seus filhos, longe do União da Vitória.

Enfim, o que foi possível perceber é que ainda não se encontram condições suficientemente favoráveis para uma transformação da vida social a partir do cotidiano, conforme apontam algumas abordagens discutidas no presente trabalho. Os moradores do União da Vitória, enquanto sujeitos desse processo que promoveriam a suspensão desse cotidiano opressor, rotinizado, que impede a manifestação da criatividade e o desejo de mudanças para a coletividade, estão muito mais envolvidos com a luta por sobrevivência imediata diante da total precarização da vida.

Mas isso não significa que os indivíduos não desejem mudar suas vidas. No entanto, esse desejo permanece, conforme o pensamento de Ágnes Heller, na esfera do ser humano particular, aquele ser fragmentado, que não consegue se enxergar enquanto parte de uma “genericidade”. Uma possível explicação para esse fenômeno pode ser o fato de que na cotidianidade instaurada

no “mundo do consumo”, tal como define LEFEBVRE (apud MARTINS, 1996), é desenvolvido um sistema de equivalências que regula as trocas. Essas equivalências “coisificam” as relações sociais, processo fundamental para a reprodução do capitalismo, acentuando dentre suas diversas características, aquela voltada para a satisfação individual em contraposição ao coletivo.

Mesmo assim, há a esperança em indivíduos como Edgar, que acreditam ainda ser possível a emergência de um cotidiano diferente a partir, não da racionalidade instrumental que o rege, e sim do irracional, do drama, do lúdico, da criatividade, do insólito, do indizível, entre outros, já que o próprio sistema capitalista deixa resíduos por não ser absoluto, o que significa admitir que se trata de um sistema que não consegue penetrar em todas as esferas da vida cotidiana. Daí, o espaço para a resistência. Esta que, no caso do Jardim União da Vitória ocorre através de inúmeros movimentos reivindicatórios e organizados no bairro que, na sua origem, tiveram como base a luta por satisfação de necessidades materiais e que atingiram as necessidades qualitativas.

Enfim, todas essas questões suscitam uma série de outras que extrapolam a problemática inicial deste estudo, uma vez que foram abertos alguns caminhos que apontam, por exemplo, para uma discussão e investigação mais aprofundada acerca das estratégias de sobrevivência, representações e o processo de construção de identidades individual e coletiva de seus moradores, para melhor compreender a sociabilidade e o cotidiano em bairros pobres e periféricos de cidades semelhantes a Londrina. Porém, estas são questões que deverão ser discutidas num outro momento, através de novas pesquisas.

## REFERÊNCIAS

- ADUM, Sônia. *Imagens do Progresso: civilização e barbárie em Londrina – 1930/1960*. 1991. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista, Assis.
- ALMEIDA, Ana Maria Chiarotti de. *A morada do vale: sociabilidade e representações; um estudo sobre as famílias pioneiras do Heimtal*. Londrina: Ed. UEL, 1997.
- ALVA, Eduardo N. *Metrópoles (in) sustentáveis*. Rio de Janeiro : Relume Dumará, 1996.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro : Forense Universitário, 1987.
- ARGAN, Giulio C. *História da arte como História da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- ARRUDA, Maria Arminda do N. *Metrópole e cultura: São Paulo no meio século XX*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- BERGER, Peter. *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo : Cia das Letras, 1986.
- BLAY, Eva. *Eu não tenho onde morar: vilas operárias na cidade de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1985.
- BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo: EDUSP, 1994.
- BONDUKI, Nabil. *As origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria*. São Paulo : Estação Liberdade/FAPESP, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa : Difel, 1989.
- \_\_\_\_\_. *A miséria do mundo*. Petrópolis : Vozes, 1998.
- BRIOSCHI, Lúcia R., ; TRIGO, Maria H.B. *Família: representação e cotidiano. Reflexão sobre um trabalho de campo*. São Paulo : CERU/CODAC/USP, 94p. (Coleção textos, 2ª série, 1), 1989.
- CALDEIRA, Tereza Pires do R. *A política dos outros. O cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo : Brasiliense, 1984.

CALVINO, Italo. *O caminho de San Giovanni*. São Paulo : Cia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. *As cidades invisíveis*. São Paulo : Cia das Letras, 2002.

CAPALBO, Creusa. *Metodologia das Ciências Sociais*. A fenomenologia de Alfred Schutz. Londrina : Ed.UEL, 1996.

CARDOSO, Ruth. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: CARDOSO, Ruth (org.). *A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1986.

CARLOS, Ana Fani A. *A (re) produção do espaço urbano*. São Paulo : EDUSP, 1994.

\_\_\_\_\_. *O lugar no/do mundo*. São Paulo : Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. A mundialidade do espaço. In: MARTINS, José de S. (org.) *Henri Lefebvre e o retorno à dialética*. São Paulo : Hucitec, 1996a.

CARVALHO, Maria do C.B. A vida cotidiana em nosso mundo: algumas questões relevantes. In: CARVALHO, Maria do C. B.; NETTO, José P. *Cotidiano: conhecimento e crítica*. São Paulo : Cortez, 1996.

CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1983.

CESÁRIO, Ana Cleide C. *Poder e partidos políticos em uma cidade média brasileira – um estudo de poder local: Londrina, 1934/1979*. 1986. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

DA MATTA, Roberto. O ofício de Etnólogo, ou como ter “anthropological blues”. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1978.

DURHAM, Eunice. A sociedade vista da periferia. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v.1, n.1, p.84-99, jun.1986.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1998.

ELIAS, Norbert, SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 2000.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis : Vozes, 1999.

GRANJO, Maria Helena B. *Agnes Heller: filosofia, moral e educação*. Petrópolis : Vozes, 1996.

HELLER, Agnes. *Sociologia de la vida cotidiana*. Barcelona : Ediciones Península, 1982.

\_\_\_\_\_. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1989.

IANNI, Octavio (org.). *Marx - Sociologia*. São Paulo : Ática. 1989. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1976.

KOWARICK, Lúcio. *A espoliação urbana*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1979.

LEEDS, Anthony ; LEEDS, Elizabeth. *A sociologia do Brasil urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo : Moraes, 1985.

\_\_\_\_\_. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo : Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. *A revolução urbana*. Belo Horizonte : Ed. UFMG, 2002.

LOJKINE, Jean. *O Estado capitalista e a questão urbana*. São Paulo : Martins Fontes, 1981.

LUKÁCS, Georg. *Estética I: la peculiaridad de lo estetico*. Barcelona : Grijalbo, 1966.

LYRA, Francisco José L. Cotidiano, memória e oralidade: modos de ver uma cidade. *Revista Múltipla*, Brasília, v.4, n.6, p.41-53, jul.,1999.

MARTINS, José de S. *Subúrbio – vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha*. São Paulo : Hucitec, 1992.

\_\_\_\_\_. (org.). *(Des) figurações: A vida cotidiana no imaginário onírico da metrópole*. São Paulo : Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo : Papirus, 1997.

\_\_\_\_\_. *Sociologia e militância*. *Revista de Estudos Avançados*. São Paulo : USP, v.11, n.31, p.137-187, 1997a. Entrevista.

\_\_\_\_\_. *O senso comum e a vida cotidiana*. *Tempo Social*. Revista de Sociologia – USP. São Paulo, v.10, p.1-8, maio 1998.

\_\_\_\_\_. (org.). *Vergonha e decoro na vida cotidiana da metrópole*. São Paulo : Hucitec, 1999.

\_\_\_\_\_. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. São Paulo : Hucitec, 2000.

\_\_\_\_\_. Depoimento. *Espaço e Debates*. Revista de Estudos Regionais e Urbanos. Ano XVIII, nº 42, p. 75-84, 2001

\_\_\_\_\_. *A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais*. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARX, Karl ; ENGELS, Friedrich. *O Manifesto Comunista*. São Paulo : Boitempo, 1998.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NASSER, Ana Cristina A. *Sair para o mundo: trabalho, família e lazer na vida de excluídos*. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 2001.

NETO, José Miguel A. *O Eldorado: Londrina e o Norte do Paraná – 1930/1975*. Londrina : Ed. UEL, 1998.

NETTO, José P. Para a crítica da vida cotidiana. In: CARVALHO, Maria do C. B.; NETTO, José P. *Cotidano: conhecimento e crítica*. São Paulo : Cortez, 1996.

PAIS, José Machado. Paradigmas sociológicos na análise da vida quotidiana. *Análise Social*, Lisboa, v. XXII, n.90, p.7-57, 1986.

\_\_\_\_\_. *Vida cotidiana – enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.

RAZENTE, Nestor. *Ocupação do espaço urbano de Londrina*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Recife : Universidade Federal de Pernambuco, 1982.

ROUANET, Sérgio P. Por que o moderno envelhece tão rápido?. *Revista USP, Dossiê Walter Benjamin, São Paulo, n.15, p.103–117, set/out/nov., 1992*.

SANT'ANNA, Maria Josefina G. *A cidade como objeto de estudo: diferentes olhares sobre o urbano*. Site: [www.comciencia.br](http://www.comciencia.br), março de 2002.

SAWAIA, Bader B. O calor do lugar: segregação urbana e identidade. *Revista São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v.9, n.2, p.20–24, 1995.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo : Cia das Letras, 1995.

SEABRA, Odette C. de L. A insurreição do uso. In: MARTINS, José de S. (org.) *Henri Lefebvre e o retorno à dialética*. São Paulo : Hucitec, 1996.

SENNETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro : Record, 1998.

SILVEIRA, Ricardo de J. *As associações de moradores e a construção do espaço público: um exercício de cidadania*. 1997. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

SOMEKH, Nadia. *A cidade vertical e o urbanismo modernizador*. São Paulo: Nobel/EDUSP, 1997.

TEDESCO, João C. *Os paradigmas do cotidiano: introdução à constituição de um campo de análise social*. Sta Cruz do Sul : EDUNISC, 1999.

TELLES, Vera da S. Direitos sociais: afinal do que se trata? In: *Direitos Humanos no Limiar do Século XXI*. Site: [www.direitoshumanos.usp.br/bibliografia/vera.html](http://www.direitoshumanos.usp.br/bibliografia/vera.html), agosto de 1998.

TOMAZI, Nelson D. *Certeza de lucro e direito de propriedade: o mito da Companhia de Terras Norte do Paraná*. 1989. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista, Assis.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1978.

VELHO, Otávio (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1979.

## **OUTRAS FONTES DE PESQUISA**

SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina – IPPUL. Diagnóstico da Habitação para População de Baixa Renda e as Políticas Públicas em Londrina. Londrina, 1996.

SECRETARIA MUNICIPAL DE URBANISMO, VIAÇÃO E OBRAS. Prefeitura Municipal de Londrina.

SECRETARIA MUNICIPAL DE AÇÃO SOCIAL. Prefeitura Municipal de Londrina.

COMPANHIA DE HABITAÇÃO DE LONDRINA – COHAB/LD

### **JORNAIS**

- Folha de Londrina (entre 1994 e 2002)
- Jornal de Londrina (entre 1994 e 2002)

## **ANEXOS**

## **ANEXO 1 – ROTEIRO ENTREVISTA**

Critérios para escolha do (a) entrevistado (a):

- Ser morador do bairro há, pelo menos, dez anos;
- Chefes de família;
- Residir nos loteamentos I e II do bairro. Obs: obedecer à divisão feita pelos próprios moradores, e não àquela oficial a qual aponta para apenas dois loteamentos, ou seja, o I e o II, ignorando os demais que se estendem, atualmente, até o VI.

### **1 – Dados pessoais**

1. Nome.
2. Idade.
3. Origem (cidade/Estado).
4. Escolaridade.
5. Estado civil.
6. Nº de filhos.
7. Nº de moradores na casa e grau de parentesco.
8. Idade e escolaridade dos moradores da casa.
9. Religião (relação com a Instituição).
10. Ocupação (tipo de trabalho do entrevistado e dos demais moradores da casa).
11. Locais atuais de trabalho de todos os moradores da casa.

### **2 - Trajetória da família**

1. Origem dos pais.
2. Locais de moradia anteriores (cidade/Estado – rural ou urbano).
3. Ocupações anteriores.
4. Ano de chegada à cidade de Londrina.
5. Motivos de vinda para a cidade de Londrina.
6. Locais de moradia em Londrina.
7. Ano de chegada no Jd.União da Vitória.
8. Motivos de vinda ao bairro Jd.União da Vitória.
9. Solicitar descrição do bairro na época em que chegou.

10. Condições iniciais de moradia (questionar se sempre viveu no mesmo local, como adquiriu o lote e como se iniciou a construção da casa em que reside atualmente).

### **3 - Condições atuais de vida**

1. Rendimentos familiares (verificar se estes rendimentos são somados para a sobrevivência).
2. Ao ter o “dinheiro”, quais as primeiras opções na hora da compra e quem (morador da casa) decide no que vai gastar.
3. Casa própria ou alugada? Neste último caso, quem paga o aluguel.
4. Situação de moradia (aspecto legal) Pagamento de taxas e impostos.
5. Condições de construção, ampliação e manutenção da casa.
6. Como e onde são adquiridos alimento, vestimentas e material de construção.
7. Com qual frequência (no mês) é feita a reposição de alimentos.
8. Com qual frequência se obtém vestimentas e material de construção.
9. Meio de transporte (para a locomoção de uma maneira geral).
10. Quem estuda e quem cuida da casa e das crianças menores.
11. Associativismo dentro do bairro (Igrejas, associação de moradores, centro comunitário, etc) – questionar sobre sua (s) atuação (ões).
12. Existência de ajuda “exterior”. Se houver, qual o tipo e qual (is) Instituição (ões) atua (m) (pública ou privada). Qual a frequência do auxílio (questionar sobre a atuação e/ou relação com o associativismo dentro do bairro - Igrejas e Entidades Comunitárias, sobretudo).
13. Infra-estrutura da casa (água, rede de esgoto, energia elétrica, telefone etc).
14. Assistência médica e de saúde (atendimento).
15. O que é considerado mais importante para a família no futuro, e o que se espera do futuro para si e para os filhos. O que falta para sua família.

### **4 - Práticas sociais e a sociabilidade**

#### *4.1 Relações no bairro (a vida no bairro)*

1. Como é a vida no bairro durante o dia e durante a noite (em termos gerais).
2. Quais as atividades durante a semana e finais de semana no bairro
3. Em que ocasiões são realizadas festas e comemorações. Verificar quem participa (somente moradores do bairro ou pessoas de fora do bairro?).

4. Quais os lugares freqüentados pela família ou individualmente.
5. Quem visitam dentro do bairro.
6. Relações de ajuda mútua, relações de vizinhança, amizade e parentesco.
7. Com quem e onde as crianças brincam, quais lugares que freqüentam.
8. Questionar sobre o comércio local (sobre a diversidade, preços, atendimento)
9. O que falta no bairro.
10. Dinâmica do bairro (em suas diferentes partes – considerando os 6 loteamentos)– considera o bairro diferente de outros bairros/vilas da cidade. Considera cada loteamento diferente um do outro. Em quais aspectos. Questionar sobre a criminalidade.
11. Conflitos, reclamações e motivos. Como são resolvidas tais questões.
12. Como se sente em viver no Jardim União da Vitória. Qual a visão que se tem do bairro.

#### *4.2 Relações com a cidade*

1. Freqüência com que vai ao centro da cidade (ou outros locais fora do bairro) e qual o meio de transporte utilizado.
2. Motivo (trabalho, escola, lazer, compras).
3. Como se dá o contato com os moradores da cidade e o que acha deles.
4. Quais os lugares mais freqüentados na cidade (referir-se inclusive a passeios).
5. Visitas fora do bairro (amigos, parentes).
6. Questionar se o (a) entrevistado (a) gostaria de viver em outro local da cidade e qual a razão e para onde gostaria de ir. Caso deseje sair do bairro, qual motivo o (a) impede.
7. Quais as relações com o poder público local (principalmente quanto à assistência e serviços).
8. Visão acerca do CAIC (Centro de Atendimento Integral à Criança) que, em Londrina, está localizado no Jd. União da Vitória.
9. O que espera das administrações públicas municipais.
10. Como vê a atuação do poder público local no bairro desde a sua formação até a atualidade.
11. Visão acerca da cidade de Londrina.

## Anexo 2 - Dados Pessoais e Trajetória dos Entrevistados

NOME	DEMAIS DADOS PESSOAIS	TRAJETÓRIAS
<p><i>Vicentina de Paiva</i></p>	<p>Idade: 50 anos            Origem: Álvares Machado (SP)            Escolaridade: nunca foi à escola            Estado civil: viúva            Nº de filhos: 13, sendo que 9 estão vivos            Nº netos: 5            Nº moradores na casa: 9            Grau de parentesco: 6 filhos, 2 netos            Idade e escolaridade dos moradores da casa: Vicentina, 50 anos, sem estudo; Valdecir, 26 anos, 4ª série; Olívia, 15 anos, 1º ano do ensino médio (parou de estudar); Marina, 14 anos, 8ª série (parou de estudar); Aurino, 14 anos, 5ª série (parou de estudar); José Inácio, 10 anos, 3ª série (estudando); João Davi, 6 anos, não estuda; Yasmin, neta, 7 anos, 1ª série (estudando); Gabriel, neto, 6 anos, não estuda;            Religião: Católica, sendo que freqüenta a Igreja esporadicamente            Ocupações anteriores: trabalho na roça; empregada doméstica; costureira; bóia-fria            Ocupações dos moradores da casa: Vicentina: empregada doméstica, costureira e bóia-fria; Valdecir: pedreiro; Olívia: bóia-fria; Marina: empregada doméstica; Aurino: bóia-fria</p>	<p>Origem dos pais: Estado de Minas Gerais</p> <p>Locais de moradia anteriores a Londrina:            Álvares Machado (área rural e urbana)</p> <p>Ano de chegada em Londrina:            não se lembra</p> <p>Locais de moradia em Londrina anteriores ao Jd. União da Vitória:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Jd Novo Bandeirantes</li> <li>- Parque Ouro Verde</li> <li>- Vila Brasil</li> <li>- Cinco Conjuntos</li> <li>- Lindóia</li> <li>- Jd Franciscato</li> <li>- Conj. São Lourenço</li> </ul> <p>Tempo em que reside no Jd. União da Vitória: 11 anos</p>
<p><i>José Antônio de Menezes</i></p>	<p>Idade: 39 anos            Origem: Londrina (PR)            Escolaridade: 7ª série            Estado civil: casado            Nº de filhos: 2            Religião: Católica – freqüenta a Igreja todos os domingos            Nº de moradores da casa: 4 pessoas: ele, esposa e 2 filhos            Idade e escolaridade dos</p>	<p>Origem dos pais: Ribeirão Preto (SP)</p> <p>Locais de moradia anteriores a Londrina:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Tamarana</li> <li>- Usina Apucarantina</li> </ul> <p>Locais de moradia na cidade de Londrina anteriores ao Jd. União da Vitória:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Jardim Santiago</li> </ul>

	<p>moradores da casa: Marli, 36 anos, 8ª série; Ricardo, 13 anos, 8ª série; Diego Luís, 11 anos, 6ª série</p> <p>Ocupação dos moradores da casa: José e Marli: comerciantes; filhos: estudantes</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vila Isabel</li> <li>- Jd. Ana Rosa</li> </ul> <p>Tempo em que reside no Jd. União da Vitória: 22 anos.</p> <p>Obs: Sua família reside na região mesmo antes de ocorrer a invasão, numa terra arrendada da Cohab</p>
<p>Edgar Campos dos Santos</p>	<p>Idade: 36 anos</p> <p>Origem: São Jerônimo da Serra (PR)</p> <p>Escolaridade: 5ª série</p> <p>Estado civil: casado</p> <p>Nº de filhos: 2</p> <p>Religião: católica e a esposa é evangélica</p> <p>Nº de moradores da casa: 4</p> <p>Idade e escolaridade dos moradores da casa: Ângela, 31 anos, 6ª série; Robson, 9 anos, 3ª série; Alessandra, 12 anos, 6ª série</p> <p>Ocupações anteriores: trabalhou na roça e, ao se mudar para a cidade, tornou-se vendedor ambulante e trabalhou durante alguns meses em serviços gerais de limpeza</p> <p>Ocupações atuais: liderança comunitária e comerciante</p> <p>Ocupações da esposa: liderança comunitária e comerciante</p>	<p>Origem dos pais: Estado de Minas Gerais</p> <p>Local de moradia anterior a Londrina:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Assai</li> </ul> <p>Local de moradia em Londrina anterior ao Jd. União da Vitória:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Jd. Franciscato</li> </ul> <p>Tempo de residência no Jd. União da Vitória: 13 anos</p>

<p>Neusa Alves Tenório</p>	<p>Idade: 59 anos  Origem: Garanhúns (PE)  Escolaridade: estudou durante 6 meses (alfabetização) em 2002. Afirma que não sabe ler e nem escrever  Estado civil: separada  Nº de filhos: 2  Religião: Católica  Nº de moradores da casa: vive sozinha  Ocupações anteriores: trabalhou na roça e, ao se mudar para a área urbana, trabalhou como empregada doméstica e em serviços gerais de limpeza, no restaurante do Palácio do Governo do Estado de São Paulo (Governo de Orestes Quércia)  Ocupações atuais: liderança comunitária; costura; venda de cosméticos; artesanato; coordenadora do projeto “geração de renda” (iniciativa da própria comunidade com apoio da Secretaria Especial da Mulher da Prefeitura Municipal de Londrina)</p>	<p>Origem dos pais: Garanhúns (PE)</p> <p>Local de moradia anterior a Londrina:  - Se mudou diretamente para Londrina. Após alguns anos vivendo nesta cidade, se mudou para a São Paulo, capital, onde permaneceu durante 11 meses até retornar à Londrina.</p> <p>Local de moradia em Londrina anterior ao Jd. União da Vitória:  - Parque Ouro Branco</p> <p>Tempo de residência no Jd. União da Vitória: 13 anos</p>
------------------------------------	--	---